

**Título: Curva**

**Autora: Anna Otto**

Paz!

Paz é o que não se tem desde que a gangue das peruanas se formou.

Assaltam, ameaçam, depredam, estupram e fazem arruaças.

A gangue das peruanas orgulha-se por ser a mais violenta gangue já criada aqui na Curva.

O nome gangue das peruanas tem origem no tipo de uniforme que eles vestem. Todos os membros usam blusas importadas do Equador. Nessas blusas têm estampas com um desenho típico da cultura Incaica que é o Deus Tumi. É por isso que eles chamam essas blusas de peruanas. Há divergências sobre o que o Tumi significava para os Incas. Alguns dizem que ele era o Deus do Sol e outros dizem que ele era o Deus do sacrifício humano.

O rapazinho não tinha nada ver com a história Inca e nem sabia da formação da gangue mesmo assim levou um tiro. Foi apagado para aprender a não usar a blusa sagrada com figurinha pagã indevidamente. Sendo o inverno aqui bem frio nada mais inteligente que criar uma gangue cujo uniforme seja uma blusa de lã. Embalagem confortável a serviço do terror. De longe eles são identificados. E temidos. Sendo uma organização com fins lucrativos e estando bem agasalhada a gangue das peruanas não tem pressa de encerrar o expediente. Trabalha até de madrugada. Mesmo quando esquenta, os membros da gangue não tiram a blusa. Temem a perda da identidade. Preguiça talvez. Maior trabalho vestir essas blusas com capuz. Juizes, policiais, executivos e padres também não se despem de seus uniformes mesmo quando faz muito calor. O que é o calor num país onde os mesmos códigos rígidos sobre aparência e figurino são observados e mantidos desde o período colonial? Quem é que vai querer abrir mão de um hábito capaz de encobrir diversas camadas de ausência de pudores? Tudo pela manutenção do status. Essa ganguezinha promotora do desassossego não é nada comparada às grandes gangues muito mais antigas, bem estruturadas e com muito mais capacidade de ação.

O mundo está cheio de gangues de todos os tipos. Gangues muito mais poderosas que roubam, matam e aterrorizam muito mais. Uma gangue é contra todos os que não fazem parte dela.

As gangues garantem já no ato de sua criação, recompensas para si mesmas e também um território próprio. Para se sentirem mais seguros os humanos abrem mão de seus direitos individuais e se associam em gangues.

À maioria das gangues são pessoas jurídicas muito bem estruturadas, não são como as pessoas físicas que nascem peladas e com destino incerto. Quanto mais especializada e nociva for à gangue, mais discreto será o nome por ela adotado.

O nome é algo muito importante, tanto pode servir de camuflagem como de meio de propaganda. Você jura que aquele grupo de pessoas do bem não é uma gangue. Mas é sim. Cada grupo tem seus próprios estatutos, normas de conduta e manual de instruções que podem ser alterados de acordo com as conveniências dos seus líderes.

Tradicionalmente às gangues são constituídas e denominadas de acordo com certos preceitos e padrões comportamentais a seguir descritos.

- **Baseadas na extensão da área que controlam** - denominam-se multinacionais, companhias S/A, e Grupo seguido de um nome fantasia ou sobrenome importante. Têm como finalidade o comércio e a expansão patrimonial. Visam o lucro não importa a que custo. Exploram pessoas, animais, solo, subsolo, águas, camadas atmosféricas, presente, passado e futuro das gerações. O mundo lhes deve dinheiro e apoio. Tais gangues se alastraram e se enraizaram de tal forma que nações inteiras passam a depender da presença delas em seus territórios para realizar trocas vantajosas com as gangues locais. Isso constitui um paradoxo mas o estudo do paradoxo é função de uma outra gangue.

- **Baseadas na atividade que desempenham** (ou deveriam desempenhar)

Estas usam siglas em vez de nomes explícitos. Exemplos: partidos políticos, organizações internacionais, alianças e uniões. São criadas e geridas para durar por toda a eternidade. A justificativa que elas tiveram para se organizarem era a preocupação com o futuro da nação. Uma vez no poder seus membros optaram por viagens a lugares exóticos, históricos ou simplesmente luxuosos para celebrarem a si próprios e a seus grandes feitos nunca especificados. Desvirtuadas, tais gangues, desprezam seus estatutos e normas de condutas mas recorrerem a tais documentos com o intuito de se defender quando ocorrem indícios de que outras gangues estão se formando com o objetivo de tomar-lhes o poder. Demagogos, políticos, mitomaníacos e psicopatas são os tipos comumente encontrados nessa categoria.

- **Baseadas no tipo de poder que exercem** - denominam-se tribunais, poder executivo, poder legislativo, comandos de cores diversas, exércitos, milícias, grupos terroristas. Violam, enganam, destroem, punem e intimidam utilizando-se de instrumentos de dominação sob promessas de proteção, distribuição de justiça e renda. Algumas dessas gangues querem poder, outras querem dinheiro sendo que algumas querem ambos.

- **Baseadas na camisa que vestem** - gangue das peruanas, times, torcidas e outros que se uniformizam para transmitir a ideia de coesão, marcar território e dar demonstração de força. Distinguem-se pelas roupas de marca e pelos acessórios que usam: bonés, capuzes, armas e distintivos. Querem poder, dinheiro, diversão, benefícios e mordomias. Estas gangues se caracterizam também pela baixa tolerância à frustração e pela intensa necessidade de obtenção imediata de prazer. Fazem apologia à curtição e à fruição do momento presente.

- **Baseadas na manutenção do sistema** - Visão a servidão humana.

Empenhadas na manutenção da estrutura, funcionam como mecanismos de geração de hábitos, atuam na restrição da liberdade e no processo de inibição de manifestações de inconformismo. Visam manterem para si próprios: cargos, vantagens, direitos etc. Denominam-se fundações, congregações, hospitais, casas de cultura, colônias penais, instituições fiscalizadoras entre outras.

- **Baseadas na liderança que exercem** - usam nomes inspirados em divindades, mitos e entidades metafísicas. O objetivo é induzir os membros à devoção e à fé inabalável. Essas gangues são responsáveis pela disseminação de discursos e práticas por elas elaboradas e tidas como relevantes cujos pressupostos são as pesquisas científicas, teorias filosóficas, textos sagrados e rituais diversos. Se nada disso funcionar partem para ameaças veladas, expulsão, excomunhão e chantagem. Fazem qualquer coisa para obter credibilidade e adesão com vista a manter privilégios para seus líderes. Não é muito vantajoso pertencer a esse tipo de gangue visto que as ações são convertidas em participação nos lucros provenientes de bens imateriais e sempre acabam por se revelarem promessas. Nada mais.

E nós que somos vulgarmente conhecidos como povo temos que nos submeter a todas elas. Vivemos como o rabo entre as pernas como dizia a minha mãe. Eu não gostava que ela usasse a expressão: rabo entre as pernas. Já na infância eu compreendia que os algozes estavam em toda à parte e os pobres dos cachorros tinham razão de sobra para terem medo.

A velha encurvada, no tempo parada, com as mãos na cintura, reclama que o tempo não dá pra mais nada. Aqui fica na Curva e grande parte do nosso potencial é utilizado para gerar filhos. Procedentes de diferentes árvores genealógicas eles são diferentes uns dos outros em cores e tamanhos mas o destino é quase sempre o mesmo de sempre. Respiramos poeira e aspiramos à perpetuação da espécie. Um sonho bastante ambicioso se considerarmos que a espécie é uma ameaça a si mesma. Acabo de ver um homem deitado na calçada. Alguém me disse que dormir na rua não é tão ruim quanto parece é o mesmo que dormir num quarto só que sem paredes. Depois que a pessoa está lá estendida, o corpo relaxa, a mente se adapta à situação e os olhos se acostumam com o ângulo de visão. Dá até para analisar tudo por um outro prisma e sentir pena das pernas que vão passando:

- tênis apertado, sacolas pesadas.
- sapatos de saltos, de saltos desgastados.
- gente correndo pra atravessar a rua.
- gente voltando pra casa, gente começando o dia.
- medo de ser atropelado, medo de ser assaltado.
- medo de chegar atrasado.
- banho tomado, mas não todo mundo.
- os velhos saem cedo eles que podiam dormir até mais tarde.
- gente ansiosa esperando ônibus, olhando no relógio.
- falando no celular.
- gente estressada dirigindo.
- gente perdida pedindo informação.
- gente dizendo que também não sabe.
- gente caminhando e comendo.
- gente fingindo não olhar.
- gente trombando um no outro.
- gente desviando um do outro quase uma colisão.
- uma colisão.
- buzina, freada, porta batendo.
- arrancada...
- chinelo arrastando.

- pensam que estão na casa deles.
- sirenes!
- não respeitam o sono de ninguém.
- tilintar de moedinhas que é bom nada.

O povo tem pavor de ser abordado por um pedinte logo pela manhã. Nem compensa acordar cedo à maioria tá de mau humor. A cama tava muito boa ou quem sabe ruim demais.

- é um vai e vem. É um vem e vai.
- vrom,vrom, vrom
- pernas são sempre continuadas por bundas.
- tem bunda que é privilégio pra quem tem e pra quem vê.
- e a barriga das grávidas...
- bela bolsa.
- perfumada!
- cheiro e barulho são coisas que entram na gente.
- papo cabeça!
- pessoas querem estar certas.
- gente gritando no orelhão, tá surdo, tá surdo.
- tô te ouvindo! tô certo? tem certeza? claro que sim!! claro que não!!!
- criança sendo arrastada pela mão, as perninhas curtas, os pés quase nem tocam o chão.
- crianças de todo o tipo e condição com suas mochilas escolares ainda irão aprender que à vida é dura. Muito mais dura que a calçada onde o cara que dorme na rua está deitado.

Pensando bem morar na rua significa morar na calçada. Mas o que eu queria mesmo era ter a esperteza pra dar um basta nessa minha pobreza. Digo minha porque é como uma batata quente grudada por mais que eu tente não consigo jogá-la pra longe de mim. Se bem que nem é minha já que eu não comprei pobreza de ninguém. Pobreza é coisa que deixam de herança pra gente.

Eu queria:  
uma ideia  
um corpo  
uma saída

Qualquer coisa que tivesse valor e que pudesse ser vendida. Não essas coisas velhas e usadas que tanto tento vender. Passa o dia e mal faço para comer.

roupa de morto

roupa velha desbotada

encardida

cerzida

mofada

mal cheirosa

rejeitada

Roupa que as patroas deram para as empregadas e que elas venderam pra comprar leite pra criança.

Na Curva vende mais quem vende o mais de graça possível.

E tem dias amenos em que há menos esperança ainda.

A velha encurvada no tempo parada diz que é vantagem comprar a prestação.

Está perto de quitar uma geladeira e um fogão.

"a gente nem sente, um ano passa logo, um ano já passou e o carnê quase acabou"

Difícil é tomar uma decisão concreta gruda no fundo do copo ou não passa pela garganta.

Dá uma pinga aí.

Diziam: dinheiro não dá em árvore, mas isso foi antes de inventarem o dinheiro de papel e a maconha e outras plantinhas que dão lucro e celulose.

Crianças, animais e ervas daninhas nascem todo o dia.

Do dia que nascemos até o dia em que morreremos nossa missão é comprar e pagar a vida à prestação. Para isso precisamos fazer de tudo para que uma instituição das mais sórdidas, denominada mercado de trabalho abra as portas para que possamos entrar. Não basta ter persistência e ficar dias batendo de porta em porta é preciso que haja preparação. O ritual inclui: passar por um processo de educação que pode durar a vida inteira. Investir no visual. Fazer muitos cursos. Quanto mais caros mais valem. É preciso fazer esforços que possam ser mencionadas como diferenciais numa autobiografia resumida denominada currículo. Nessa autobiografia tudo o que não for considerado positivo deve ser omitido.

Fome, piolho, sarna, caspa, dentadura, despejo, carrapato, barata, espelho quebrado, feijão com farinha a semana inteira vão para a pasta das informações suprimidas pelo inconsciente individual e coletivo.

O problema é que o que é positivo é um mistério que surgiu na revolução industrial e ainda não foi desvendado. As páginas da sua vida devem ser digitadas e impressas. Cartas de próprio punho escrita em papel de embrulho nem passam pela seleção feita na portaria. Currículo é assim cada um tem o seu. É só o que eu posso dizer sobre esse assunto. Nosso currículo será levado por nós mesmos ou pelo correio para conhecer o setor corporativo e descobrirá que o mundo está cheio de outros currículos. Alguns bem mais atraentes que o nosso. Todos participarão de uma festa chamada dança das cadeiras. Se chegar a vez de sentar e a pessoa não conseguir banco ela está fora. Mas isso é outra parte dessa mesma história. Para onde vão as almas dos currículos rejeitados e de todas as árvores mortas no processo de imprimir e de causar uma boa impressão? Para o purgatório. O purgatório é constituído de gavetas escuras, cheias de ácaros, traças e fungos. Outros irão pra lixeira, com sorte serão reciclados e utilizados na confecção de mais currículos. Os currículos virtuais passarão por um processo de desintegração cibernética. É assim que é.

Enquanto uns tiram notas altas, outros são notificados.

Classificados passam os dias lendo e sendo os desempregados. Alguns donos de currículos engavetados passeiam de ônibus e passam dias enfileirados. Voltam pra casa cansados mesmo sem ter trabalhado. Dá muito trabalho ser desempregado.

Encher uma página de experiências e diferenciais custa caro mas proporciona imensa alegria para as franquias e outras escolas de cursos livres de percursos, cronogramas e rendimentos incertos. Suponhamos que a pessoa use os instrumentos adequados e consiga fazer com que as portas do mercado de trabalho se abram pra ela. Coisa quase impossível para quem vive na Curva. Mas vamos supor que isso aconteça. As portas se abrem e o glorioso momento é chamado: admissão. Uma vez admitida à pessoa tem que se agarrar bem firme para não ser arremessada do posto arduamente conquistado no primeiro corte. Mutações ocorrem todos os dias e é preciso refazer a vida e o currículo o tempo inteiro. Isso gera gastos, desgastes e empréstimos e se não bastasse tudo o que se deve e se tem que fazer, ainda temos a barriga. Prisioneiros da cadeia alimentar somos todos. Alguns são prisioneiros de outras cadeias ao mesmo tempo embora isso não seja relevante para o

currículo deles. Enchi minha barriga várias vezes ao dia desde que nasci e não adiantou nada, está vazia de novo. Em inglês currículo é resumé.

Baby é preciso aprender inglês pra arranjar um subemprego na América do Sul. Baby I hate you.

Em síntese: é preciso comer menos e estudar mais para ter alguma chance na vida. Será que existe vida pra quem estuda muito e come pouco?

As teorias de aprendizagem são unânimes:

- Pessoa desnutrida tem problema de aprendizagem entre outros. Muitas mesmo estando bem nutridas não aprendem por falta de motivação ou por sobra de alunos na sala. Alunos barulhentos não aprendem e ainda impedem a concentração dos outros. E tem a maior atração, digo distração, digo televisão. A maioria das vezes é a televisão que assiste a pessoa cansada. Chego em casa e não sirvo pra mais nada. Durmo em frente à televisão ligada. Acordo e já é outro dia. Mais um capítulo da mesma jornada. Comer, estudar, viver na Curva tudo bobagem, bom mesmo é viver de passagem.

Estamos no tempo da portabilidade cada um pode pegar a sua maletinha e mudar de galho. Aqui essa moda pegou meio diferente. Faz se portabilidade de drogas e outras mercadorias legais que chegam de outros países, elas são tidas como ilegais só porque não dizem oi pros fiscais quando atravessam as fronteiras. Em vez disso ficam bem amoitadas para se protegerem da portabilidade muito pior que os fiscais fariam caso colocassem as mãos nelas. Tem também a portabilidade física de mão em mão os corpos passam depressa.

De passagem mesmo estão os médicos residentes na Maternidade Santa Cruz. Os juízes, os promotores, os assistentes sociais, os psicólogos e os fiscais aparecem de vez em quando para dar expediente e vão embora pras suas casas na Cidade Bela. Passagens curtas ou curtíssimas com direito a atraso na chegada e um chamado de urgência premeditado para findar o expediente o mais breve possível. Esse pessoal deve se sentir agoniado em meio a tanto pobre por metro quadrado. Agonia era uma palavra que eu não conhecia até chegar aqui. Conhecia a sensação não a palavra.

Aqui a palavra agonia é usada para exprimir:

- falta de dinheiro
- falta de condição
- falta de informação



Também para descrever sensações de tristeza, desconforto e precariedade:

- calor
  - roupa apertada
  - sapato fazendo calo
  - fome
  - incômodo causado pela cachorrada da vizinhança latindo
  - marido que em vez de estar trabalhando está dormindo
  - desemprego
  - dor crônica e aguda
  - preguiça, desânimo, cansaço
  - desespero e desesperança
  - alergia, coceira, dor de dentes
- e muitas outras precariedades.

Para todos os efeitos e defeitos a pessoa se diz agoniada. Então a definição dos termos fica assim: agonia, agonizante, agonizado e agonizando servem pra expressar tudo o que é demais ou está faltando.

Apagam se as luzes

Abaixa se a cortina encardida e mal cheirosa

Ponto final.

Sem aplausos, nem anúncio no jornal.

Agonia é a comédia da vida

Do famélico personagem cotidiano

Entra ano sai ano

Passa a faca corta a carne e fura o pano.

Camisa furada não vale nada mas o botão pode ser reaproveitado.

Usar o último real para ter a vida poupada às vezes é o que resta.

Menino pobre, olhar sombrio, sonhos de consumo e desejo de aparecer. O dia inteiro em frente à televisão, vendo gente bem vestida, vendo gente feliz da vida. Vendo corpo sarado, vendo malandro respeitado. Vendo a vida milionária, perde o respeito pela mãe, aquela ignorante operária. O pai desaparecido. Cedo já aprende a matemática: a pedra de crack custa dois reais, mais cigarro, mais pinga, mais um pão e o total. Dinheiro custa caro.

Quem dá mais. O resultado sai na coluna policial. Caso a pessoa assaltada tenha alguma relevância social. Se for um curvense ninguém dá atenção.

Quem são esses insignificantes para entupirem os canais de informação?

O povo em geral torce para que os moradores da Curva se matem, se violentem e roubem uns aos outros por aqui mesmo. Pensam que enquanto a bandidagem estiver circunscrita às Curvas, às pessoas de bem estarão a salvo. Medo e engano. Sempre existem os aventureiros que gostam de navegar por outras águas.

Outras praias. Outras piscinas. De outros lagos nunca antes navegados por gente da Curva. É preciso explorar outras margens e invadir terras ainda não muito batidas para pegar os habitantes desprevenidos usando relógios caros, bolsas caras, óculos caros, carros caros, fones de ouvido e outras iguarias agradáveis ao paladar dos ladrões mais exigentes e dos receptadores mais discretos e competentes.

Vamos ali dá um rolé e roubar um rolex?

É gente caçando gente e isso não é bonito. Eu já não gostava de história de gente caçando bicho. Mais tive que aceitar que o mundo é o que é. Não depende da minha aprovação para existir, nem eu mesma dependo da minha aprovação para existir. É pobre engolindo pobre. É ladrão saindo pelo ladrão. É a igreja dando bênçãos e cem anos de perdão. Tudo de ruim que acontece não pede autorização para acontecer. Nas esferas mais esféricas do poder, contrata-se estrategistas para elaborar projetos de catástrofes de âmbito nacional a serem desencadeadas em momentos precisos e com isso desviar a atenção do povo. Estes preciosos momentos são chamados de tragédias orquestradas. Todo início de ano tem foguetório, uma arte muito utilizada a serviço do Poder de Fogo. Os fogos de artifício promovem alegria artificial e passageira. Enquanto o povo fica olhando as luzes e explosões no céu, os ladrões se divertem na escuridão da terra e passam despercebidos. Trata-se da evolução tecnológica do conceito de pão e circo.

O mundo da magia. Dinheiro vira fumaça bem na frente dos olhos da multidão que aplaude hipnotizada. É tanta celebração. Todo mundo quer festa e não tá nem ai pras causas e consequências de tal feriado. Nem pros feridos nesses eventos.

O pesadelo já passou vejam um ano novo já começou. Ano novo, vida nova para os que nascem e para os que morrem. Tempo de recomeçar. O que eu vejo é todo mundo

continuando no ponto onde estava. De novo mesmo só as novas contas para pagar e as dívidas velhas renegociadas.

A igreja se faz de santa apoiando a procriação ilimitada. O clero descansa em paz, com a vida garantida, sem filhos, nem família pra sustentar e pode se dar ao luxo de viver na base do venha a nós o vosso reino enquanto incentiva a população a continuar se reproduzindo à vontade. O clero não procria mas cria caso, cada vez que alguém tenta de alguma forma conter o ritmo desembestado com que a espécie humana está se proliferando. Haverá céu e inferno suficiente para tanta gente? Claro que o clero acha a procriação divina, quanto mais rebanho mais ganho. Os do Clero não sabem o que é ser desempregado, não sabem o que é viver em filas, não sabem o que é viver em barracos em Curvas sujeitos a secas e chuvas. Não sabem o que é ter um filho perdido para as drogas ou assassinado. Esperto o Clero. Proíbe a si mesmo de ter filhos para assim poder desfrutar do paraíso na terra, sem ter que se preocupar com a vida nem com o futuro dos seus descendentes. Queria ver se cada padre tivesse seis filhos ou mais pra alimentar, pra mandar para a escola, pra levar ao dentista, pra encaminhar na vida. Pai, enviai-nos as vossas bênçãos. Só que eles egoisticamente desfrutam das bênçãos recebidas e não precisam dividi-las com filhos rebeldes, esposas paranóicas e outros dependentes. Levam a vida na boa. Paz, paz. É o que eles têm. Nós não temos paz. Temos é desapontamentos, contas a pagar, filas a enfrentar e dores a superar. Dores pela perda de parceiros, filhos, irmãos e amigos, mortos em guerras de todos os tipos. Eu era ainda criança quando percebi a enorme diferença entre ser filho de Deus e pai e ser filho de Deus e pai mortal. Todos eram iguais diante de Deus. Só que eu e minha família formada de pai mãe e oito irmãos íamos para a missa a pé debaixo do sol quente e poeira. Ou debaixo de chuva. Quando estava muito frio. A conga molhada deixava as pegadas no chão branco da geada. O padre ia de Toyota. Era dele o único carro em frente à igreja. Na hora do vinho e pão ele ficava com os dois e os fiéis só com o pão que nem é pão de verdade. Mas o vinho é. Descobri que os membros da igreja estudavam nas melhores e maiores escolas. Alguns meninos pobres da comunidade tentavam em vão convencer o padre de que tinham vocação e ouviam um desanimador “falta a você o dom do sacerdócio meu filho”. Quando cresci e tive a oportunidade de saber como realmente viviam os filhos de Deus mais favorecidos fiquei impressionada. O que mais me chamou a atenção era que praticamente todos passavam uma temporada morando na Europa,

viajavam de avião, moravam em casas amplas e ventiladas, protegidas por grades e muros. Nos lugares mais bem localizados. Como eu os invejava. Eram eles, os padres, os que tinham acesso aos livros. Dispunham de bons eletrodomésticos. Usavam roupas confortáveis. Recebiam os melhores tratamentos quando adoeciam. Tinham serviços para realizar a manutenção das igrejas e para cuidar das atividades domésticas. Alimentavam-se muito bem e na hora certa. A isso davam o nome de disciplina. Os do clero tinham computador, máquina fotográfica digital, telefone e internet bem antes dessas coisas terem se tornado acessíveis ao povão. Mudavam-se de vez em quando sem o transtorno de ter que carregar a mudança. Em outra cidade haveria uma outra linda casa esperando por eles. Participavam de reuniões culturais. Celebravam todas as festas religiosas. Muitos viviam romances clandestinos com mocinhas ingênuas que achavam que ao se relacionarem com padres estavam sendo tocadas por Deus através de seus emissários. Pergunto: porque é que eles que fizeram voto de pobreza vivem na riqueza e eu que fiz voto de riqueza vivo na pobreza?

Mas como eu ia dizendo: meninos e meninas pobres de barriga vazia assistindo toda aquela alegria na televisão, festa, badalação, belas paisagens, carro potente, big party, bebida a vontade, big brother, os sonhos dos outros se tornando realidade, piscina, luxo, roupas da moda, academia, romance e êxtase. Envergonham-se de suas mães pobres desdentadas que trabalham muito quando trabalham de empregada.

Encerra se o espetáculo desliga se a tv.

Baixa-se à cortina encardida.

Quando eu crescer ficarei rico.

Aqui nessa Curva eu não fico.

É pura nitroglicerina.

Eu sou pobre, me esforço, trabalho e não tenho culpa de nada, acabo sendo assaltada.

Cortesia! Assaltam também a minha freguesia.

É o dinheiro mudando de mão, entrando para outras rotas de comércio.

Promovendo outros tipos de satisfação.

Nem sei de que lado eu fico:

- do pobre vagabundo

- do vagabundo pobre

- do coitado do pobre

- ou do podre de rico

O pobre do rico que vai precisar reforçar a segurança do seu paraíso particular e mesmo assim será amordaçado.

Pobre ou rico e eu nem sei de que lado eu fico.

Acabo ficando com medo e só.

Hoje não. Respondo ao pedinte.

e ele abusado: quando então? E me olha dentro dos olhos como se eu tivesse a obrigação.

Hoje não. É uma resposta pouco definitiva eu sei.

Mas se eu digo:

- nunca

- talvez outro dia

- dane-se

- também tô pedindo

- vá pedir pra sua mãe

- foda-se

ele não ficará satisfeito.

Nas ruas hoje em dia pedir é direito. Dar é legítima defesa.

"Art. 23 - Não há crime quando o agente pratica o fato:

I - em estado de necessidade;

II - em legítima defesa;

III - em estrito cumprimento de dever legal ou no exercício regular de direito"

Recorro às minhas últimas moedas e me salvo pelo menos dessa vez. Uma vez por mês tem na Cidade Bela, teatro de graça, pode ir quem quiser, inclusive a ralé. Chama se projeto de formação de platéia. O projeto de deformação das ideias existe aqui mesmo na Curva, nem é preciso viajar.

O projeto de formação de platéia é uma boa ideia no meio da podridão.

Mas pobre é tão desgraçado que pra pagar a passagem do ônibus tem que vender o calçado.

Acaba não indo ao teatro por ter vergonha de andar descalço.

Mas eu acho que vale qualquer sacrifício pra aproveitar um benefício que visa à inclusão.

Pobre não faz nada na vida se não tiver determinação.

Ninguém devia se envergonhar de andar de pé no chão. O problema de se andar descalço é a poluição.

Todo o vômito, todo o lixo, toda a urina que cobre o calçadão.

O espírito humano enche o palco e a platéia.

A arte é a última prova da existência de um espírito humano.

Acaba-se o ato.

Baixa-se o pano.

Encobrem-se os erros com panos quentes.

Faz-se o bem e o mal em nome da cultura e da civilização.

Educado é ser discreto e fazer tudo por debaixo dos panos.

Os corpos dilapidados caem na sarjeta e a alma escorre pelo cano.

Cano de revolver é comum, todo mundo de vez em quando vê um.

Se não vê sente aquele círculo frio nas costas. Estímulo tátil pra deixar a vítima mais propensa a contribuir.

Sorria você está sendo assaltado. Faça de conta que gosta. Nunca leu o Segredo? Não mas tenho tanto azar que dá até medo. Mesmo sendo assaltado você tem que sorrir porque pelo que diz no Segredo foi a sua negatividade que acabou de atrair tal evento.

E tem mais: ladrão detesta drama.

Para ele trata-se de uma simples equação:

"Você me passa o seu dinheiro e eu retribuo o favor deixando pra te matar num outro dia. Vire-se meu irmão não tô fazendo nada de mau, só tô lutando pelo meu pão". A pessoa pra não morrer de revolta usa frases típicas: perdi o dinheiro mas continuo vivo. O importante é a vida o resto a gente corre atrás.

Vivo para continuar pagando as contas, mas não livre de mais um assalto.

Pode acontecer de na próxima esquina você ouvir mais uma vez "mãos pro alto". Pode acontecer em qualquer ruazinha clara ou escura, num canto, num muro, num poste. Goste ou não goste. Tem uns que nem avisam que você está sendo assaltado. Quando você cai na real eles já foram com os seus reais.

Você pode gritar até a garganta ficar rasgada mas ninguém ouvirá.

As janelas estarão fechadas.

E as televisões ligadas.

Todos assistem à violência show na televisão e perdem o espetáculo ao vivo e gratuito bem em frente ao portão.

Socorro, socorro (errado tem que gritar fogo, fogo)

Como é que não lembrei disso antes?

Mas teve uma que gritou fogo, fogo quando estava sendo assaltada e quase foi crucificada. Como ousa mentir com essa cara deslavada!

Mas eu estava sendo assaltada e se gritasse por socorro não ia ser ajudada!

- Problema seu, mentiu agora vai ser processada, pra aprender a não criar pânico na vizinhança. Sua mentira tirou os corpos dos bombeiros de seus postos, eles poderiam estar se dedicando a causas mais importantes como fogo verdadeiro.

O fogo que os consome. "por favor me ajude eu estou ferida".

- Foda-se gente mentirosa tem que ser punida.

Era uma vez um restaurante chinês que pegou fogo.

Sebastiana a empregada virou torrada.

A única arte de que tinha noção era a arte da ralação.

Ralava legumes o dia inteiro.

Ninguém podia dizer que a vida dela não tinha tempero.

Era tanta cebola, gengibre, óleo de gergelim e shoyu.

Ninguém podia dizer que ela não fedia nem cheirava.

Quando aparecia o cheiro recendia.

Morreu na explosão e pela primeira vez foi fotografada e nem pôde posar numa boa posição. Saiu na foto carbonizada, cinza no chão. Não tinha importância, não tinha quase nada a não ser o título de empregada. Importância não importa no contexto da história da humanidade todos e até os ricos e poderosos não significam nada. São apenas alvos ambulantes.

Sebastiana econômica até na morte nem precisou ser cremada.

É fogo. Ela nem brincou com fogo e se queimou. Ela que levava o fogão a sério.

Mesmo na Cidade Bela tem gente dormindo na rua e foi aí que me ocorreu uma pergunta: como será que se chama a poluição noturna do homem que dorme na calçada o dia inteiro com a mão por dentro da calça?

Acho que se chama poluição diária.

- Querido diário hoje abri os olhos algumas vezes e sempre aquelas pernas dos passantes indo e vindo, vindo e indo, umas indecisas, umas atrapalhadas, umas bem determinadas, não passavam de passos mais eram pessoas passando...

Diversas cores de pernas de diversas espessuras, umas feias, outras com alguma formosura, todos os tipos de panos, indo e vindo, vindo e indo, cada uma com seus cada quais: sapatos, botas, chinelos, sandálias, tênis, calçados muito apertados, calçados grandes demais, barra de calça bem feita, bem passada, outras já corroídas, arregaçadas. Tinha uns sem perna e uns com pernão de dá gosto. Mais logo não gostava muito da paisagem fechava os olhos novamente. Tem horas que todo mundo é sombra e aí a gente não vê mais nada. Dai sonhei que o mundo era todo de sombra e água fresca, o mais engraçado é que as árvores tinham pernas e iam e vinham. Também tinha sol no sonho, o sol batia em mim e me amornava e a água do sonho era água mesmo como é na realidade, fria e molhadeira. Na vez seguinte que acordei percebi que o sol tinha passado, e tinha caído uma chuva. Meu sonho era realidade ou a realidade é que era sonho, isso não importa, o sol e a chuva e o sonho são coisa do passado, daí já estava anoitecendo, hora de faturar no congestionamento, que é quando todo mundo já tá cansado demais pra manda você praquele lugar. Também tem a coisa do dever cumprido, se a pessoa já cumpriu o dever dela não vai querer que eu não cumpra o meu. Isso é o que eu acho mais cada um tem a sua metodologia. Mas ai eu continuava cansado e quando abri os olhos muitas outras pernas já tinham se passado. Achei melhor me concentrar em ficar acordado, ninguém dá dinheiro pra quem tá dormindo. Tem que ficar acordado mostrando necessidade e interesse. Agradecer faz parte, mas é opcional. E nem adianta lamentar pernas passadas, pernas passadas não atiram moedinhas. Pra encerrar posso dizer que o dia de hoje foi meio fraco em termos financeiros.

Todo mundo passa o tempo inteiro pensando em ganhar dinheiro.

O moço que vende coxinha enquanto espera pelo troco dá uma coçadinha. Vigilância sanitária nele!!! Que nada que mal há em uma simples coçada. Homens que não vendem coxinha também fazem isso e ninguém diz nada.

A velha da Curva no tempo parada anunciou a chegada de mais uma estação "vim vender o meu casaco o frio já passou". Já era tempo de iniciar uma nova era.

No começo do verão tirei umas férias e fui à praia pegar insolação.

Não que essa fosse a intenção.



Isso acontece por causa da obrigação de ficar bronzeada em poucos dias.

Voltei das férias, ainda mais estressada, é nisso que dá visitar a parentada.

Em matéria de Curva todas são muito parecidas embora tenha umas menos piores, que custam mais caro.

As melhores curvas do mundo são aquelas com vista para o mar. Costumam ser as mais violentas por causa da disputa territorial. Muleta de culpado é desculpa.

Eu que pensava que para trabalhar bastava querer. Mas o buraco de entrada no mercado de trabalho é só para quem mora na borda ou para quem encara trabalhar de porteiro ou em puteiro à noite. Para ambos é preciso ter boa aparência e experiência. Duas coisas quase impossíveis de acontecerem simultaneamente. Ou sobra uns quilos ou falta uns dentes. Meu amigo Renato disse que se o Shakespeare quisesse dar aula de inglês num bairro hiper nobre e morasse no bairro hiper pobre era bem capaz de ser rejeitado. O Renato disse que não gosta de ficar na mão de selecionador de pessoal.

De repente o selecionador olha pra ele acha que ele tem cara de Árabe e pensa: esses turcos são uma raça difícil. Assim ele Renato de Sousa um orgulhoso descendente dos Mouros que habitaram a Espanha por volta do século IX, agora um mero brasileiro nato e desempregado é descartado, tudo por causa da cara de turco que ele nem queria ter se tivesse tido a chance de escolher.

Mas o trabalho do qual eu quero falar não é esse de convencer selecionador de pessoal sobre o quanto podemos ser lucrativos para a empresa. O trabalho que me causa espanto é o trabalho de parto. Trabalho de parto é emprego fácil de conseguir na Curva. Na vida das curvenses começa cedo a parição. A aparição de mais uma criança não gera grandes preocupações. Às vezes gera renda e fraldas e fraudes no DNA para provar uma paternidade incerta e não sabida. É tanta bolsa do governo que o estourar de mais uma bolsa d'água é até motivo de aplausos e fogos de artifício.

Haja artifícios! Mesmo assim todos se convencem de que é mais um evento feliz.

As palavras: parabéns, benção, alegria e saúde são as mais empregadas em tais ocasiões. Ninguém menciona que a criatura recém-chegada vai ter que superar muitas desgraças, muita rejeição, encarar o desemprego e entrar na lista dos que recebem esmola governamental em troca de um comportamento passivo.

Nasce então mais uma pessoa que irá viver, poluir, depredar, depredar-se, reproduzir, reproduzir-se e quem sabe sobreviver por uns 70 anos ou mais. Ou menos porque na Curva como no resto dos mundos de baixo calão pode-se morrer de fome, de acidente e de doenças já há muitos anos erradicadas dos anais da imprensa oficial. Nada contra anões, devíamos ser todos pra ocupar menos espaço. Com menos uso do espaço vertical, ônibus, trens e metrô poderiam ser de dois andares e andariam bem menos lotados.

bolsa família

bolsa escola

luz solidária

auxílio gás

programa do leite e tantos outros programas para a população de baixa renda e alta capacidade reprodutiva.

Acontece de a bolsa estourar antes mesmo do aniversário da bolsa estourada no ano anterior.

Quem dá mais

Quem dá mais

No bolsão da pobreza tanto faz!

No portão de saída do estacionamento do supermercado o noiado pedia e quando não ganhava dizia: "sai logo, não tá pagando não fica trancando".

Aqui é a Brecholandia. Existe uma diferença entre brechó e loja de coisas usadas. Mas cuidaremos das distinções quando estivermos elaborando o dicionário ilustrado da Curva. Já são tantas as distinções entre sexo, raça, religião, tamanho, peso, idade. Morar no centro ou na periferia da Curva. Pegar o ônibus ou não. Ter emprego ou não. Trabalhar no serviço pesado da cidade ou ser da pesada na cidade. Acima do peso é xingamento aqui também. Bonito é dizer gordo em inglês: overweight. Overweight é quem tá chamando.

Trapo de luxo e todos os thrift shoppings em inglês. Alguns têm nome de novela e se os estudiosos de antropologia fossem fazer um estudo etnográfico descobririam que foram abertos quando a novela estava sendo exibida. Muitos nem sobrevivem o tempo de uma novela. Pequenos negócios grandes falências.

Conjuga-se o verbo falir. No presente, pretérito perfeito e pretérito imperfeito.

<b>Presente</b>	<b>Pretérito perfeito</b>	<b>pretérito imperfeito</b>
Eu falo	eu falei	eu falia
Tu fales	tu faliste	tu falias
Ele/ela fale	ele/ela falou	ele/ela falia
Nós falimos	nós falimos	nós falíamos
Vós faleis	vós falistes	vós falíeis
Eles/elas falem	Ele/ela faliram	eles/elas faliam

Pois é! E não é que existe pretérito perfeito na falência e às vezes parece com o verbo falar. Língua estranha mas o verbo é conhecido.

É aluguel, é roubo, é inveja, é competição, é praga de cliente insatisfeito, é difamação, é processo da prefeitura querendo contribuição, é briga entre sócios, é falta de uma boa administração. SEBRAE nosso que estais no céu. Mas tem brechó que sobrevive a todos os dramas, especialmente os que recebem bastante doação. Tem os que adoram caridade na hora de receber doações mas não fazem caridade porque são empresas com fins lucrativos. Muitas lojas de roupas usadas morrem novinhas em folha. É tanta inovação na hora de vender coisas velhas que os empreendedores deveriam concorrer ao Oscar Publicitário. As donas de brechós com aquelas caras de empresárias da maior relevância, por preconceito próprio e dos outros posando de grandes executivas, avaliando os trapos do outros como *démodé* e *out of fashion* e superfaturando os trapos recém adquiridos como sendo de última moda, peça de alta qualidade ou preciosidade.

Vende-se roupas usadas e velharias, coisas seminovas ou não.

Compra-se e vende-se baratinho porque dinheiro é que é raridade. O que não é raro é a necessidade de se desfazer das calças pra comprar cigarro, leite, remédio, comida e vale-transporte pra ir atrás de emprego. Surreal seria um sonho em que um emprego corresse atrás da gente. A coisa mais assustadora.

E a pessoa gritaria: Oh! E agora, quem poderá me defender? E apareceria o Chapolin protetor dos desempregados dizendo: eu! E passa a bater com sua marreta biônica no emprego perseguidor dos pobres e oprimidos. Só em sonho mesmo. Deve ser febre é preciso comprar mais aspirina na farmácia.

Não é todo dia que se ganha mas todo dia é preciso gastar na farmácia, no mercado ou no bar. Entre os legalmente constituídos: farmácias, mercados e bares são os negócios mais promissores na Curva. Teoricamente para vestir os pobres qualquer coisa serviria desde que servisse, mas não é assim que funciona existe muita exigência, negociação e sonho de consumo envolvido. A roupa tem que ser da moda da estação de agora ou de algumas atrás. Nesse momento não estão comprando nada cinza, vermelho ou bege. Mas se estas forem às cores da moda na próxima estação as peças até então rejeitadas serão as mais procuradas.

Aqui na Curva as curvas também desaparecem e a reclamação diante do espelho embaçado é geral. Mesmo quem não tem nada não quer ter um corpo gordo.

Papo de vendedora: Imagina ninguém aqui vai ser modelo mesmo, o bom é que podemos comer a vontade. Tem gente que prefere ser vendedora de qualquer coisa, ganhar comissão, não conseguir cumprir metas e coisa e tal só pra não ter que ser empregada doméstica e com isso cair de posição social. Cair na real, cair da real, queda é queda. Mas há tão pouco a se fazer para emagrecer. Comida de pobre é calórica e na maioria das vezes é o único prazer que se tem. Come-se por que o dinheiro só dá pra comprar comida. Come-se por frustração. Come-se por diversão. Come-se por carência. Come-se por autopunição já cansada de ser chamada de baleia e de canhão. Calorias vazias, vidas vazias, estômagos pedindo mais. Vazios que engordam. Vazios que se ampliam.

Mas não é só comida que engorda porque uma senhora obesa mórbida me contou que só tinha cem reais de renda mensal e com esse dinheiro vivia o casal de gordos. O que eles menos faziam era ter o que comer e mesmo assim estavam frequentando as reuniões de preparação psicológica no hospital público para serem submetidos a uma cirurgia de redução do estômago. Isso é uma ótima estratégia governamental. Estômagos ajustados às condições orçamentárias individuais. Nada de estômago enorme e dinheiro nenhum pra comprar comida.

Nada de portar um mini-estômago quando se tem uma carteira estufada de dinheiro. Saco vazio não para em pé e nem enche por conta própria. Às vezes me pergunto se poder ouvir é mesmo melhor do que ser surdo. Nada posso fazer além de ouvir. Lamento, mas não lamento.

Quem mandou ser pobre?

Já sei, já sei, ninguém mandou tudo aconteceu quando alguém deu vida sem ter condições mínimas de viver. A moça revoltada porquê o médico tinha escrito no braço dela o endereço do hospital para onde ela deveria ir dar a luz, teve que ir andando até o hospital e como a estrada era íngreme ela perdeu o filho pelo caminho e deu trevas. Daí queria processar o médico coitado que só estava economizando árvores por ser um ambientalista super correto que foi muito mal compreendido. Onde já se viu mandar mulher parindo pegar ônibus e ir pra outro hospital. A revolta foi geral. Contra o médico, mas deveria ter sido contra a mulher. Se ela não tinha condições de pagar um táxi para ir para o hospital não deveria estar colocando filho no mundo. Se ela não tem como pagar um táxi como é que ela vai criar um filho? Ela vivia com o cara há anos e só agora iam ter um filho. Porque é que eles não se prepararam? Resposta: o pessoal acha necessário ter filho e não vê necessidade nenhuma de ter condições financeiras e emocionais para criar um filho. Se abóbora e milho precisam de preparo e cultivo para que possa haver produção, imagina filho! Deus é pai, o governo é pai, a sociedade pagadora de impostos é pai, até que falta ambulância num dia pouco auspicioso e a casa do doutor que escreve em braços de grávidas cá. Caso o conselho decida queimar o Diploma dele, haverá ainda mais desperdício de papel. De um dia pra outro tudo pode acontecer. Mas não acontece nada de bom ou de melhor. O que é ruim acontece repentinamente. Não gosto de palavras terminadas em mente. Mas gosto da palavra Mente por si só, não enquanto mente de mentir. Mas a pura e simples Mente, essa coisa estranha que usamos a nosso favor ou então somos usados por ela. Mente esse equipamento que transforma o mamífero em gente. Que ajuda a gente a diferenciar um promissor de uma promissória.

Na Curva todo dia tem luta.

luta-se pelo óbvio que é a sobrevivência;

luta-se por um assento na condução;

luta-se por remédios nos postos;

luta-se contra a inundação e a poeira;

luta se contra o calor no verão e contra o frio no inverno ou em qualquer estação;

luta-se contra a sujeira;

luta-se contra a maledicência própria ou alheia;

luta-se pra parecer bonito porque em lugar nenhum é bonito ser feio;

luta-se contra a gordura esse inimigo íntimo e efeito colateral.

luta-se contra o desanimo e a canseira.

Quando não tem luta tem luto.

Na Curva tem gente boa.

Tem gente limpa.

Tem gente que limpa as casas alheias.

Tem gente que não fede nem cheira.

Tem gente que só fede e gente que só cheira.

Tem gente que se escafede ou é colocado pra correr.

Tem gente que sai da Curva por medo de morrer.

Tem gente quem vem pra Curva tentando escapar.

Tem gente que cria, tem gente que serve de criado.

Tem gente mal criada, mal remunerada, maltrapilha e maltratada.

Tem gente que trabalha duro e gente que não vale nada.

Na boa, não estou julgando, só constatando. Mas acima de tudo tem gente abaixo da linha da pobreza, andando de cabeça baixa, com um bebê nos braços, um na barriga e um atrás do outro. Quando vejo a superlotação na maternidade me pergunto como é que essa gente se dá ao luxo de transar sem usar preservativo nem contraceptivo?

Talvez porque gostem.

Talvez por recreação.

Talvez por acharem que é bom.

Talvez pra se sentirem mais vivos se arriscando a produzir mais vida.

A pergunta é: será que é bom para as crianças nascerem e viverem todas as penúrias de uma vida de pobre por causa de um sexo que outros fizeram.

É duro ter nascido duro, fruto de uma trepada rápida, de uma gravidez não planejada, de um casalzinho que só queria dar uma metida e no processo gerou uma vida. Vida essa que teremos que chamar de nossa e vivê-la podendo ou não.

Filho feito é problema pro resto da vida. Mesmo os que dão alegria darão tristeza.

Na Curva quem não é vítima é vitimado.

Filho pode vender droga ou ser drogado.

Filho pode dar tiro ou morrer assassinado.

Filho pode ter emprego mal remunerado.

Filho pode passar a vida toda desempregado.

Filho pode gerar outros filhos para os avós cuidarem.

Filho pode desaparecer e nunca mais ser encontrado.

Filho pode desprezar pai e mãe e se juntar a uma gangue.

Filho pode nascer com distúrbios físicos ou mentais.

Filho pode ser o gosto e o desgosto dos pais.

Filho pode até ter sorte e ter um destino não convencional para a grande maioria que nasce, cresce e morre na Curva. As coisas se invertem, se deslocam, se convertem e as exceções são tão raras que nem apareceriam em amostras significativas de dados estatísticos. Aqui ninguém faz pesquisa um pouco por causa do acesso difícil e também por medo de sair fazendo perguntas pelas ruas da Curva e acabar no cemitério clandestino que todos sabem onde fica. Nem vou entrar no conceito de clandestinidade adotado aqui na Curva. Muitas vezes mudança de destino significa mudar de uma Curva para outra. Tem gente que chama as Curvas de cidades dormitório mas isso é apenas um dos aspectos evidenciados e tem por finalidade minimizar a noção do que seja desperdício de vida. Uma Curva é um lugar dos mais complexos. Também tem uns complexos penitenciários por perto. Por serem geralmente grandes os complexos penitenciários precisam de espaço a céu aberto para contrastar com encarceramento e superlotação. Tem gente que acha que cadeia é a solução, mas não é em matéria de progressão. Leva-se bem menos tempo pra se fabricar bandido que pra construir alojamento para eles. Ou seja a produção de bandido é acelerada a construção de cadeia não é. Cadeia é uma instituição com fins paliativos. A obra é sempre superfaturada. Acontece que está sempre faltando espaço e nunca falta quem por no espaço caso ele exista. São tantos os prisioneiros.

Todos produtores de herdeiros. Filhos que serão pais de filhos de vidas curtas ou longas e sem futuro desde muitas gerações. Muita gente ao dar a luz já está eletrocutando. E no hospital e maternidade Santa Cruz tinha umas mães que tinham dado umas luzes que já nasceram se apagando. Tudo é determinado pelo saber vigente na Curva que nada sabe se não já tinha se endireitado.

Clan-destino, destino do Clan na Curva. Clandestina é a sua avó, meu pai é só ilegal mas ele não fez nenhum mal, nem nenhum bem.

Volto para o balcão de mau humor e o saco cheio de roupas a serem vendidas o quanto antes pra eu ganhar uns trocados e me livrar do cheiro de bolor.

"moça guarda essa peça de um real pra mim que na semana que vem eu vou pegar um dinheiro e venho comprar ela".

Bolor: denominação comum a fungos que vivem de matérias orgânicas por eles decompostas; mofo, bafio (não vou citar a fonte por que esse dicionário usado veio sem capa). Vou tentar vendê-lo assim mesmo. Vendo uma peça inteira de roupa por um real passo na quitanda e dá para comprar uma manga.

Minha filha de deus eu tô muito velha pra trabalhar e muito nova pra me aposentar. Essa vida acabou comigo dizia outra velha encurvada pelo peso do tempo. O tempo na Curva pesa muito mais. Por questões aerodinâmicas. O pai ganha um salário pra sustentar três ou mais. Quem quer pra empregada uma mulher desdentada?

Quem vai querer para namorada uma mulher desdentada?

Dente é um problema recorrente na Curva. Raramente se tem a quantia certa de dentes. Ou se tem muitos e encavalados ou se tem várias faltas. Às vezes não se tem nenhum. Na Curva, flores de plásticos enfeitam casas bonitas de mentira e vidas tristes de verdade. Tanta coisa perdida em meio ao caos social. E já que ninguém tem dinheiro como explicar a fila quilométrica em frente à lotérica. Dinheiro que era pra até o final do mês não passa do dia seis. É a matemática da curva:

"Moça quanto é esse bermudão" Respondo: três reais.

A pessoa pergunta: e a de um reais não tem mais?

- Moça quanto é essa blusa.

Respondo: um real

E a pessoa: só que hoje tô sem dinheiro.

Se for alguém que eu sei que paga digo: não faz mal pode levar que eu anoto e você me paga no final do mês.

- As crianças foram pra escola, só que dá mais pedir esmola diz a mãe se referindo aos filhos que vão para escola pra não perderem o auxílio que recebem do governo.

- Moça pelo amor de deus me arruma uma roupinha pras minhas crianças.

Digo: a senhora não está me entendendo eu não dou roupa, eu vendo.

É que a gente tem muita criança pra vestir, você não tem filho não?



- Não filho eu não tenho não, mas eu pago aluguel, tenho pai pobre, mãe pobre e um bando de irmãos que não deram em nada. A mulher insiste: nem que sejam só algumas pecinhas dessas bem baratinhas.

- A senhora não está entendendo eu não ganho roupa, eu compro pra revenda.

Outra mulher chega oferecendo roupa precisa de dinheiro pra comprar remédio e comida.

- Quanto à senhora acha que eu pago pra poder vender por um real a peça?

É gente que não acaba mais morando no quintal dos pais.

São tantos os desocupados vivendo as custas de velhinhos aposentados.

Na outra casa uma ironia, todos vivendo da aposentadoria das irmãzinhas que nasceram com paralisia. A família inteira tem como única renda mensal à aposentadoria das gêmeas nascidas com paralisia cerebral.

Muita gente na Curva sobrevive de trocar roupa velha por roupa usada. Trocam roupas que ganham dos parentes por outras mais largas ou mais apertadas.

Muita gente sobrevive de comprar roupa usada de um real no brechó e ir vender no sítio por um pouco mais. Outros de roubar roupa no varal e vender por um real ou mais, isso não se deveria fazer, mas se faz. É a economia da Curva.

Tem gente que compra uma peça de roupa usada na promoção, veste pra sair no final de semana e na segunda feira, vem devolvê-la e pedir o dinheiro de volta. Ética pra quê era roupa usada mesmo. Assim as criancinhas que aprendem mais com o exemplo, do que com sermão aprendem cedo que é preciso obter vantagens em qualquer situação.

Atividade física mais praticada pelas mulheres da Curva: carrinho de bebê *race*.

A menina linda mãe de outra menina linda tinha um cabelo muito bonito, longo até a cintura. Mas um dia numa esquina foi abordada por uns que são considerados os marginais da Curva. Eles disseram: passa o cabelo moça. Ela não acreditou e passou a bolsa. Eles levaram a bolsa e o cabelo. É a matemática da Curva. Quatro gerações padecendo de falta de dentes.

A velha encurvada teve muitos filhos.

Os que não morreram moram na Curva e sobrevivem.

São pessoas dignas e honestas. Ocupadíssimas na manutenção da mais uma geração de dignos e honestos porém nem tanto. Os tempos são outros e não se fazem mais velhas da Curva como antigamente.

A velha de sessenta e oito anos orgulha-se de ter: oito filhos, vinte sete netos e sete bisnetos, sendo que a bisneta mais velha já está com 13 anos.

Fazem filhos igual biscoito.

E de-lhe coito não interrompido, nas casinhas apertadas, cheias de gente, dormindo em pequenas multidões nos quartos-salas de estar e permanecer até que as coisas caiam do céu. Interrompido mesmo foi o trânsito na BR que atravessa a Curva, depois de carros terem atravessado pessoas que estavam atravessando a BR de um lado para o outro.

O nariz ardeu por causa do cheiro de combustível e pneu.

Queimaram na hora da volta pra casa. Hora do retorno é um transtorno.

Ninguém saía, nem entrava nos ônibus da Curva. A fumaceira em frente ao supermercado. Na esperança de que as autoridades resolvessem o problema para que o homem mais rico da Curva não tivesse prejuízo. Não tem semáforo, nem passarela como se quem estivesse em trânsito não tivesse que se dar ao trabalho de parar para que os Curvenses possam chegar ao outro lado da estrada com vida. Tanto empurra-empurra pra voltar pra casa, será que é mesmo tão bom voltar para frente da televisão? Mas a pressa de chegar em casa se dá porque a pessoa sabe que em poucas horas terá que sair. Todos os dias os ônibus vêm vazio da Cidade Bela enchem de gente e levam pra construir, limpar as casas, cozinhar e cuidar de crianças. Levam também atendentes, ajudantes, garçonetes, balconistas, varredores e todo o tipo de mão de obra. À noite trazem o pessoal de volta pra dormirem em suas camas pagas à prestação. Os trazem exaustos, pra umas horas de sono profundo e os levarão de volta no dia seguinte. A Curva e a Cidade Bela só têm uma coisa em comum. As flores amarelas. Os ipês estão florindo em toda parte.

Na Cidade Bela o Ipê amarelo, colore a calçada, dá mais serviço pra empregada.

Na Curva o ipê amarelo causa a sensação de ausência de fronteira. Ali logo ali na Cidade Bela tem uma árvore igual àquela. Moça hoje eu tenho muita roupa, mas já tive a oportunidade de não ter. Eu só tinha duas calças usava as mesmas tanto pra ficar em casa como pra sair. Para o verão eu só tinha uma saia. Naquela época se não fosse pra trabalhar eu nem saía. Dinheiro na mão é traição mas dinheiro não mão é muito bom. Moça eu engordo emagreço, compro roupa, perco roupa. É zíper que não fecha é alça arreventada. Acho que pra resolver esse problema eu deveria por um zíper na minha boca. O travesti que de dia é dono de brechó e salão de beleza e à noite se apronta e vai pro ponto, apareceu.

Mostrou o rosto e o bumbum siliconado. Disse que após ter investido na beleza sua clientela aumentou e narrou outras proezas. Falou que não tem medo de andar à noite nas ruas da Curva usando salto alto e mini-saia. Segundo ele levar pau no cú é o maior medo que as pessoas comuns têm. Ele além de não ter medo até gosta. Por isso está livre. Refletiu-se um pouco no espelho embaçado enquanto provava uma mini-saia e disse: Eles é que tem que ter medo da gente, porque nada é mais profundo e destruidor do que a paixão por um cú alugado por minuto. É um vício menina! Bateu palmas após ter concluído ser o portador de um objeto de desejo dos mais valiosos. Na Curva qualquer coisa de valor pode ser roubada mas ele desfila tranquilo pois sua preciosidade não pode ser tirada dele. Passa mais um mendigo. Os sujos, perebentos, bêbados, drogados, vagabundos, indigentes dormindo nas calçadas não correm perigo algum, nem precisam mais da proteção divina são protegidos pela própria condição. Como se tivessem repelente, repelidor de gente. Os outros têm tanto medo que a desgraça seja contagiosa que procuram manter distância e até tomam cuidado para não perturbá-los. Quem é que vai querer se meter com uma criatura que passa por tudo isso e continua sem morrer.

E a mulher gorda tentando entrar numa calça de três reais cantava:

"eu sou a barbie girl, nanananana"

Saiu do provador dizendo: eu sou é uma baleia.

Provou um monte de roupa e nada lhe serviu depois de umas duas horas desperdiçando meu tempo e paciência disse que voltaria com mais tempo num outro dia e saiu flutuando nas nuvens de poeira.

A pobreza é a mais poderosa arma de destruição em massa, ela mata mais que a própria morte. Tem muito pobre vivo que já nasceu morto. Já morreu, até fedeu, só que o corpo ainda não foi sepultado.

estou enjoada de ser humano

estou cheia de ser humano

estou cansada de ser humano

do ser humano ser desumano

cansei-me do ser humano

estou enjoada de gente

estou cansada de gente

ser indigente.

Gorda, envelhecida, cheia de filhos, pobre, desempregada, fodida e abandonada, o que esperar da vida?

Mais alguns filhos e mais nada.

A Curva é a Pasárgada ao contrário

Na Curva é mais frio no inverno.

É mais calor no verão.

Quando dá chuva, inunda.

Quando dá sol, faz poeirão.

Falta comida.

Falta dinheiro.

Falta projeto.

Falta decisão.

Falta saber o que fazer com o excedente de crianças nas escolas, ruas e creches.

Falta coragem pra sair da frente da televisão.

Falta iniciativa

O mar tá longe. O rei é a barriga. O rio tá cheio de lixo. As prostitutas bonitas foram trabalhar nos puteiros da Cidade Bela. A gravidez não é evitada. O telefone público foi vandalizado. A bicicleta foi roubada.

Sobreviver é uma missão quase impossível e os meninos são personagens principais de histórias impróprias para todas as idades.

A velha da Curva, no tempo parada enquanto espera a morte contabiliza seus mortos por doença, acidente, assassinato e tantas outras condenações. Tendo gerado tantas vidas estava claro que teria que sepultar muitos mortos, pois que ambos vêm no mesmo pacote. É questão de lógica não de sorte. A publicidade é um importante ingrediente no mercado da Curva.

Supermercados Boas Novas

Jesus disse: ide e anunciais

Batata

Feijão

Arroz

Macarrão a 1.49 o quilo

Detergente

Creme dental

Papel higiênico e sabão.

Necessariamente nessa ordem. Comeu tem que caga, tem que limpa é a cadeia produtora dominando a cadeia reprodutora e o ciclo se realiza.

É preciso comprar não tem jeito. Ciclo de consumo previsto e anunciado em dias pré-determinados. Final de semana e final de mês tem que atrair o freguês com seu rico dinheirinho. Nem que cada um compre pouco. De pouco em pouco as prateleiras se esvaziam depressa. Antigamente tinha que se dar o nome aos bois hoje a vida dos bois é curta e os bois são anônimos. O que importa é que sejam bem pesados para encher a barriga dos clientes e o bolso do criador dos bois e do proprietário do supermercado. Vendemos no varejo a preço de atacado. Com certeza qualidade e economia no seu dia a dia. É tão fácil ser publicitário na Curva, basta ter um fusca velho ou mesmo uma bicicleta com caixa de som e sair rodando uma fita com uma gravação que pode ser a mesma de sempre, as mesmas coisas são vendidas, as mesmas coisas são compradas, as mesmas coisas são comidas.

Ambulante publicidade: aqui só anunciamos a verdade. Nossa missão é agradar nossos anunciantes e continuar recebendo nosso dinheirinho.

Coleção de desgraças cotidianas:

A mulher trêmula chega pedindo água. Tinha dado cinquenta reais para uma cigana benzer e a dita cuja tinha se apossado do dinheiro. A mulher não para de repetir: ela sabia tudo sobre a minha vida, ela sabia sobre os filhos, os ex-maridos, as minhas tristezas e até sobre os meus segredos, confiei nela porque ela sabia de tudo o que me aconteceu. Se ela sabia de tudo e ainda te roubou é porque era mesmo uma bandida. Penso. Digo: aconteceu na sua vida o que acontece na vida de todo mundo e isso é tudo o que aquelas senhoras usando saias longas e sujas podem saber. Ou você acha que elas estavam interessadas em fazer o bem lá na rua?

Sabe-se do passado pouquíssimo. Menos ainda do presente e nada sobre o futuro ou a humanidade não mais cairia em contos de ciganos que nem ciganos são. Pura autoenganação. Enganam-se as ciganas se acham que vão ler a minha mão. Quem quiser

ler, que compre livro ou jornal as letrinhas na palma da minha mão estão apagadas de tanto mexer com água e sabão. Tento em vão limpar pelo menos um pouco da sujeira do mundo.

Chegando para trabalhar vi um pelego no corredor, um pelego sujo.

Pensei: brincadeira de mau gosto. Mas em seguida o pelego se mexeu.

Tinha cara de cachorro e estava vivo.

Pensei: meu Deus ele está quase morto.

A morte nos causa horror. A única certeza que temos nessa vida é mais uma vez esfregada na nossa cara quando nos deparamos com a morte do outro.

Estaria ele faminto, ferido ou doente? Pesteado como diria minha mãe. Pesteado é um xingamento pra um animal. Mas o que teria acontecido. Que pergunta! aconteceu a ele o que acontece aos animais da Curva.

Já nascem desgraçados.

Se a vida das pessoas já é impossível na Curva imagine a vida dos animais de estimação.

Abandonados pelas ruas

Infestado de pulgas

Sarnentos

Esfomeados

Procriando sem nenhum controle

Alimentando-se de lixo

Perdidos, sujos, magros, dormem em lugares onde as pessoas urinaram, só não são pisoteados porque os humanos ficam com medo de pegar sarna e de ser mordido por um cachorro louco. Assim como os mendigos os animais também são protegidos pela condição. Os cães são tomados e protegidos pela sarna que os infesta.

Estimados é que não são. É certo que na Curva tem bicho que é amado mas o que fazer com o excedente de cachorros, gatos e outros seres famintos.

Vendo tanta pobreza sofrimento e dor como acreditar num criador.

Ofereci biscoito pro Pelego, que já deve ter sido atingido por muitas pedradas.

A receber comida ele não estava acostumado. Ficou assustado mas por fim comeu os biscoitos. Depois coloquei água no balde. Bebeu. Fiquei aliviada por não ter que remover um cachorro morto da calçada. Não deveria existir animais abandonados mas já que existem e são milhares deveria haver vasilhas com água limpa e fresca para eles beberem.

Água limpa é algo raro tanto para os moradores de calçada como para os animais abandonados. Água limpa para beber está fora do alcance deles e mais fora ainda da pauta de preocupações políticas. Preocupam-se naturalmente em garantir seus banhos de banheira de hidromassagem. De praia. De piscina. De chuveiro. Deveriam existir pias com água e sabão em todos os terminais de ônibus e trens, para quem quisesse lavar as mãos.

O Pelego foi embora, fiquei limpando o chão e pensando na vida.

Na minha, na dele, na vida dos outros e no quanto somos impotentes e insignificantes.

Não consigo entender que motivo tem o Pelego e todos os outros pra continuarem a viver.

Anúncios

"semana dos anticoncepcionais é na drogaria VIVA MAIS, até 40% de desconto para você que ama, cuida e faz".

Dona Maria dos produtos passou aqui reclamando. Já rodou a Curva inteira e não conseguiu receber e se ela não receber não terá como comprar e não terá o que vender.

Em poucas palavras ela me dá uma noção de macroeconomia a partir de seu micro-negócio.

Dona Maria está cansada de trabalhar na Curva pra tentar sobreviver.

Ouviu as desculpas de sempre:

O cartão que não passou

O cheque que não caiu

A criança que ficou doente

O pagamento do marido que não saiu.

Cada dia uma mentira, uma verdade, uma desculpa ou tudo ao mesmo tempo.

Mas se continuar assim Dona Maria desiste e será mais uma

A comprar fiado

A não ter com o que pagar

A não ter com o que sonhar

E a não ter com o que esquentar a cabeça.

De quem será a culpa se a dona Maria cansada se tornar mais uma desocupada?

Sobra carência

Sobra delinquência

Falta decência

Às vezes tudo se mistura numa química explosiva.

Dá nada não

Dá casa de chão bruto

Dá brutalidade

Dá desistência

Dá procura de emprego sem nenhuma vontade

Dá esgoto a céu aberto

Dá contas pagas com juro

Dá amnésia e esquecimento das dívidas

Dá congestionamento nasal

Dá frio e reumatismo

Dá consulta ao pai de santo

Dá desespero e desencanto

Dá boca desdentada

Dá malandragem,

Vagabundagem

Falsificação

Gente mal agasalhada

Sapato com furo

Dá medo e revolta

Dá falta de compaixão

Dá vontade de sair correndo

Dá vontade de ir embora pras cavernas

Mas em tempos de globalização até em caverna tem superlotação

E o aluguel não é barato.

Há litígios territoriais

Ganância preconceito e degradação.

E os trogloditas estão em toda à parte.

Sobra verbo onde falta verba.

Uma nova raça surgiu da mistura de nada com a sobra de falta.

Fisicamente em muito se assemelham aos ratos embora sejam meninos. Acinzentados de tanto rolarem pelo chão coberto de imundícies. Os dentes quase sempre ralos e salientes.



Um jeito roedor de ser. Têm mais barriga do que corpo. Camundongamente vão se aproximando, meio desconfiados. Usam qualquer obstáculo para ocultarem nem que seja só uma parte de si mesmos. Os olhos rápidos e medrosos varrem o ambiente e detectam seus objetos de desejo. O objeto de desejo de um menino rato pode ser qualquer coisa: tampinhas, embalagens, jornais velhos, resto de comida. Parecem ter uma queda especial pelo lixo, pelo que é sujo. Cruzamento de gente com murídeos resulta em seres cujo principal objetivo é encontrar o que roer. Se querem nos distrair ou chamar a nossa atenção fazem uso de qualquer subterfúgio, desse modo demonstram possuir alguma inteligência. Mostram suas cabeças feridentas ou cheias de piolhos, as sarnas espalhadas pelo corpo inteiro, a unha arregaçada numa topada. Demonstram curiosidade pela vida dos outros, entregam recados, parecem prestativos ao juntarem algo que deixamos cair. Mas não devemos nos enganar eles estão com um olho na gente e outro no pão esturricado em cima da mesa, ou naquela banana na fruteira já meio passada do ponto. É um grande equívoco pensarmos que um ratinho de estimação não nos fará mal algum. Se num surto de generosidade os alimentamos com farelos e migalhas logo nos arrependemos pois eles atrairão uma multidão de outros ratinhos pestilentos, esfomeados e doentes. O estilo rato de ser não permite que um menino murídeo roa sozinho o que recebe, ele precisa espalhar a novidade, mostrar que está roendo. Existe vaidade e também solidariedade no mundo murídeo. Vítimas de sua própria natureza eles acabam perdendo as migalhas que haviam conquistado por não conseguirem roer discretamente. Um rato em nossa despensa traz mal estar e desconforto, mas é suportável. Sentimo-nos piedosos por não eliminá-lo com um chute ou uma cabada de vassoura. Uma galera de roedores a gente tende a eliminar imediatamente. Nosso instinto de autoproteção não nos deixará sossegados enquanto não escorraçarmos todos. Eles nos irritam quando mexem no lixo. A gente coloca tudo na sacola, joga na lixeira e no dia seguinte lá está tudo espalhado em frente a nossa casa. Camisinhas, absorventes, filtro de café misturado com papel higiênico, fio dental, casca de abacaxi, pontas de cigarro. É horrível reencontrar aspectos da vida que preferimos ignorar logo pela manhã. Meu Deus será que os vizinhos viram? Nesse momento de culpa e vergonha nos esquecemos que os vizinhos são produtores de lixo tanto quanto nós. Não resta alternativa. Não se pode protelar o recolhimento do lixo da porta de casa, a ação tem que ser rápida antes que alguém veja. Juro pegar aqueles malditos ratos filhos da puta!

Junto o lixo, preparo as minhas sacolas joga na lixeira e fico à espreita. Não demora, para que surjam um, dois, três, meia dúzia de ratinhos. Saem de seus esconderijos desconfiados, correm um pouco e se escondem atrás do telefone público, certificam-se de que ninguém os observa e avançam até o canto da casa. Numa arrancada correm até a lixeira. Um atrás do outro, pegam as sacolas e saem em disparada. Esperava que eles parassem para abrir as sacolas então eu poderia conversar com eles e exigir que juntassem tudo e prometessem não repetir o que haviam feito. Em vez disso observo horrorizada que eles correm até seus esconderijos, rasgam as sacolas e começam a inventariar o achado, uma latinha para um, um copinho para outro. Os murídeos têm senso de partilha e o fazem amigavelmente. Mãos sujas levadas à boca, com pauzinhos tentam retirar o resto da maionese do vidro. Não suportei e indignada, por ter a minha privacidade invadida. Fui até lá, chamei a mãe ratazana de esgoto, suja desdentada, grávida e cinzenta. Expliquei que ela não podia permitir que fizessem aquilo, que era por aquela razão que estavam cheios de vermes e feridas. Disse que estava decepcionada porque tinha dado a eles as coisas que sobravam e os ajudava a encontrar livros e revistas para usarem na escola. Chorei e disse que nunca mais falaria com eles a não ser que juntassem o lixo e o devolvessem onde haviam pegado. Eles imediatamente fizeram o que eu sugeri. Só que desde então eu fiquei tão horrorizada que nem abro mais as portas e janelas da minha casa. As poucas vezes que fiz isso eles vieram correndo. Podemos falar com a senhora? Invariavelmente era para pedir coisas. Diziam que só queriam me visitar e não iriam mexer em nada. Só que eu não acredito mais neles. A impressão que eu tenho, é que com seus dentes salientes e irregulares os murídeos são capazes de roer tudo. Inclusive já roeram até o que havia de humano e sensível em mim. Não sei bem porque mas eu já não os vejo como crianças esfomeadas. Para mim eles são ratos, pestilentos, transmissores de doenças. Devido ao comportamento de rato deles, eles acabam minando qualquer boa intenção de quem poderiam ajudá-los. Exemplo disso é aquele barraco, podre, caindo aos pedaços em que a mãe ratazana mora com os filhotes. Foi cedido por um senhor que ficou com pena dela. Só que não demorou muito e em torno dela se juntaram, a irmã com outras crianças, as amigas ratas sem toca também vieram, ratos machos drogados, violentos fazem algazarra no bairro a noite inteira. O que seria motivo de orgulho para o senhor benfeitor tornou-se um problema para ele e para os vizinhos.

A miséria faz dos humanos, criaturas mais devastadoras que ratos. Pelo menos podemos combater os ratos com veneno, ratoeira e higiene adequada. O que fazer com essa gente que já é em tudo rato devido ao processo de mutação pelo qual vem passando devido às privações que sofreram de geração em geração? Dia desses abalada com a situação dos meninos ratos tive um pesadelo: o planeta estava povoado pela espécie homo murino. Viviam nos esgotos, tinham dentes enormes e eram carnívoros. Embora roessem de tudo, preferiam roer pessoas.

A raça humana a essa altura era considerada uma espécie em extinção.

A velha encurvada no tempo parada disse que desde que ficou viúva que se dedica à generosidade.

Aos filhos empresta o dinheiro da pensão e para os netos compra roupa usada.

Para mim traz café e bolinho de chuva.

A velha encurvada no tempo parada não diz ter saudade.

Não se mostra alegre nem triste. Não fala em morrer e nem diz se tem medo da morte, apenas existe e enquanto isso trabalha e agradece a Deus pela vida que tem.

Quer dinheiro. Quer ter mais o que compartilhar.

Uma outra viúva como tantas veio vender a roupa do marido. As roupas eram dele, mas também nem eram pois ele nem chegou a usá-las. Esperava uma ocasião importante. Que ocasião pode ser mais importante que a nossa própria vida? Quem é que precisa de roupa depois que vai para o outro lado?

Se as roupas fossem dele ele as teria levado.

A velha tentando conseguir um bom preço dizia que as roupas eram novas. Ela não as tinha nem lavado.

A velha não queria dinheiro queria algo que ela pudesse usar.

Aprendera a lição.

"as coisas tem que ser usadas pois a gente morre e não levada nada"

Estava se sentindo mal, agarrou-se a mim com as mãos geladas.

Trêmula dizia:

Foi muito rápido, um ataque do coração, nem deu tempo de pedir ajuda, pra ver um padre, pra pedir perdão. A gente acha que pode tanta coisa mas quando é chamado, não nos dão tempo nem pra gente se despedir.

Penso: é ruim morrer de repente, nem dá pra se acostumar com a ideia de ser um cadáver em decomposição. Uma morte sofrida é um período de transição que nos é oferecido para nos desapegarmos da vida. Vida à qual somos apegados mesmo sem motivos.

No final da dolorosa negociação a viúva levou uma colcha, uma cortina e uma toalha de mesa bordada. Coisas que podem ser engavetadas. Espero que mais tarde a filha dela não venha aqui trocar por algo que se possa realmente usar.

No telefone público:

- Oi pai, tô aqui no orelhão vou falar rápido se não acaba o cartão. Trabalho não consegui ainda não, aquele pra limpa a lanchonete eles tão pedindo dois anos de experiência na carteira, mas continuo tentando amanhã vou num outro.

- Oi porque você não me ligou?

Você acha que eu sou otária, me fazendo esperar o dia inteiro? você sabe que eu não tenho crédito no meu celular.

- Alô, alô, alô, desgraçado desligou na minha cara.

Minutos depois:

- Oi por que diz pra eu te ligar se é pra desligar na minha cara?

- Qual é tava com a digníssima esposa ou já era outra no pedaço?

- Tô avisando qualquer dia eu canso disso e daí já era.

- Já não te falei mil vezes que eu até aceito você ser casado mas me fazer de idiota como você faz já é demais.

- Meu amor uma ova, seu desgraçado falso, canalha, vai toma no seu cú, que me ama, que nada. Você não ama. Eu é que sou uma burra de te aceitar apesar de tudo.

- Não desligue, não desligue não, que eu quero uma explicação.

- Tá mentindo. Eu sou mesmo uma idiota.

- Te ligo na quarta então e vê se não desliga na minha cara de novo.

- Tá na quinta a gente sai, mas aí de você, se não cumprir com a sua palavra seja homem viu. É você quem está prometendo eu não tô pedindo nada.

Minutos depois:

- É sobre a pensão do João, tô ligando pra dizer pra senhora que o seu filho não presta. Eu não tenho culpa se ele não pode nem sustentar um filho e já tem mais dois e está desempregado. A senhora defende por que é a mãe dele, se fosse a senhora no meu lugar eu

queria ver. A senhora deixaria que um homem fizesse isso com uma filha sua? Não tem conversa não, fala pra ele pagar a pensão porque se não amanhã eu levo o João pra morar ai e a senhora que se vire pra cuidar do seu neto. Quem mandou por filho cafajeste no mundo. A senhora já não cuida dos seus outros netos, então cuida do João também.

Segundos depois:

- Você ainda me pergunta como é que isso aconteceu.

Você queria sem camisinha e foi. Acha que se fosse brincadeira eu ia tá te ligando. Você vai ter que me ajudar, tenho que ir num médico aquele negócio do Paraguai não funciona e depois a criança nasce aleijada e eu não quero essa coisa na minha barriga, tem que por pra fora enquanto é tempo.

- Claro que é seu, se acha que eu fico dando pra todo mundo. Você é quem sabe se não gastar um pouco agora vai gastar bem mais quando eu for no Juiz pedir pensão alimentícia. Você sabe onde eu moro na hora de me come foi lá que nem um cachorro magro com fome eu te servi agora é a sua vez de retribuir.

Vou desligar que eu tô com nojo até de ouvir a sua voz.

Minutos depois:

- Oi. Meu eu descobri um galo pra gente curti hoje à noite.

- Chama lá o Tisora e o Ladainha pra i cum nós lá.

Assim é que eu passo um dia inteiro ouvindo dramas e programas de gente que eu nem preciso saber quem é.

Ô puta

Ô corno

Ô bruxa

Ô gorda

Ô gatinha

Ô peituda

Ô safada

Ô tarado

Ô vadia

Ouçõ os gritos da criançada do colégio Coronel Clemêncio das séries iniciais.

No intervalo eles carregam cadeiras até o muro da escola sobem e observam quem está passando. Gritam e se abaixam. Assim que a pessoa vira a esquina eles voltam ao observatório. Quando mais alguém passa gritam e se escondem novamente, assim se preparam para o futuro, bela metáfora, escondidos atrás do muro. Insultar quem passa na rua é a diversão do futuro da nação.

O sino toca, eles voltam para as salas de aula. Ouço os gritos das professoras.

- Burro!

- Sente aí que eu já mandei!

- Fica quieto que se você soubesse alguma coisa você era o professor!

- Mais que falta de educação Juracindo eu vou contar tudo pra sua mãe.

No dia seguinte criatividade e inovação.

Jogam pedras, cascas de laranja, sapatos e caixas de papelão em quem passa pelo calçadão esburacado. Ignorados pelos professores, pais e direção os alunos continuam insultando os outros como forma de recreação.

Para os professores até que é bom, sobra mais tempo para bater papo e fazer planejamento. Ninguém merece passar o final de semana planejando ainda mais porque o plano nunca é concretizado. Tão certo quanto o término de mais um ano letivo que o futuro dessas crianças é duvidoso.

O Pelego voltou, olhando atentamente percebi uma coleira escondida entre os pêlos embolados.

Quem será que o prendeu e depois o soltou? Agora que ele está sujo e sarnento quem é que se atreveria a por as mãos nele para libertá-lo da coleira, prova de que um dia o Pelego pertenceu a alguém.

Quem será que deu ao Pelego o peso de uma coleira apertada para carregar sujo e sozinho. De cachorro de raça a cão imundo. Isso é a coisa mais fácil de acontecer. Difícil é o contrário: de cão imundo a milionário.

Mas à vida do Pelego estava para mudar minha amiga se comoveu e cortou-lhe os pêlos. Ele parecia aliviado e nem se mexeu.

Tem horas que na Curva é preciso se fazer de morto e isso até o Pelego aprendeu. Tanto tempo sem ter sido tocado que ficou extasiado. A ação chamou atenção e o Pelego agora

pelado acabou sendo adotado. Prova de que na Curva também existe boa intenção, mas como já sabemos o céu está cheio de boas intenções engavetadas.

Quando finalmente o Pelego tinha uma dona generosa, um quintal pra cuidar e até gatos para perseguir, o *pitbull* do vizinho trucidou-o em pedacinhos. Mesmo assim o Pelego continuava se arrastando querendo viver um pouco mais.

Um bondoso rapaz teve que sacrificá-lo para por fim ao seu sofrimento e ao de todos que assistiam. É a vida e a morte Pelego. Lamento mas é a sorte.

Sorte de Pelego é ser adotado por uma boa família e acabar morrendo nas garras e dentes de um *pitbull* vizinho. Será que não seria melhor ele ter continuado na rua? Foi assim que o Pelego teve fim pelo menos ele teve uns dias felizes antes de morrer.

Isso custa um real também? Se ainda tiver aqui, eu pego na semana que vem.

Quanto custa essa calça?

- três reais!

e a de um reais não tem mais?

É lindo mais não gostei da cor diz a moça de cor e vida indefinida.

- Vim aqui pra ver as novidades!

Penso: novidade ou velharia recém-chegada

Outra faz a pergunta: cinza combina com quê?

Penso: com o dia de hoje e com você.

Respondo: com qualquer coisa é só você querer.

Na Curva o tempo não vale nada, nem o meu, nem o de ninguém.

Aqui tempo não é dinheiro especialmente pra quem sofre o tempo inteiro.

Passsei a manhã inteira pra vender uma calça e a velha passou a manhã para decidir se levava ou não depois de algumas horas veio devolvê-la dizendo que tinha ficado grande demais. Moça me desculpe mas eu quero de volta os meus três reais.

- E os livros são pra vende?

Sim. Você gosta de ler?

- Não, mas tenho um menino na escola e pra ele lê é bom né.

Penso: e seguem todos achando que ler é bom mas não para si mesmos.

Eu leio porque meu pai não sabia. Cada página lida eu dedico a ele que muito cedo me alertou para as possibilidades de uma vida diferente, mas até agora mesmo sabendo ler, tem sido igual, mas quem sabe no futuro...Eu.

queria viver flutuando  
mas à gravidade me atraí  
trabalhando na terra seca  
mãos calejadas do meu pai  
queria permanecer jovem  
a velhice surge escancarada  
nos olhos e corpos velhos  
nas vozes e caras enrugadas  
queria não sentir medo  
mas a realidade me induz  
mostra me bocas sem dentes  
febre, ferida, sangue e pus.

E o velho do saco veio pedir ajuda.

Entrou dizendo: moça eu não tenho pai, nem mãe, nem esposa, pegou fogo na minha casa, tô até querendo me matar.

Falei: eu também

Ele perguntou: porquê?

Respondi: não posso ajudar ninguém, essa lojinha não é minha e tô cheia de conta pra pagar. Fiquei com pena dele e resolvi ir no fundo da loja buscar um agasalho. Enquanto fiz isso ele pegou uns óculos de sol e enfiou no bolso.

Gritei: devolva os óculos agora. Ele devolveu. Mesmo trêmula e traída eu disse: o senhor está vendo porque é que eu quero me matar. Estou cansada de viver num mundo cheio de pessoas como o senhor.

Para sobreviver na Curva tenho que enfrentar todo o tipo de ladrão.

- o que vende roupa roubada.

- o que troca à etiqueta de uma roupa mais cara por uma bem baratinha.

- o que joga uma peça mais cara na banca da promoção de um real e nada que eu faça ou diga ira fazê-lo mudar de idéia quanto ao real preço da mercadoria que está comprando.



- o que compra a roupa, usa e dias depois vem devolver e pedir o dinheiro de volta.
- o que rouba peças que coloco em exposição do lado de fora.
- o que leva muitas peças para o provador, veste umas por baixo das outras e só depois percebo que a roupa desapareceu.
- o que gosta de uma peça diz que só tem metade do valor e acaba levando porque estou precisando do dinheiro pra pagar aluguel e outras contas.
- vizinhos que muitas vezes compram fiado e não pagam ou acabam trazendo sacolas cheias de trapos em vez de dinheiro e se eu não aceitar fico sem receber e ainda sem os trapos.
- os que vêm com sacolas cheias de trapos pra trocar por peças melhores e mesmo sem querer acabo trocando porque não quero me indispor com a vizinhança.
- mães que chegam, olham tudo, não compram nada, mas enfiam um monte de peças dentro do carrinho do bebê. Furtar faz parte do trabalho delas já que têm que cuidar dos filhos e não podem, nem querem trabalhar.

E tem os que roubam meu tempo, minha energia, minha paciência e além de não comprarem nada me esgotam e me deixam enojada.

Os que compram, pagam, não roubam, nem devolvem depois de usarem são quase inexistentes.

No fim mal pago as contas e não me sobra nada. Mudar de vida como se não há dinheiro nem pra pagar o carro da mudança.

Outra senhora me vendeu um monte de velharia e ficou de passar para receber dentro de alguns dias. O filho dela veio, entreguei-lhe o dinheiro, um dia depois a tal senhora apareceu. Falei que o filho dela já tinha vindo buscar o dinheiro ela começou a chorar e disse que o filho com certeza tinha usado o dinheiro pra se drogar. Como viver sossegado onde furto virou regra e honestidade exceção?

Se roubam até às próprias mães porque é que iriam me poupar?

Antigamente os ladrões eram chamados gatunos. Agora que os conheço bem, só peço uma coisa deixem os gatos em paz. As pessoas apaixonadamente abraçam a profissão de ladrão. E tantos se reproduzem e são produzidos.

Pilhagem palavra antiga das mais atuais.

A velha da Curva no tempo parada contou que passou um dia limpando a casa depois da visita dos netos.

- fizeram muita bagunça, toda aquela criançada, era lindo de se vê.

Dizia a velha encurvada de olhar embaçado bem perto de morrer.

Ela esfregava uma mão na outra perdida em algum lugar utópico, inocente dizia:

muita criançada

muita criançada

tão lindo de se vê

vale a pena viver.

Enquanto eu pensava: como é que tanta criançada vai sobreviver nesse mundo onde nascem tantas e a vida não vale nada.

- e teve brinquedos

- e teve muita comida

- e teve dança

Tão bom ser criança dizia a velha aparvalhada.

Sei é que a velha encurvada, na curva parada, de olhar embaçado, não pode prever o futuro dessa criançada. Serão assaltantes ou serão assaltados?

Quatro meninos de não mais que dez anos foram vistos no domingo usando seus uniformes escolares fumando e bebendo pinga num canto da Curva. Como conseguiram a bebida?

- Dissemos que era pro nosso pai e eles acreditaram agora a gente tá fazendo o maior festão. Enganar é fácil.

Enganar um dono de bar que nem se sente incomodado pelo fato de estar vendendo bebida alcoólica para crianças é fácil. Difícil é encontrar uma cura para o alcoolismo. Quem se importa. Desde que não fiquem caídos na minha porta. Brindam à ignorância e à autodestruição. Agora que ninguém mais tem medo de Deus, ninguém se dá ao trabalho de pedir perdão, sobra muito mais tempo pra se dedicar à violência e à pilantragem.

Minha contribuição para a humanidade é ser um fim em mim mesma.

Digo não à procriação. E a todos os laços que tendem a virar amarras.

- roubam qualquer coisa.

- bebem qualquer trago.

- pedem dinheiro sem cerimônia com se tivessem nascido pra essa função.

- exigem que os donos dos carros paguem para não terem seus carros arranhados.

- fumam tocos de cigarro achados no chão.

- geram medo e causam estrago.
- meninos e meninas malcheirosos rolam pelas calçadas, exigindo dinheiro para comprar algo que possam cheirar.

Aqui os sentidos mais desenvolvidos são o do olfato e o da privação.

Não me surpreende se os próximos humanos passarem a nascer com narizes enormes. Narizes que certamente serão usados para captar oxigênio em meio às multidões e para cheirar tudo o que não seja flor e cause algum tipo de torpor.

Estudar pra que? Tem muito mais coisas interessantes e mais úteis para se fazer.

Lista de conhecimentos muito valorizados na Curva.

- cultivo de ervas daninhas, danosas e danadas.
- confecção de artefatos explosivos.
- demolição e abertura de passagens através de corpos, portas, muros, cadeados, sistemas de alarme entre outros obstáculos.
- ocupação de áreas baldias.
- negociação baseada no poder de persuasão dos tiros.
- estratégias de fuga.
- manutenção e limpeza de armas.
- métodos de tortura informal e extraoficial.
- velocidade aplicada ao furto e a direção ofensiva e superdefensiva.
- luta armada, tiro ao alvo e eliminação de pistas.
- luta armada, tiro ao alvo e produção de pistas com o objetivo de despistar a polícia e outros desafetos.
- luta corporal direcionada ao esfacelamento do cérebro e destruição de órgãos do opositor.
- uso de disfarces e estratagemas
- ocultação de cadáveres.
- envio de mensagens cifradas incluindo pichações, tiros, acenos com bandeirolas, e batida de tambor em caso de necessidade de um sistema de comunicação mais rudimentar.
- misturar e embalar substâncias tóxicas.
- corrida em terrenos acidentados.
- instalações não autorizadas de eletricidade, água, tv a cabo.
- espionagem nos quintas e negócios alheios.

- violação de fechaduras, cofres, sistemas de alarme, travas.
- falsificação de documentos, placas e resultados de testes.
- técnicas de mistura de drogas para potencializar os efeitos.
- comunicação aplicada ao uso do jargão exclusivo da gangue.

E a leitura dos seguintes livros educativos:

- manual do sequestrador,
- como se sair bem numa acareação,
- furto simplificado,
- didática da formação de grupos, gangues e quadrilhas,
- desmontagem de um carro: passo a passo,
- sobrevivendo na cadeia e ainda lucrando com isso,
- lei de talião aplicada aos tempos atuais,
- o segredo do sucesso para líderes do tráfico,
- poesias para marginais.

Enquanto às vezes um cigarro é apenas um charuto na teoria freudiana.

Na prática aqui da Curva um cigarro quase nunca é apenas um cigarro.

Uma pipa no céu pode ser um pombo correio e um relógio pode ser um detonador.

O potencial humano para a degradação e a criminalidade é infinito. E nem é preciso usar a criatividade basta seguir os exemplos. Dizem que a criatividade pode ser empregada na cura de psicopatologias. Aqui na Curva tem uns programinhas arteterapêuticos direcionados a quem conseguiu chegar vivo à terceira idade. Já a galera jovem usa a criatividade de forma bem patológica e sem um pingão de bloqueio. Num desses surtos criativos houve o estupro da ovelha. Eles saíram de madrugada, já bem drogados, roubaram a ovelha e trouxeram para frente da casa de um deles.

Revezaram-se nas práticas sexuais, cada um metia um pouco enquanto os outros seguravam. Depois mataram a ovelha e comeram a carne dela assada ao amanhecer.

O cheiro de carne de ovelha se espalhou pela vizinhança que acordou faminta. Em uma madrugada de domingo uma ovelha foi roubada, estuprada, assassinada, assada e comida. Ninguém fez nada. Nem vigilância nem punição. Os autores da façanha passaram o dia dormindo satisfeitos e à noite saíram em busca outra caça. Ontem foi a ovelha hoje pode ser qualquer um. Sinto-me cansada por ter que defender a minha humanidade ultrajada. Minha

humanidade quer me abandonar em meio a tanta humanidade perdida, em meio a essa sociedade falida. Em meio a essa burguesia sórdida.

Em meio a essa gentarada que nunca devia ter nascido.

Em meio a essa gentarada que já devia ter morrido.

Direito à vida. Ninguém tem direito de fazer da vida o que dela foi feito.

A vida se tornou irrelevante.

Mentira.

Não houve nenhuma evolução.

Aos deuses e aos cultos ainda hoje são oferecidos crianças e animais em sacrifício.

Deus da violência,

Deus do vício,

Deus da perversão,

Deus da inconseqüência,

Deus do contágio,

Deus da multidão perdida que não pode, não quer e nem espera ser libertada.

A paz é mercadoria das mais caras só quem tem muito dinheiro pode comprá-la mesmo assim não por muito tempo. Ontem tive que pagar mais um dízimo para a gangue das peruanas. Parte da gangue acabou de ser dizimada numa chacina, eu achei foi bom. Eles acharam ruim e estão precisando de mais dinheiro para investir em armamento.

Os padres com voz macia e sotaque italianado continuam cantando: vinde a mim às criancinhas.

Cordeiro de Deus. A inocência acabou faz tempo e ninguém tem piedade de nós. Não vem que não tem. Eu os conheço muito bem. Nos ônibus lotados das periferias mil. Não tem povo gentil, não tem nada gigante pela própria natureza. Não tem beleza varonil. Tem agressividade, maldade e do nada pisam no teu rabo, catam suas coisas e te mandam pra puta que o pariu. Só existem três tipos de gente: os assustados, os assustadores e os que são uma combinação de ambos. Acho que sei por que a cegueira é tão comum nesses dias. Hoje saí de casa para o mundo cinza escuro, e num canto da Curva, vários corpos enrolados em cobertores de texturas e cores indefinidas, habitavam o que chamamos de espaço público que nada mais é que a privada deles.

Alguns dormiam, um se masturbava, as pessoas constrangidas viravam o rosto. Fingiam que não olhavam. No chão da parada de ônibus uma enorme bosta obviamente humana fedia. Resolvi ir até próxima parada de ônibus e lá havia três galinhas mortas e tocos de velas. Pobres galinhas morrendo por uma causa tão inútil. Senti dor nos meus olhos. Porque é que as almas daqui iam querer janelas. Melhor não ver nada nunca mais.

Mesmo com toda a miséria da Curva ninguém é capaz de comer galinha oferecida em ritual, com medo de passar mal, quer dizer passar pior exceto alguns funestos ou funestadores e os urubus que já estavam dando voltinhas eles eram as únicas criaturas alegres na manhã escura. Os urubus são bem relevantes e sem idiosincrasias. São o que são, comem carniça e pronto, vivem a sua condição e não andam se drogando. Nem fingem que nada está acontecendo. Se está fedendo eles sabem que é hora de fazer limpeza. Criaturinhas úteis os urubus essencialmente faxineiros.

Eu é que nada sei.

Mas penso que ninguém vai obter dinheiro, saúde, felicidade e paz sacrificando a natureza, as pessoas e os animais. A única coisa errada que eu estou fazendo é participar do comitê de angariação de fundos para o extermínio da gangue das peruanas. Mais isso é segredo. Sagrado é o meu direito de me defender.

Jogo duplo custa caro é preciso dar dinheiro para a gangue das peruanas para eles acreditarem que sou uma patrocinadora e também investir no comitê de extermínio para que todos possamos nos livrar da gangue. A gangue das peruanas pode até ser extinta mas o comitê de extermínio nunca já que novas gangues podem surgir a qualquer momento. Mais isso é segredo, vivemos sob a tirania do medo. E são tantos os rituais e sacrifícios em vão. Fica difícil distinguir os algozes dos vitimados. O mundo é o pior lugar para se por filhos no mundo.

É preciso arcar com muitas despesas.

A vida que nos deram de graça custa caro.

Arca do tesouro é um brechózinho situado bem no centro da Curva.

Pode-se dizer que é bem localizado.

Vende coisas usadas que não servem mais para alguns, mas que podem ser úteis pros outros e completamente fora do alcance para a maioria. Usamos um discurso ecologicamente correto. O da reciclagem, do aproveitamento de recursos, da economia

e o da preservação. Mas não adianta porque enquanto uma camiseta é revendida três vezes aqui na Curva e usada até rasgar, os políticos, artistas famosos e outras autoridades vão pra Miami e trazem quinhentos e três quilos e vinte sete gramas de excesso de bagagem e ao chegarem ao Brasil declaram nada a declarar e passam tranquilos com suas malas de rodinhas pelos inspetores da receita federal que não inspecionam nada. A culpa não é dos funcionários é dos sonegadores que se escondem atrás das malas imensas maiores que as casas de muita gente que eu conheço.

São tantos relógios, sapatos, ternos, conjuntos, bolsas, vestidos, camisas, roupas ecologicamente corretas com desenhos de jacarezinhos e nomes de grifes famosas quase em extinção por causa da pirataria que é tanta. Mas com certeza graças ao apoio desses cidadãos brasileiros que investem muito dinheiro público na aquisição de seus produtos essas marcas não serão extintas.

Depois aparecem na televisão aquelas pessoas bem engomadas acompanhados de seus parceiros todos usando roupas da última moda e desencadeiam na Curva um desejo irrefreável de consumo. Consumo de drogas, de comida, de bebidas baratas, de cds piratas e outras piratarias, de remédio pra ansiedade, coisinhas chinesas e outras porcarias. Quem diria que aquela mala de rodinhas cheia de personalidade andando pelo aeroporto iria desencadear todos esses impulsos consumistas.

Outro dia uma curvense querendo parecer higiênica resolveu lavar a calçada em frente ao barraco dela e tantas vezes foi advertida por estar desperdiçando água que acabou desistindo. No mesmo dia todo mundo assistiu na TV que os ricos mandam lavar seis carros, trocar a água da piscina e lavar seis quarteirões de calçada diariamente e que isso faz parte da rotina deles. Ninguém ficou chocado, rico promover desperdício é normal, quem não pode ficar gastando recursos do planeta são os miseráveis das Curvas.

Se economizar não vai faltar esse é o slogan. Como é que os ricos não economizam e pra eles não falta? Recolho me a insignificância das minhas perguntas e a ignorância que a todos protege. Cada um que fique no seu galho, o meu está sempre em frangalhos mas o que eu tenho que fazer é comprar e vender roupa velha imbuída de preocupações ambientalistas e sociais. Mesmo achando que isso é moda que inventaram pra pobre dormir com a consciência tranquila por ter se contentado em comprar uma bolsa ou jaqueta usada e com isso ter mantido o dinheiro pra comida preservado.

- Isso são coisas que não quero mais e que estou vendendo bem baratinho só para não dar pros outros que são uns mal agradecidos, disse a velha com cara de bruxa.

Shopping de pobre aqui na Curva tem um em cada esquina às vezes até mais. Compra e venda de coisas usadas e nem interessa se são de morto ou de vivo.

Lugar para se vender coisas novas ou usadas quando é preciso de um trocado rápido.

Lugar para onde os consumistas despacham o que compraram por impulso para abrir espaço para as próximas aquisições também feitas por impulso ou quem sabe por compulsão.

Um ótimo lugar para satisfazer o desejo de comprar sem gastar um absurdo.

Negócio do futuro ambientalmente correto vende o que já foi vendido antes, isso se chama reciclagem e preservação das reservas internacionais das quais não fazemos parte e nem tomamos partido.

Existem as pessoas viciadas em brechó as quais chamamos de brechozeiras.

Existem as pessoas que comprando ou não comprando em brechó usam coisas extravagantes a estas chamamos de embrechozadas.

O termo Brechó deveria ser usado só para designar o lugar onde se compra coisas que já não estão na moda, artigos para pessoas excêntricas e roupas de marca já bastante usada. Deveriam se chamar loja de roupas usadas os lugares onde as pessoas compram de tudo: calcinha, sutiã, biquíni, camisetas, enxovais para bebês, forro de cama etc, e onde se troca roupas que a pessoa não gosta, não usa ou que não servem mais por outras mais adequadas. Desse ponto de vista brechós são raros, lojas de roupas usadas são muito comuns. Nas lojas de roupas usadas os pobres compram não por gostar de marcas e excentricidades mas porque precisam economizar ou porque não podem comprar novas. No caso dos pobres que compram roupas usadas eles compram como se estivessem comprando novas, com todo o cuidado, atendendo a seus gostos no que se refere à cor, estampa, tamanho, praticidade não é por ser barato que eles compram qualquer coisa, tudo é analisado. Preços são comparados, as roupas são experimentadas. Precisam combinar aquela peça com várias outras. Querem cores que não chamem atenção. Querem coisas que não pareça que foi comprada em lojas de roupas usadas. Querem roupas sem manchas nem indícios de que foi usada. Querem roupas de marca. Na banca de um real, tem que ter coisa boa. De onde vou tirar roupa boa para vender por um real meu pai!



No telefone público...

- Meu Deus do céu

O que é isso Aristeu?

Agora tenho que criar esses filhos

Se pelo menos eles fosse meu

Meu Deus do céu Aristeu do céu

Ninguém vem aqui em casa

A Rosa não vem nem o Elizeu

A Jussara veio agora mas passou

um ano até que ela plantou e colheu

depois que vendeu as coisas ela veio.

Ninguém vem e dizem que é porque não

podem pagar passagem...

Meu Deus do céu Aristeu o que é que eu fiz

pra os meus parentes não gostar d'eu.

O Elizeu tem vintiano, vintiano

Ele nem passa aqui, passa direto pela rua de lá

Liga pros amigos, pra nós ele nem liga.

Nem parece que fui eu que criei ele.

Tá certo, tá certo você precisa das mesma

coisas que eu. Eu não tô te contrariando

Tô te contando. Pra você não dizer que não sabia.

Acontece que já faz dia. Sabe bem quanto é a prestação por mês.

Tê dô mais duas semana.

Fico aguardando, por enquanto seguro as ponta.

Duas semana e eu quero o dinheiro na conta

Tá okê!!

Tá okê

Um abraço pra você.

No orelhão a vida continua, minha orelha quente. Isso é o que da ficar na porta da rua.

- Tudo o que acontece aqui ele diz que é minha culpa

Ninguém tem culpa de nada

Mais quando ele me humilha é pior por que cê sabe que pra cuida de criança a gente tem que tá de bem com a vida, você sabe que ando deprimida.

Cuida de criança gasta dinheiro e gasta a gente também.

E ainda fica a parentada colocando o dedo na ferida.

Se eu pudesse aluga nem que fosse só uma peça. Eu me mudava, sumia daqui. Levava as criança, que eles não tem culpa de nada. Mais é tanta roupa pra lava.

Um homem morreu. Enquanto trabalhava na duplicação da estrada.

Morreu pelo desenvolvimento. Morreu por um mínimo salário.

Salvou-se do constrangimento de viver na miséria.

O lençol usado para cobrir o corpo.

Continua lá contrastando com a terra vermelha recém escavada.

Morreu escavando. Vai pra cova.

Terra vermelha e mais nada.

Quem morre de repente não se sente com o pé na cova.

Ninguém se atreveu a pegar o lençol e levar pra casa. Ninguém quis cobrir seu próprio corpo com o lençol do morto.

Como se a morte contagiasse e fosse transmitida de um pro outro.

Mais não é assim não a morte já foi transmitida no momento da fecundação é como um vírus que fica inoculado e só se manifesta quando surgem as condições apropriadas. Um dia sem avisar o vírus que se fazia de morto faz sua aparição mostra a que veio e o que levará.

Compram lençóis usados nas lojas de roupas usadas e nunca exigem um certificado atestando que não era lençol de cobrir morto.

Gente pensa que por ser humano é diferente. Ninguém tem medo de vaca morta ou de ser contagiado pela morte quando coloca uma garfada de bife pra dentro.

Mas o fato é que um homem morreu. Morte banal, ninguém se interessou em guardar o lençol que cobriu seu corpo pra sudário.

Morreu pelo desenvolvimento

Morreu porque sua hora chegou?

Morreu por seu salário.

Tem pobre que pra ganhar um dinheirinho cria passarinho.

É proibido mas dá-se um jeitinho.

E a pobre ararinha. Chegou no *pet shop* e foi rejeitada. Tinha as asas cortadas. Não basta ser uma ararinha tem que estar inteira pra ter algum valor.

A mulher que teve a perna amputada passou pedindo tênis caso tenha algum que veio sem o par. Sabe como é tudo pode ser aproveitado ela disse sem graça e sem uma das pernas.

A professora descontrolada na festa do dia das crianças gritava:

Merda isso é o que vocês são, merda e mais nada.

Nem dia das crianças vocês merecem.

A mãe ouviu e foi tirar satisfação.

E a professora na defensiva: você sabe que eu tenho razão.

Nem as mães aguentam mais, essa criançada sem educação e sem pai.

Sou ser humano e cometo erros, não aguento mais tanta pressão e a mãe raivosa foi embora arrastando os filhos.

Disse que trazia os filhos pra escola para que eles recebessem um pouco de carinho e educação porque se for para serem agredidas ela mesma já faz isso em casa.

Dois de comprido e um de cada lado formam uma cruz.

Donos do calvário próprio.

Incomodam meu olhar. Mas tem gente que passa e nem se dá o trabalho de notar os mendigos cruces dormindo na calçada.

Não quero mais ver esses filhos da desgraça humana e social.

Que culpa tenho, eu que nem conheço a puta que os pariu.

Tenho pena dos cachorros e gatos de rua mas só deles.

Será que isso faz de mim uma má pessoa?

O que diriam de mim se soubessem que eu acredito que eles já morreram?

Se estivessem vivos não estariam fedendo tanto.

Sigo calada, não estou nem aí, queria não estar nem aqui, os mendigos estão em toda à parte. Mesmo quando eu canto nenhum mal eu espanto.

Não tem coitadinho e nem pobrezinho. Não fazem muito esforço pra se ajustar.

Querem lazer, dinheiro e viagem. Querem e não podem então caem na vadiagem.

No início é tudo festa: desobediência, rebeldia. Depois trocam a noite pelo dia.

Dormem o dia inteiro e à noite saem pelo mundo buscando droga e dinheiro pra comprar mais droga. Depois de um tempo tanta faz. Não ouvem mães, não ouvem pais, abandonam a escola, e ainda fazem cara de coitados quando estão pedindo esmola.

Por não se ajustarem a uma rotina e as regras de convivência passam a viver e a dormir na calçada. Dormem quando e o quanto der vontade. Podem desfrutar de liberdade sem família para perturbá-los. Sem responsabilidade, sem contas pra pagar.

Sem horários a cumprir, sem hábitos higiênicos a seguir. Assim é que pelo menos cinquenta por cento dos dependentes químicos passam a poluir o visual da cidade que por causa da pobreza, da sujeira, do encardume e da maldade já é bastante feia.

Os outros ficam em casa incomodando ou vão para alguma instituição.

Lógica na droga não tem, nem salvação.

Dirão que gente rica também usa droga por diversão.

Esses eu nunca vi nem sei se existem ou não.

Sei de drogados roubando e ferindo.

Sei de drogados dormindo e urinando no calçadão.

Sei de drogados que infernizam a família e de tanto perturbar acabam sem ter mais com quem contar. Sei dos que para usar drogas viram ladrões.

Sei de alucinados com dentes podres, sujos, pálidos, sussurrando palavras ininteligíveis.

Sei dos que pedem dinheiro com cara de vítima como se fossem dignos de receber doação.

Sei dos que se tornaram insetos, os Gregor Sansa de hoje em dia, que passam a vida em casa vegetando e incomodando a família.

Sei dos mortos vivos escravos da droga sem salvação.

Sei dos que ficam dando prejuízo internados em instituições.

Sei dos que vem no brechó vender roupas do próprio corpo, roupas dos vizinhos, dos pais, dos irmãos.

Sei dos que consumiram tanta droga por tanto tempo que acabaram surtando e que agora ostentam o diagnóstico de psicótico maníaco-depressivo e que aos vinte e cinco anos já tomam medicamento para o mal de Parkinson.

Se existe drogado que não incomode eu não sei.

Sei dos que poluem as calçadas, as praças, os bancos das praças os terminais de ônibus. Sei dos que infestam as ruas, os presídios, os hospitais.

Sei de drogados, rejeitados que nem os pais querem mais.

Sei de alguns covardes que tiveram coragem de matar a própria família.

Sei dos compulsivos, depressivos, suicidas, abjetos, repulsivos, agressivos, nocivos, inocentes.

Sei de toda essa gente que não tem nenhum desejo de viver.

Sei dos que não fedem mas cheiram, que gastam tanto dinheiro que acabam vendendo a si mesmos.

Sei dos que fedem e cheiram e fedem mais que esgoto.

Sei dos que só deram desgosto.

Sei dos que viraram bandido e dos que mataram, feriram e estão feridos.

E sei de um drogado cujo pai que não tinha nada ver com assunto acabou virando defunto na cobrança de uma dívida.

A drogadição assim como a droga e os drogados são parte do mal a ser erradicado. Mas de que droga estava mesmo a falar?

De qualquer uma que cause perda do poder de discernimento.

De qualquer uma que cause perda do autocontrole e da vontade de acreditar que com trabalho e esforço a vida pode melhorar.

Por que é mesmo que estou tão revoltada?

Por que são 11:00 da manhã e ainda não vendi nada.

As contas estão vencendo e minha vida está passando e ainda tenho que ficar assistindo esse monte de gente dormindo espalhada na calçada. Como é que posso acreditar que a vida vai melhorar se olho pra frente e tudo que vejo:

É um monte de viciado vagabundo

Enrolados em cobertores imundos

11:00 da manhã ainda dormindo

Me dá um desgosto

Um nojo

Um medo

Um desânimo

Minhas forças diminuem e quase desmaio.

Problemas emocionais, sociais e familiares à parte, cada um devia tentar resolver os seus conflitos de um jeito mais construtivo e mais bonito. Não acredito que o uso de drogas e toda essa degradação, seja uma boa saída e nem que o problema das drogas seja falta de conscientização. Trata-se de opção. É claro que os cientistas e todos os outros profissionais vão encontrar muitas justificativas eles estão ganhando o dinheiro deles. Mantendo o status próprio e precisam mostrar serviço nem que seja apontando milhares de possíveis causas para o vício. Prestam um desserviço isentando os drogados da responsabilidade pelas suas próprias vidas. Sonho com o dia que o governo vai encerrar a batalha contra as drogas e vai destinar uma área do território nacional só pra quem deseja ser drogado. Tipo assim: ah você quer se drogar então se muda pra lá. Lá eles poderiam se drogar e se contaminar e destruir uns aos outros à vontade. Pois bem um território próprio para os drogados essa é a minha sugestão. Chega desse ditado simplista: os incomodados que se mudem. Por que eu posso até me mudar pra um lugar bem distante mesmo assim quem me garante que os drogados não estarão espalhados por lá. Na Curva o vento nunca vem sozinho.

Vem sempre acompanhado de poeira, de pedaços de papel, de folhas, plástico e muita sujeira. Quando existe alguma beleza na curva a crueldade não suporta.

Havia cinco gatos persas, lindos, amáveis e amados.

O vizinho desconsolado se sentiu incomodado.

Não sossegou enquanto não os envenenou.

Cinco corpos amanheceram rijos no quintal.

Agora estão guardados e a salvo no corpo da terra.

É mesmo difícil brotar ternura e prosperar a humanidade. Mas a culpa é dos próprios humanos que são cheios de maldade.

Só não eliminam o sol que nos ilumina porque esse em vez de ser abatido. Abate.

Toda aquela constelação de vida linda. Que se espalhava tranquila dormindo e brincando pelo chão. Já não existe mais.

Tantas vezes ao invés de comprar uma revista, alugar um filme ou comprar uma peça de roupa eu usei meu dinheiro para dar-lhes um pacote de ração.

Sinto falta de vê-los e tocá-los e por um momento acreditar que o mundo é macio, cheiroso e arredondado.

Que a vida pode ser confortável.

Que o meu tempo estava sendo bem investido, enquanto eu me entregava a doce tarefa de amar e cuidar incondicionalmente.

Câncer nele meu Deus e cancele nele o poder de matar filhos seus. Pois nada posso para combatê-lo. Meu coração está definitivamente partido.

É a mulher que limpava quintais por dez reais partiu o pé com o enxadão.

Quando vi aquele corte imenso, a carne exposta pela primeira vez na vida quis ter o poder de fazer milagres e fechar aquele buraco com uma oração.

Perguntei: você estava distraída?

Ela respondeu: não eu estava com raiva e prosseguiu me contando suas mil e uma razões pra odiar sempre. E a dor do corte era tanta. Que a voz dela quase sumia. O sangue escorria.

Ela cada vez mais amarela se agarrava em mim.

Senti medo e fugi.

- Oi moça vim aqui te propor um negócio: o que você acha de me dar algumas roupas em troca desse abacaxi?

- Oi moça a pessoa pode entrar mesmo sem ter dinheiro pra comprar?

Eu só vou dar uma olhadinha, tenho dinheiro aqui, mas é pra comprar arroz e batatinha.

Tô cansada de comer só macarrão. Penso: o que é que eu posso fazer com toda essa informação nada rentável para mim?

- Você não liga não de eu olhar...

Minha mãe agora não dá mais conta de pagar as contas, quem ajudava ela era meu irmão de dezessete anos que trabalhava, mas daí mataram ele, ali perto do terminal. Minha mãe quase morreu, ainda tá muito mal.

Mataram por bobeira.

Briga de infância.

Os caras da gangue das peruanas chegaram cumprimentaram ele e disseram lembra daquele dia que a gente brigou?.

Meu irmão disse: cara foi há muito tempo, já passou.

E eles: passou nada vamos te mata a paulada.

E mataram.

Na frente da namorada. A namorada estava grávida. Coitada teve a criança sozinha, agora fica em casa cuida do filho e da irmãzinha. Amamenta os dois no peito e a mãe dela

trabalha pra sustentar a casa. Meu irmão de dezessete anos morreu e tanta gente sofreu e vai continuar sofrendo e os vagabundos que mataram ele continuam vivendo. Pra eles nada aconteceu.

Na Curva essa é a situação tem irmã amamentando irmão.

Oi moça! Lembra de mim? Eu cuidava da minha mãe doente.

Pois é, ela morreu, já faz dois meses e ainda não sei o que fazer da minha vida.

Ela tinha derrame e a gente se comunicava por gestos, naquele dia ela tava falando, pensei que ela tava melhorando mas não, ela estava tentando sentar na cama e dizia: hoje saio daqui de qualquer jeito.

E saiu mesmo, mas não com vida.

Ninguém percebeu

De repente ela morreu.

Só ela sabia.

Moça! Hoje não fui trabalhar porque estou de atestado médico.

A porta do ônibus fechou e meu dedo ficou imprensado.

E a irmã tinha tirado o dia pra fazer o teste da curva de glicemia.

Na Curva dá muito problema de curva glicêmica e de falência múltipla de pontos comerciais.

Ainda ontem fiquei sabendo que o homem do 1.99 teve um AVC. Parece que vai morrer.

Não fala, não escuta, não se move. Outra mulher derramou-se e perdeu todos os movimentos e a noção e tem vegetado aos cuidados do marido que reclamou que tem sofrido desde que isso aconteceu. Há seis anos que ele compra mortalhas para vestido.

Dizendo: tem que ser bem fácil de por e de tirar.

Não importa a cor, o tamanho, nem o modelo.

Qualquer coisa serve pra quem não serve pra mais nada. E serve qualquer marido pra quem já perdeu o sentido. Quando sinto vontade de chorar enxugo a lágrima ainda no meu olho.

Não deixo ela escorrer e molhar o meu chão.

Não quero passar a vida patinando numa poça de lama.

O dinheiro não entra e quando entra já saiu.

Meu pai me ensinou que tempo é dinheiro e já perdi tanto e por isso acho que quando temos um não temos outro.



Mas ainda temos liberdade esse lindo conceito.

Que para mim pode ser sintetizado no seguinte:

- liberdade para olhar para o infinito que termina logo ali.
- liberdade para me esconder ou ficar na chuva.
- liberdade para colar do lado de fora da caixa figuras de todas as coisas que sonho ter.
- liberdade para guardar dentro da caixa as poucas coisas que tenho.
- liberdade para renunciar ao que de fato era mesmo impossível.
- liberdade para mentir o quanto eu quiser pra mim e pros outros.
- liberdade para catar coisas no lixo da Cidade Bela.
- liberdade para fugir e para vender coisas usadas.
- liberdade de precipício, de falta de sentido, de grito.
- liberdade para ter um sonho e um poeta favorito.

O meu poeta favorito a quem interessar é o José Ribamar ou Ferreira Gullar

E o meu sonho é escrever um poema milhares de vezes mais sujo que o dele.

Pois esse mundo piorou muito desde 1976 e o poema sujo dele é limpo, ingênuo, melódico e permanente.

Quero fazer um poema sujo tão sujo que não possa ser reciclado.

Fazer livros na maioria das vezes é matar árvores.

É parir filhos que o mundo vai ignorar

É parir filhos que o mofo vai engolir

É parir filhos destinados à insignificância.

O Rei Midas transformava tudo o que tocava em ouro mas o Rei Merdas?

Bem não faz mal dizer que tudo o que eles tocam fede e apodrece e o que mais se tem é Rei Merdas governando.

Mas o que é mesmo a liberdade, não estou falando do enredo da escola de samba. Estou pensando em liberdade cotidiana não da carnavalesca com asas feitas com penas dos pássaros amazônicos que já não voam mais.

Tem quem se atreva a se rebelar contra a pobreza na Curva, mas desses o sistema se vinga. Obrigando-os a comer um prato frio e azedo.

Um jovem casal estava namorando a seis meses: ela branca, olhos azuis, cabelo loiro, claríssima, com pouco mais de um metro e meio e cinquenta quilos. Ele negro, quase dois

metros, mais de cem quilos. Ambos pobres. Até aquela noite tinham feito sexo no apartamento dela de um único cômodo, quando a amiga saía para dormir com o namorado. Ele recebeu o pagamento era dia primeiro de dezembro. Resolveu levá-la a um motel. Tinham conversado sobre a necessidade de apimentar o relacionamento. Estavam meio sem graça por terem que ir ao motel a pé. Mas ela estava em um de seus dias desencanados e incentivou o a não se deixar envolver pelas ciladas do capitalismo. Então só quem tem carro tem direito a fazer sexo em um lugar diferente, tomar banho de banheira, transar embaixo de um espelho, numa cama redonda, tendo ao alcance das mãos os botões que acionam a TV, o rádio, as luzes e o ar condicionado. Nada disso: um pernoite no motel bem próximo custava trinta e sete reais eles tinham visto a placa e ainda serviam café da manhã. Eram umas nove horas da noite, quando finalmente decidiram ir. Mas antes ele precisava ir até a casa dele avisar a mãe que ia dormir fora, pegar roupa para no outro dia ir trabalhar, e para pegar mais uma coisa não quis dizer o que era. Ela pensou que ele ia acabar desistindo, mesmo assim se produziu. Saía longa preta, blusa preta tomara que caía, sandália de salto-alto e como estava frio, vestiu um sobretudo preto. Em uma hora ele estava de volta meio nervoso, com uma mochila, calça jeans, camiseta, um boné. Reclamando de ter que se expor entrando num motel a pé. Ela o estimulou a ir assim mesmo e foram. Não compensava pegar táxi para andar só dois quarteirões. Novamente assegurou a ele que isso de ter que ir de carro para o motel é coisa de burguês. Já não tinham dinheiro imagina se iam gastar com táxi só para satisfazer os ideais da burguesia. Chegaram ao motel meio que disfarçando a inadequação demonstrando muita naturalidade. Como formam um par mais ou menos estranho, devido ao contraste tiveram que pagar antes de entrar. Ele se estressou ela o acalmou. O quarto mais em conta estava em arrumação: dez minutos de espera em pé e sem a proteção de um carro que ocultaria um pouco da condição de pessoas que estavam lá para fazer sexo. Durante esse tempo várias vezes foram iluminados por faróis de carros que entravam ou saíam do motel. Até que a moça da recepção avisou que eles poderiam esperar dentro da garagem da suíte em arrumação, foram para lá, sentaram se na escada. Ele resmungando, ela disse: eles dificultam para os pobres desistirem, para quem é pobre se sentir ainda mais miserável. Entraram na suíte. Ma-ra-vi-lho-sa. Teto decorado com fibra ótica, banheiro de vidro com tijolos também de vidro, televisão com dois canais de filme pornô, tudo arrumado, não

demorou pra que a situação humilhante fosse esquecida e substituída pelo tédio. Quase não dormiram queriam aproveitar a televisão, o som, às luzes do teto, à ducha, à banheira, o sexo em todas as posições sem ter que controlar os gemidos para não incomodar os vizinhos. Dormiram, mas logo já era hora dele sair para trabalhar. Nem puderam esperar o café da manhã, ele ia acabar se atrasando. Novamente o vexame. Para pegar os documentos que estavam na portaria e pagar a cerveja que tinham consumido precisaram esperar em pé na fila entre dois carros. Ficaram de péssimo humor. Ela ainda estava com sono, à cara amassada não foi espirituosa o suficiente para contornar a situação. Disse que não ia mais querer saber de pobre. Contou o dinheiro que tinha sobrado para ele passar a semana: trinta reais. Ele teria que comprar vale transporte, cigarro e comida. Censurou o por ter gasto dinheiro indo ao motel sem ter condições. Ele disse que comida não teria que comprar levava o almoço para o trabalho todos dias. Ele foi trabalhar, ela passou em casa para se trocar e também foi. À noite ele passou para vê-la, estava cansado e com fome. A comida que ele tinha ido buscar na casa da mãe antes de irem ao motel tinha estragado. No quarto mais em conta do motel não havia frigobar e ele tinha esquecido se de pedir para a moça da portaria guardar a marmita na geladeira.

O almoço tinha passado a noite na mochila. Logo ficaram sabendo que naquela noite sensacional tinham feito um filho. Mas também tem história assustadora na Curva e dá tanto medo que não dá nem vontade de sair na rua, nem de ficar em casa, nem de morrer por que os mortos estão tendo o túmulo depredado, buscam algo de valor, nem que seja o caixão para revender.

Tem gente que ainda ousa querer que a reencarnação seja um fato verídico. Verídicos são os perigos de ser morto ou vivo.

Mas ai passou a seca veio a chuvarada, a chuva lavou a rua e as casas empoeiradas. No começo foi bom, daí veio à inundação e não veio de brincadeira nem os porquinhos com casa de tijolo conseguiram se safar.

Como os temporais são?

Não como os temporais eram

Era-se o tempo dos deuses punitivos

...trovões.

Dos deuses lutando

...relâmpagos.

Dos deuses chorando

...chuva.

Dos deuses irados

...tempestades.

na era de agora os temporais são

...chuva e vento contra casas de papelão.

Agora os temporais são desequilíbrio desabamento e destruição.

O fim da bonança que ainda não começou.

Agora: antes durante e depois da tempestade tem inundação.

Muitos habitantes pela primeira vez tiveram a experiência de andar de barco, ali mesmo por entre suas casas, nas ruas da Curva, até uma cachoeira tinha aparecido e se transformado em ponto turístico.

Depois da inundação, começa a reconstrução da Curva e aumentam os furtos de itens indispensáveis como caixa d'água e lona. Roubo preventivo contra as secas e as chuvas seguintes.

Foi um desfile de desabrigados e desobrigados e embriagados e fodidos de todos os tipos, idades e estados mentais.

A velharada saiu para renovar o estoque de fofocas.

Os mendigos úmidos saíram para tomar sol e mendigar uma cachaçinha para celebrar o fato de não terem morrido no temporal, nem todos, alguns tiveram que sair pedindo coisas básicas como caixas de papelão.

Eu que gostava de descobrir

em cada ser humano um drama

agora tudo o que via

não precisava ser descoberto

era tudo a céu aberto

o palco sem cortina

as fantasias

os esgotos

os gostos e desgostos,

e o drama de cada um  
se oferecia como introdução  
do que seria o tempo todo, todo dia.  
fraturas e futuros expostos  
destroços  
carcaças  
lisonjeados em serem ouvidos  
pois que não sabendo o que fazer  
faziam se dizer sombrios,  
tristes, doentes, desanimados  
sem dinheiro, traídos, desajeitados  
e como geravam herdeiros!!!!  
de suas necessidades  
de suas incoerências  
feiúras e bondades  
herdeiros de nada ter  
a não ser uma triste estória  
para viver,  
o que já é muito diante da morte iminente  
de muitos ainda em semente.  
nunca havia visto tantas cadeiras de rodas  
tantas muletas, tantas esmolos  
e eu que não sei ser generosa  
nem sei compartilhar  
envergonhei me tendo mais do que preciso  
e o que é ter mais do que é preciso?  
e ter algo novo  
sem o qual tinha vivido muito bem até antes.  
mas eu não estou falando disso  
estou falando de gente com sarna,  
piolho e pano branco,

gente fedendo urina,  
gente com ferida  
e já por demais ferida, pra se curar da dita sina  
tô falando de gente endividada, fraca, viciada  
tô falando de pobreza, miséria e carnificina  
de gente que não tem o que comer  
e vende comida pra sobreviver  
de gente que tenta vender  
os restos de si mesmo na esquina.  
e descobri que o drama humano  
que eu tanto queria não era  
aquele que se oferecia  
mas aquele que por mim  
metodicamente teria que ser escavado  
drama secreto  
bem disfarçado  
não o drama escancarado,  
louco, desejando ser contado  
não esse saltando aos olhos  
feito tumor latejando  
não aquele arrependido de ter nascido  
identificado, confesso, punido  
não aquele agonizando pra ser perdoado  
queria o drama reprimido,  
poético, inconsistente  
drama recôndito, inconsciente  
mas o drama que eu queria  
estava num outro lugar  
e eu jamais teria como encontrar.

Detesto quando esses outros pobres vêm pedir ajuda, se eu pudesse e meu dinheiro desse eu não estaria nem aqui.

Tinha gente que achava que à democracia, o capitalismo e a industrialização resolveria. Que nada, a gente se engana. Eu mesma achava que uma fala rebuscada era suficiente pra eu ser respeitada.

Que nada. Eu achava que saber rima era suficiente pra escrever minha obra prima. Que nada. Eu que sou capaz de rimar eu mesma com ar acabei desempregada vindo morar no bolsão da pobreza. Por falta de sorte e pra ganhar o pão.

Mas ganhar pão não adianta. É preciso ganhar também o almoço.

Mas isso também não adianta é preciso ganhar a janta.

A gente come, enche a barriga, engorda e passa.

Você pensa que não tem mais nada a perder, mas tem. Tem que perder peso.

O velho do saco, injuriado grita, xinga, ofende quem passa, a boca parece um moedor de carne moendo tudo com ódio. Síndrome de Tourette pensam os experts. Antes ele do que eu, pensam os passantes menos instruídos.

Cospe

Escarra

Protesta

Se sacode

Se descabela

Mas ninguém se ofende. É um louco ele não tem intenção e ninguém leva as palavras do louco a sério. Até acham divertido.

Com tanto ódio me espanta que ele ainda não tenha morrido envenenado pelo próprio veneno.

Mas gritar e brigar feito louco é pouco. Aos poucos a fúria passa e ele cansado e esfomeado tem que humildemente pedir comida, metáfora perfeita para quem vive essa vida.

As coisas também progridem aqui na Curva.

Uma galerinha virou uma gangue e está enfrentando a gangue das peruanas.

Um casalzinho virou uma família numerosa.

Outro casal mais um filho e uma filha viraram quadrilha.

O dono do mercado abriu uma filial.

Quem não se sentia muito bem agora passa muito mal.

As garotinhas que iam pra escola com mochila cor de rosa e eram conhecidas como as fedelhas, acabaram de se mudar para a casa das luzes, calcinhas e bolsas vermelhas.

O rapazote tímido que vendia amendoim e cocada, não vendia quase nada, agora esta vendendo muito mais, coisas muito menos legalizadas.

A senhorinha da banca de verduras cansou de ver fruta apodrecer achou a vida de comerciante de coisas perecíveis uma porcaria e agora vende coisinhas chinesas e pirataria.

A casa abandonada onde a galera se juntava pra fazer suruba agora é uma igreja, com pombinha da paz e tudo o mais. Assim se desencaminha a humanidade.

Um artista amigo meu, muito talentoso que sabe fazer tudo quanto é tipo de arte disse que não sabe mais o que fazer de si mesmo. O problema segundo ele é que nos ensinam que é preciso que façamos alguma coisa e como se isso não fosse o bastante ainda querem que façamos algo de nós mesmos, mesmo que os que nos fizeram tenham nos feito de qualquer jeito. Por acaso já não somos obras de Deus e de nossos inconsequentes pais? Com todo o respeito o que é que eles querem mais? O que dizer ao meu amigo artista? Sei lá se reinvente, quem se acomoda consente. É preciso muita desobediência cotidiana na vida de um sobrevivente.

Para sobrevivermos é preciso que desobedeçamos às leis humanas escritas ou não. Às leis biológicas expressas ou não. E as leis farmacológicas prescritas ou não.

Por que seu eu fosse bem obediente estaria tomando sibutramina e amitriptilina.

Posso não ser feliz mas não vou dar alegria para a industria farmacêutica. Não escapa um pra remédio, gente é sempre má notícia, com suas dores crônicas ou agudas, com suas necessidades reais ou imaginárias, com suas ansiedades persistentes ou bruscas, com suas vontades e incertezas imprescindíveis ao bom funcionamento do mercado.

Entende-se que não basta que façamos algo, é preciso que esse algo seja capaz de gerar renda. Na dúvida as pessoas fazem algo que gera crianças e gasto com roupas, remédios e fraldas para enriquecer o dono do mercado e da farmácia. Negócio é abrir fábrica de mamadeira. As mamadeiras são chinesas e as crianças brasileiras. Uma distância enorme entre dois terceiros mundos. Sobra mamadeira para a china mandar para o Brasil porque lá eles estão fazendo racionamento de criança. Se não fizessem nunca chegaria nada chinês até aqui. Gastariam tudo lá mesmo. Isso se chama produção de excedentes. Enquanto eles



produzem excedente de material nós produzimos excesso de pessoal. O meu primo um favelado do bem foi dispensado do serviço militar por excesso de contingente.

Gente mais gente mais gente gera sobra de contingente.

Dai a gente tem que aprender a decidir o que não fazer e pronto. Ou ir fazer ponto.

Pronto socorro.

Pronto desatendimento.

Prontamente lamento.

Pronto pra desistir.

Pronto para ser excluído da cesta básica do mundo. Ninguém precisa de você.

Sua insignificância é toda sua.

Conheci um Americano que disse que o pinto dele endurecia assim que ele cruzava a linha do equador. O planeta inteiro quer participar das orgias tropicais.

Mais um homem na calçada mais isso não é nada. Tem gente que gosta. Acha que pelo fato de não estar deitado na calçada está em melhor situação, não entende que não é preciso estar deitado na rua pra ter chegado ao fim da picada.

Tem gente que dorme em pé em ônibus lotados e se acha privilegiado ao ver o mendigo folgado fumando um cigarro deitado e contemplando a imensidão do céu. Ninguém vai pisar no pé dele e ele nem vai ser esmagado pelo povão apressado saindo de um ônibus e correndo para pegar o outro. Os ônibus que levam os passageiros até perto de suas casas e pegam outros para trazerem até o terminal são pomposamente conhecidos como: alimentadores da região. Tem ônibus pra todo lugar: pombal, sítio lotado, campo espremido, novo mundo, expresso curvense. O ligeirinho de tão rápido que é nem para na parada e o povo fica lá com as mãos para o alto, indignação! Vila dos Remédios, Vila Nova Assunção, Vila União, Vila São João. No fundo é tudo Curva com outra denominação. A Curva não tem fim, tem sucessão de desgraças. Tem um território que só tende a aumentar. Tem uma população que por mais que morra, nunca para de nascer. Para cada dez que consegue sair tem mil se acampando por aqui em caráter definitivo e na maioria das vezes são seres sem caráter nenhum.

Bati, bati e bati e pela primeira vez na vida coloquei um bolo na forma sem ter certeza de que ele ficaria bom. Na verdade antes eu nunca tinha pensado se o bolo ia sair bom ou ruim era um tipo de certeza inconsciente. Como essa de que a chuva vai passar e de que o sol vai

se por, não vai desaparecer pra sempre. Mas ai de repente olho pra massa e ela está meio opaca, penso se ainda terei tempo de corrigir o mal e digo: bolo eu te amo, me desculpa pela agressão, é por causa da situação, é tanta violência que eu vejo na rua e vi na televisão que acabei me descontrolando. Por favor cresça e me de uma prova de que algumas coisas terminam bem. Tão cedo da manhã e eu espancando um bolo inocente.

É que fui dormir pensando nos meninos perdidos que eu vi ontem por toda à parte.

Lá vai o filho da mãe.

Obrigada por nada mãe querida.

Esses meninos de calças frouxas e armas firmes na mão.

É tão certo que uns vão morrer outros irão pra cadeia ou pra qualquer outra prisão. Já os que se esforçarem terão que compartilhar os frutos do trabalho com um monte de ladrão. Querendo ou não. Não existe livre arbítrio nem livre arbitragem. Tá tudo corrompido.

As meninas buscando sentido para a vida. Buscam marido.

Acabam sozinhas e com filho.

Somos mesmo um monte de necessidade.

Todos os dias as chances diminuem e as multidões aumentam.

A necessidade de mais dinheiro, mais comida, mais fralda descartável.

Meninos craquentos entre 10 e 12 anos já são conhecidos como elementos de alta periculosidade. Inocentemente queimam craque na calçada.

Bem a vista, parece que eles gostam de se mostrar.

Ou querem provar que não tem nada a esconder.

Vai saber o que passa em cabecinhas como a deles.

Daqui a dois ou três anos os que estiverem vivos estarão fazendo muitos mortos.

Mãe querida!

Eu não te pedi essa vida.

Furtam, usam drogas, matam e as mães não podem fazer nada. Elas também estão em perigo. Na Curva as mães são meninas já envelhecidas pela sina.

Vítima e co-autora. Mas ela não sabia. Que o bebê que lhe dava alegria ia se tornar um moço, um poço de vadiagem e crueldade.

Não estou inventando não, deu na televisão que mais de um milhão e meio

de mulheres estão sendo condenadas por aborto no Mato Grosso.

Moço não faça isso não, elas só evitaram que seus filhos nascessem e morressem depois de crescidos, na mão da policia ou na mão do bandido. Muito mais gente teria sofrido. E todas essas mulheres não merecem punição merecem medalha de honra ao mérito por não deixarem seus filhos nascerem em tal situação.

A sociedade, o governo ou seja quem for, não tem condições de conter a violência entre os que já estão aqui, imagina o que fariam com os outros milhares que teriam nascido.

E toda essa gente nascendo.

E toda essa gente metendo.

E toda essa gente gemendo.

De dor, de gozo e arrependimento.

E toda essa mulherada parindo.

E toda essa criançaada saindo.

E toda essa mendigaiada pedindo.

E toda essa mulherada parindo de novo.

E toda essa gente chamada povo.

Sem casa, sem emprego, sem motivo pra viver.

Tentando se justificar, metendo com qualquer um em qualquer lugar.

Para ter a sensação de que estão vivos.

E desse acasalamento de falta de plano com tormento nasce mais uma pessoa indesejada, não planejada, mais uma pra ser desempregada.

Quer comida, conforto e direito, mas acaba em nada.

Essas mulheres às vezes meninas tem 13, 14, 15 anos não criaram nem a si mesmas e já estão fazendo outros humanos. Insanos são os outros ela era só meio louquinha.

Essas mulheres de 13, 14 15 anos e ainda nem tinham planos e agora estão em situação de calamidade, emergência, ignorância e persistência no erro. Quem diria que metidinhas inconsequentes encheriam o mundo de barrigas vazias e de bocas sem dentes.

Sacos sem fundo.

Cheios de carência

Pobreza, carceragem, drogadição.

Gente saída das bocetas pelo ladrão.

Mas não são todas não.

É só a maioria.

E ainda chamam os procedimentos humanos de civilização.

A crise que começou a mil anos atrás não acaba mais.

E se é ruim pra gente imagina pros animais.

Coitados cada vez mais abandonados.

Com tanta gente indo pro lixo.

Quem vai se interessar em proteger os bichos.

Eu acho que bicho devia ser protegido.

Por que eles não têm sonhos nem conseguem lutar por uma vida melhor e nem sabem como evitar a procriação.

Gente se alivia, roubando, usando droga, sonhando e trabalhando.

Se alimenta de ilusão. Bichos não. Eles vivem o dia com a barriga cheia ou vazia Não sabem que futuro existe

Não sabem como deixar de ser tristes.

Não sabem fingir que não estão sofrendo.

Não sabem se suicidar.

Não sabem fazer planejamento familiar.

Deixa nascer disse a mulher. A filosofia dela era: eu é que não vou me privar de crianças por causa desse mundo ai fora. Ela pensa em crianças em termos de agora, quero ver daqui a 10 ou 15 anos, muitos prejuízos e muitos desenganos e as crianças viram fábricas de necessidade e de outros seres humanos.

Tem uns que por sorte se salvam, estudam arranjam empregos, dão orgulho aos pais e se ajeitam na vida. Mas até quando? Até serem sequestrados.

Serem pegos de surpresa na saída ou na chegada.

Adeus papai, adeus mamãe, fui bom mas é o fim da jornada.

Desgraçado, desgraçada.

Filho da puta, mal criado.

Marginal, escória.

Monstro nojento.

Pestilento.

Mas ai já é tarde

O filho lindo e motivo de orgulho já se foi lamento.

Eu lamento

Tu lamentas

Eles lamentam

Elas lamentam

Nos lamentamos

Tu lamentas

Vós lamentais

Nós lamentaremos

O verbo mais conjugado no momento

Eu lamento.

E o bolo agredido cujo pedido de desculpa eu apresentei no último momento cresceu e ficou muito bom. Prova de que o amor pode dar certo.

Provisoriamente não cantaremos o amor, vomitaremos o horror antes que ele contamine o nosso sistema linfático.

Acordei bem cedo e fiz bolo tentando negar a amargura das notícias ruins que outras famílias receberam.

Coisas inesperadas. Hoje tão cedo eu já tão desesperada.

As mulheres diziam: não sei o que fazer, eu só sei que não sou nada.

Mas ser nada é bom. Ilusão, ilusão. Até um nada como eu é assaltada no calçadão. Toda essa desgraça acontecendo e me sinto culpada por me dar ao luxo de ficar observando em vez de fazer alguma coisa.

Mas o quê eu posso fazer?

Nada. O destino é o mesmo. O destino é o medo. O destino é doença oportunista.

O destino é a doença higienizadora. O destino é a morte.

Pra quem tiver sorte.

De tanto que já aconteceu a morte já devia ser uma função incorporada.

Uma goiaba caindo, um bêbado cuspiendo, uma galinha cagando, uma criança dormindo ou um cara vendendo rede.

Mas gente tem sede de água e de sentido.

A gente dá muito sentido a pessoas morrendo e a bebês nascendo.

A busca de uma esposa ou de um marido. Ao simples fato de alguém da família ter enlouquecido.

Anormal é não enlouquecer.

Anormal é ver tudo acontecer e ficar sofrendo pelas perdas.

Pelos não ganhos. Pela dor dos estranhos na televisão e não dar uma de louco.

É que podia ser eu

Meu pai

Meu irmão

Meu tio

Minha mãe

E eram todos eles.

Nada é seu não. Desapegue-se de tudo até da sua adorada televisão.

Perdoai os ó pai, eles sabem muito bem por que choram e também sabem que já deveriam estar acostumados.

O sermão na montanha ia ser muito perigoso hoje em dia.

Todos aqueles pastores, protegendo os cordeiros dos lobos nem existem mais.

A moda aqui na Curva é estuprar ovelha, pastorear é coisa que não se faz.

Hoje em dia habitar as montanhas e proteção ganharam outros significados.

Rola muito mais sangue montanha abaixo do que chuva para esverdear os pastos. E as cruzeiras que todos carregam geram congestionamento.

Atenção, atenção negado acesso ao monte Sinai até mesmo aos moradores. Tem um exército de bandidos destruindo tudo e tem o exército da salvação tentando reconstruir, mas ainda falta muito para os bons vencerem e os maus perderem.

Recomeço é bom e fresco. Só preciso de um frasco com algo de beber ou de cheirar pra poder comemorar.

E nada jamais descolorirá.

É cruz vermelha.

É linha vermelha.

Falange vermelha.

Comando vermelho.

Sudário manchado de vermelho.

Pátria vermelha

Sendero luminoso

Nada se salvará.

Nem me salvará.

Nem adianta fazer uma arca que os rios navegáveis estão por um fio.

Todos tentam já que tentar não é crime ou é depende da tentativa se ela for bem sucedida é.

Tentativa bem sucedida é suicídio consumado. E daí não é punível.

O resto é. Mas não é.

Depende de quem tenta e de quem assiste à televisão.

Os fatos falam por si mesmos e ultimamente os fatos têm sido bastante eloquentes.

Precisamente porque eles todos frequentam aqueles cursos

de oralidade exacerbada, digo de oratória ou retórica eu é que fico quieta.

Escrevo pra não fala, leio pra não perguntar e mordo a língua se der vontade de criticar.

Essa minha boca é um túmulo dizia a mulher com um hálito tão ruim que parecia mesmo ser um túmulo.

No livro em busca do sentido da vida o Victor Frankl dizia que o que move o ser humano é a curiosidade, uma das coisas é claro, porque comida e noites bem dormidas continuam sendo fundamentais para a compreensão do sentido da vida. Beleza também, mas como é rara custa caro e o poder aquisitivo não faz sentido nenhum. Curiosidade nem que seja para saber se chegarei em casa antes de ser assaltada, se descerei do ônibus antes que ele acelere, vá embora e me deixe caído na calçada. São curiosidades pequenas, mas que movem e comovem. Por exemplo hoje: estou curiosa pra saber quem dos vizinhos vai chegar aqui contando uma desgraça, sou bem capaz de passar a manhã nesse processo de curiosidade e adivinhação.

Mórbido?

Com certeza sórdida é a vida, que sou obrigada a viver.

No tempo das cavernas eram os leões e a precariedade das armas.

Hoje em dia pra quem é pobre são: a fome, a decadência, o enlouquecimento e a precariedade do corpo e da alma.

Por causa de tanto armamento pesado o morro está para desmoronar a qualquer momento. Todos estão em perigo. Sabe como é arma fora de si, atira pra todos os lados, não importa quem é inocente ou culpado, se é trabalhador ou desempregado, se é fugitivo ou prisioneiro liberado em virtude da alta densidade demográfica. A expressão renda per capita me causa uma reação alérgica múltipla. Armas e almas vagam por ai, atravessam paredes e ninguém nem vê quem foi. Invisibilidade. Difícil é ver transparência no escuro.

Mas hoje estou particularmente azeda. Não minha boca ainda não é um túmulo mas é um túnel e túnel é um vazio. É preciso preencher o vazio.

Mas no fundo todo mundo é mesmo inocente, até os maus porque a eles falta criatividade pra ser outra coisa e nem sabem querer mais do que a própria maldade aliada à maldade de alguns outros da mesma espécie.

Querem essas fantasiosas coisas de marcas.

E as roupas de marca são costuradas pelas velhinhas analfabetas de um interior qualquer e pelos bolivianos ilegais que vivem enjaulados nos cubículos em São Paulo. Inocentes acham que estão sendo bons e costuram e costuram até que a LER e a artrite os separe das máquinas de costura industrial. Peças descartáveis da engrenagem, fazem roupas descartáveis para todas as estações do ano. Eles nem sabem o que é LER também não sabem LER. Tenossinovite, tendinite, bursite. Bursite todo mundo sabe por que até o presidente já teve. *Ite* é um sufixo do latim clássico que significa inflamação. Mas em grafite, estalactite, dinamite não. O médico residente, residente não de passagem pela Curva diagnosticava com muita empolgação.

- Senhor o seu problema é de LER.

E o velho respondeu: mas claro doutor faz anos que uso esses óculos caindo aos pedaços. E o doutor lindo, jovem e usando um uniforme novinho: meu senhor LER não tem nada a ver com óculos velhos.

E o velho: Sei sim doutor é que meu pai nunca me mandou pra escola.

E o doutor: no seu caso ela foi acarretada por problemas ergonômicos. E o velho meio surdo: econômicos? Eu faço tanta economia doutor!.

O doutor já exasperado desiste de tentar dialogar com esse ignorante e escreve: fluoxetina, duas vezes ao dia, com uma letrinha ilegível. Que se dane esse povo iletrado. O velho sai e



o médico lindo fica meditando e chega à conclusão de que não é culpado de nada. Afinal o velho teria ficado mais confuso ainda se ele tivesse dito DORT em vez de L.E.R.

Dá pra distinguir entre um estagiário e um médico pela cor do uniforme. Estagiários usam jalecos novos e brancos, médicos usam jalecos velhos e amarelados, já estão desenganados. Um passeio muito popular na Curva é ir de ambulância pra uma das Colônias criadas para recreação dos que não são chegados a trabalho e toleram mal as frustrações do dia a dia. Também para os já cansados de tudo, e já não querem mais nada, a não ser sossego e ausência de contas no final de mês. As Colônias são patrocinadas pela classe média trabalhadora que paga os impostos.

Os ricos usam o imposto pra criar ONGS, casas de cultura e outras iniciativas artísticas, com o objetivo de fazer um marketing socialmente correto e com isso expandir ainda mais seus nomes, marcas e empresas.

Mas deixa isso pra lá, o bom mesmo era o barato que dá na viagem de ambulância.

Na ambulância é aquela viagem de liquidificador, quando você chega ao destino tá todo moído. Muita gente gosta da sensação de viajar sem saber onde está indo. Na cápsula escura, pela fresta entra um vento e é tudo que se sabe sobre

o lado de fora, quando eu via já estava na Colônia. Os visitantes ganhavam crachá de visitante. Os permanentes ganhavam a companhia do segurança atento que também mora na Curva mas tinha sorte de estar na Colônia a trabalho naquele momento. Tinha estado lá como visitante e também como permanente sendo vigiado por outro segurança que também tinha o currículo muito parecido, mas que acabou sendo transferido por motivo de estresse.

As Colônias ficavam bem pra lá da Curva. Colônia penal. Colônia psiquiátrica.

São Colônias de todos os tipos para todos os tipos. Na Colônia psiquiátrica os permanentes usavam um macacão bem original só tinha a parte da frente, nem sei por que tinha bolso, pois as mãos assim como as pernas, a cintura e o pescoço ficavam amarrados pelas várias tiras que saiam do macacão. Amarravam bem apertado, tão apertado que a pessoa ficava unidimensional. É ruim por que já estamos na era 3D e é bom por que elimina o conflito entre lados opostos e impulsos bipolares. Muita gente da Curva acabava se encontrando nas Colônias por acaso e todos se atualizavam sobre novos médicos, novos seguranças, dias de visita, visto de permanência e assim por diante. Havia alguns que tinham tudo para virarem permanentes mas por não agirem de acordo com o script, eram repatriados no

mesmo dia. Na Colônia a coisa mais normal era ser anormal. Surto era o que se esperava. Bater na mãe e xingar o pai de velho brocha também fazia parte e ajudava na obtenção do visto de permanência. Mas o esforço compensava. A pessoa podia ficar na Colônia por tempo indeterminado comendo cinco refeições ao dia e colhendo frutas no pomar. Para isso era preciso atuar de acordo com o DSM em vigência. Saber se comportar como a menina do filme o exorcista era um dos requisitos. Um que chegou lá todo de branco e com mania de tomar banho foi logo rotulado de compulsivo por limpeza e encaminhado ao programa de reeducação. Ele teve que aprender que ficar gastando água era prova de insanidade.

O surto é feito

de arame pré-cozido

temperado com

duas medidas de

quase tudo

e uma colher de não eu a mais.

É apaziguado com

benzodiazepínicos

estratosféricos

pra insônia

surte efeito

e o efeito do surto

é normal para quem

levou golpe certo

de um faixa preta

ops!! tarja preta

e foi abduzido

por armários de(s)controlados.

O ministério não adverte

mas a doença faz muito mal a saúde

e muito bem aos laboratórios

farmácias e outras instituições

psicotropicais.

Nas Colônias a pessoa ficava por abusar ou por ter sido abusada, mas tinha outros excessos que também habilitavam a pessoa a passar lá uns tempos recebendo visita e tendo a pressão monitorada. Muito verde, muitos passarinhos, muitas flores. Colônia só pra mulheres e outras só pra homens. Colônia só pra gente que se rebelou e caiu fora da família ou em caso contrário em que a família se encheu é que caiu fora deles. Passar os dias de chinelo e moletom assistindo vídeos sobre os malefícios das drogas e de outras invenções malevolentes parecia bem relaxante para quem tinha passado a semana inteira trabalhando e viajando em ônibus tão cheios que o termo superlotado já nem serve mais para defini-los. Esses humanos normais iam ao encontro dominical na Colônia e ficavam com vontade de também viver lá. Só de saber que o lugar tinha mil leitos, dava até preguiça de voltar pra casa, pra escola ou para o trabalho. Os leitos eram disputadíssimos, pessoas de muitas outras Curvas entravam na batalha pelo leito disponível. A decisão sobre quem ia ocupar o leito era tomada com base naquela música clássica do elefante que incomoda muita gente. Quanto mais elefante a pessoa fosse mais chance tinha passar uns tempos lá. Quem julgava se o elefante incomodava mais ou menos que o outro usava um critério bem particular, por exemplo: tinha o que vendeu a caixa d'água para comprar drogas e que aos vinte anos já matou três indigentes e tinha o que aos vinte anos já fez três filhos indigentes e vendeu a caixa d'água para comprar drogas. Então quem julgava tinha que decidir qual deles era o pior. Tinha gente que se assustava diante de um julgamento em que eram decididos casos tão semelhantes quanto o do exemplo acima. Tinha Juiz que achava aquele tipo de julgamento improcedente e acolhia ambos os meliantes ou então despachava ambos pro setor de repatriação. Ai a pessoa ganhava um ticket ambulância pra voltar pra casa. Chegava em casa e surpreendia a família que não estava esperando por mais aquela má notícia. Mais viagem que viajar de ambulância era percorrer o corredor de mil leitos. Era quando a pessoa descobria que existia luz no fim do túnel, mas a luz estava apagada pra não atrapalhar o sono do pessoal pra eles poderem sonhar com os anjos e assim passarem a usar moletom em vez daquele macacão multi-funções que deixava a pessoa unilateral. Uma pessoa que usava o macacão multi-funções só conseguia caminhar se carregasse à cama de aço nas costas. O macacão também servia para conter impulsos e para proteger quem o estava usando de si mesmo. O ruim é que ele não protegia da fúria, nem dos impulsos dos outros, teve um que morreu na Colônia por que estava usando o macacão e foi sufocado por

dois vingativos que já o conheciam de outras Colônias. Você meu amigo de cela, meu irmão camarada, amigo de tantas fugas e tantas paradas...parece a música do Roberto Carlos. Também serviam sanduíches de pão com carne moída pra quem estava esperando na fila enquanto o mérito de quem iria para os leitos e quem não iria era julgado. Alguns desistiam de esperar, catavam a bolsa da mãe desavisada de outro concorrente e sumia. Preferia satisfazer suas necessidades vitais imediatas de álcool e/ou drogas e pronto em vez de ser pronto socorrido na Colônia. Quem é que ia trocar uma cheirada certa por um leito duvidoso. Depois não adiantava chorar o leito cancelado. O uniforme do pessoal que trabalhava nas Colônias também poderia figurar em comercial de sabão em pó. O antes ainda na Colônia e depois no varal dá fábrica da OMO. Tudo muito trash mas o pessoal voltava para a Curva admirado com a organização e com o verde das Colônias. Outra coisa admirável era que no banheiro da Colônia tinha papel higiênico para os visitantes. Não era dos melhores mas era algo surpreendente. Muita gente comprava roupas usadas pra levar para os permanentes na Colônia. Tinha mãe que chegava no brechó e dizia: eu podia comprar nova mas ele não merece. Tinha esposa que dizia o mesmo. Namorada que dizia o mesmo. Irmã que dizia o mesmo. Quer dizer já era conforto demais morar na Colônia, ter direito a leito, cinco refeições ao dia, banho de sol e ainda ganhar roupa nova de quem estava condenado a viver na Curva se arrebetando de trabalhar.

E no pomar  
derrubavam caquis  
com a mesma vara  
que usavam para  
fazer buracos no azul  
onde semeavam nuvens  
e colhiam carneirinhos  
pra contar nas 1001 noites  
em que Sherazade não  
apareceu no Hospital Colônia.

Não importa o que esteja acontecendo se você ligar pra polícia vão dizer que não podem fazer nada.

Mais ou menos assim:

Moço: meu irmão está querendo matar meu pai. Ele está ameaçando a todos nós e não deixa ninguém dormir. Ele é paciente psiquiátrico será que vocês poderiam vir aqui prendê-lo pelo menos por essa noite até eu ver se consigo um internamento.

A polícia diz: não podemos prender loucos chame a ambulância e leve pra um hospital.

Ligo para o hospital: senhora meu irmão que é paciente psiquiátrico está muito agressivo, já bateu na minha mãe e não deixa ninguém dormir, dá pra vocês mandarem uma ambulância?

A atendente diz: olha isso não podemos resolver quem tem que por limite nele é a família.

Tento novamente com a polícia: oi eu estou ligando por que preciso da ajuda da polícia, meu irmão estava internado no Hospital Colônia e veio passar o final de semana com a família e teria que retornar para o leito reservado, mas está se recusando. Inacreditável não é? E ele pegou uma faca e se trancou no quarto, isso após ter ameaçado matar meu pai. Ele disse que só sai daquele quarto morto. Estou desesperada por isso estou ligando preciso da ajuda de vocês.

Policial: (cínico escondido atrás de uma farda, de uma mesa e de uma linha telefônica) Mas o que a senhora quer que a gente faça?

- Eu: (uma irmã desesperada excluída sem direito a nada) Preciso que vocês venham até aqui e o levem para o Hospital Colônia. Já liguei avisando o ocorrido e eles me disseram pra pedir a ajuda da polícia para reconduzi-lo ao internamento.

- Policial conversa com outro: (ouço a conversa).

Essa dona quer que a gente busque o irmão dela e leve pro hospital psiquiátrico falou que o hospital disse que a gente tem que fazer isso.

- Outro policial: o hospício que faça o serviço deles nós fazemos o nosso. Só por que o 190 é o único número que o povo sabe de cabeça ligam aqui pra tudo quanto é coisa.

- O Policial fala pra mim: Não dá esse não é nosso serviço. Se ele não quer ir, não ha nada a se fazer. Ninguém pode coagir o elemento ainda mais se ele é portador de distúrbio mental sério e incapacitante.

- Eu: mas senhor policial, ele não está em condições de fazer escolhas nesse momento. Temos vários laudos que atestam a insanidade mental dele, meu irmão é perigoso, ele já esteve preso várias vezes, é usuário de drogas há quinze anos é um rapaz forte tem 28 anos eu não tenho como forçar ele, meu pai é velho e fraco não vai conseguir enfrentá-lo.

Policial: mas isso é um problema de família, não é com a polícia.

- Eu: (ainda mais desesperada) mas se ele mata o meu pai daí o assunto é com a polícia?

Policial: de acordo, daí agiremos. Preciso que a senhora desligue agora essa linha é de emergência e pode ser que algum fato relevante esteja acontecendo e temos que estar disponível.

Eu: mas ele está ameaçando o meu pai, está armado com uma faca, está se recusando a voltar para o hospital isso não é suficiente para que a polícia possa interferir.

Polícia: olha dona como você disse seu irmão tem 28 anos e já é usuário de drogas à bastante tempo, seu pai está passando por isso porque no tempo em que ele devia ter feito a parte dele ele não fez, agora quer que a polícia ajude a resolver um assunto que ele deveria ter resolvido. Boa noite a polícia agradece o chamado mas tem muitas outras prioridades. Desligou o telefone na minha cara. Liguei para a central de atendimento psiquiátrico e solicitei uma ambulância, não puderam me ajudar, o hospital psiquiátrico alegou que meu irmão tinha saído por que minha mãe tinha assinado o termo de responsabilidade e que agora era responsabilidade da família trazê-lo de volta pro hospital. Se pelo contrário ele tivesse escapado aí sim o hospital ia tentar encontrá-lo e interná-lo novamente.

Nessas horas ninguém pode. Instituições como essas nem deveriam existir só dão despesas. Os servidores usam as instituições de acordo com o que lhes é conveniente. Decidem o que fazer ou não e as decisões são sempre em favor de quem ocupa os postos de trabalho no serviço público que de público só tem o nome é tratado como se fosse privado. Já que reconduzir loucos que ameaçam matar os pais a facada não é serviço da polícia, nem do hospital, nem da saúde pública, nem da ação social, nem do ministério público. Alternativas ao processo:

Fui até uma esquina da Curva contratei um táxi e dois tipos fortes e em questão de minutos meu irmão estava sendo entregue no hospital. Não, não foi bem assim fui ao farmacêutico da Curva e pedi um sossega leão expliquei a situação e o remédio foi diluído numa refeição, a família mesmo resolveu a questão.

Mas não foi bem assim, resolvemos em família que se não era da alçada de ninguém então podíamos dar o cabo do insano e acabar com tanta perturbação.

Mas na hora H. H de hospital ninguém teve coragem. Paciência.

É preciso enlouquecer com sabedoria.

A saída é sonegar impostos, fazer comércio ilegal e usar o dinheiro obtido pra fazer justiça com as próprias mãos.

Sem atravessadores e sem ter que ficar passando por humilhação enquanto a polícia recebe salário pra passear de carro pela cidade, dando uma de autoridade.

Dias depois:

Não fume dentro de casa.

Fumo sim

Já falei que não pode

Vá fumar no quintal.

Ele se virou e espremeu o meu cérebro contra a parede. Cérebro esse que não é dos melhores mas é o único que eu tenho. Cuspi meus dentes fora e chorei. Resolvi obrigá-los a me ajudar sobre ameaça de omissão de socorro. Mostrei minha cabeça estourada e minha boca desdentada pra todos que encontrei: faxineira, segurança, enfermeira, assistente social, médico, psiquiatra. Vocês são testemunhas. Vejam o que ele fez e não foi a primeira vez. Uns tentaram me acalmar: você tem que ver que ele teve uma crise, não é culpa dele, tem que dar um desconto ele é portador de distúrbio psiquiátrico.

E eu com a cabeça cheia de pontos cirúrgicos e de interrogação.

Por acaso vocês querem que eu também fique portando distúrbio psiquiátrico pelo resto da vida. E que inferno de vida. Eu quero me matar. Ameaça de suicídio funciona. Na sala de internamento a pergunta: ele está tomando medicamento?

E a resposta: não. Ele se recusa.

Mas como se recusa a família tem que se responsabilizar.

- Ele bate no meu pai, na minha mãe, faz voar copo com água e pílula das nossas mãos.

Mãe com pressão alta, pai desmaiando, pai recém operado de úlcera.

- Irmã, alguém? Diz a psicóloga impaciente.

Respondo: Irmã era eu mas acabei de ter esmagamento do crânio e veja os meus dentes quebrados.

- Ela como se fosse a dona do hospital público me olha como se eu fosse uma incompetente. Eu que tive o crânio esmagado e perdi os dentes numa tentativa de impor limites dentro da minha própria casa.

- Ela: você pode provar que foi ele que te agrediu? Tem familiares que se mutilam só pra acusar o paciente e conseguir interná-lo mais uma vez. Então é isso que é preciso ser feito? Apanhando e aprendendo. Tive que obter provas ou nada de internamento. Lamento.

Fui parar na delegacia da mulher. Eu e todas aquelas mulheres com ferimentos graves por motivos vários, por falta de sorte. Perguntam, perguntam, perguntam. Respondemos, silenciamos, respondemos, mostramos nossos ferimentos.

A representação é num outro dia todo aquele desabafo de nada servia. Só para saciar a curiosidade sádica dos agentes de plantão.

Depois tem que ir no IML e toda a aquela gente lesionada.

Reconhecimento de corpos no andar de baixo, exames de lesão corporal no andar de cima, sobe quem pode ainda. Fila. Você apanha na cara, no corpo e na alma e depois é o número nove se tiver sorte ou o vinte e seis e cada um espera a sua vez. A vez demora, da fome dá, dá ódio dá, dá vontade de ir embora dá. Dá vontade de chorar dá.

Dá vontade de fazer justiça usando veneno pra rato dá.

Só dois por cento dos casos de agressão tem os processos levados adiante. Ocorre que pessoa cansa de ser agredida e resolve continuar sendo espancada de uma forma por ela já conhecida. Às vezes paga com a vida. Mas era uma vidinha ruim mesmo. Lei Maria da Penha protege e o resto do mundo ataca.

O que é a lei? A lei é uma coisa difícil de se ler e mais difícil ainda de se entender.

Na hora de ser aplicada é como aplicar gelo em ferimento. Lei e gelo se dissolvem no processo. É assim desde os primórdios.

O próprio Deus já escreveu as leis dele por linhas tortas. Mas segundo dizem é porque ele era canhoto e naquele tempo não tinham inventado o caderno de caligrafia. Representação é uma conversa numa salinha com uma estagiária da Delegada.

No balcão de atendimento: senhora, tenho um horário marcado aqui nesse papel acho que é pra eu falar com a delegada. E a atendente de nariz e bunda empinada diz: Não é não. A delegada não atende qualquer um assim de qualquer jeito por qualquer razão. Pois seja quem for, tenho um horário agendado e estou aqui. Ela olha o papel e diz triunfante: é com a estagiária, pode subir. Essa provavelmente nunca levou porrada na cara, mas nunca é tarde. No hospital é com o estagiário, na delegacia é com a estagiária, no IML é com o estagiário. Imposto é pago por otário.



Muitas coisas estavam em extinção por isso às Colônias para preservação da doença mental foram desativadas e extintas. Belo dia é coisa impossível na Curva. Então num dia nada belo vieram as ambulâncias estornando os mentalmente transtornados às suas casas. Isso depois de muito aviso e de muita coação. Eles tentaram fazer com que as famílias fossem buscar os loucos por livre e espontânea pressão. Queriam que alguém da família assinasse uma ficha dizendo que se responsabilizava pelo doente. Não que eles estivessem preocupados com o futuro dos ex-internados. Eles queriam ter a certeza de que não poderiam ser processados. As famílias que estavam doentes de tanto sofrer com seus loucos, se recusavam a ir buscá-los. Mas rebelião de pobre dura pouco.

Mais ou menos como naquela historinha da montanha que não ia a Maomé. Maomé aos montes foram despejados nas portas da Curva. Só não teve o milagre da multiplicação dos pães. Aumentaram foram as bocas famintas.

Os ex-internados estavam acostumados a cinco refeições por dia.

Fim da mordomia para os loucos e seus parentes. Por questão de prioridade o governo resolveu investir na decoração e conforto do executivo, do legislativo e do judiciário.

Todos loucos de espertos.

A maioria dos loucos tinham enlouquecido:

- por causa do uso de drogas

ou por acharem a vida uma droga.

Todos chegaram mais ou menos bem dopados. Mas isso passou.

Logo eles voltaram ao normal.

Na Curva ninguém mais estava dormindo de tanto louco gritando e cachorro latindo. Mas Lei é Lei e deve ser aplicada em seus ultrajantes rigores.

Senhor eles não sabem o que fazem dizia a velha da Curva parada no tempo perto de uma maca estacionada. Rezar também não adiantava.

Promessas dão resultado mas só a dos políticos e o resultado é bom para eles claro. Claro não escuro por causa do apagão.

Nos séculos seguintes ninguém mais conseguia ir trabalhar. Uns porque estavam cansados outros porque tinham medo de deixar os loucos sozinhos e terem suas casas queimadas.

Outros não iam pra não deixar a mãe ou o pai desprotegidos na companhia do louco. Isso trouxe sérios problemas pra economia da Curva e bastante economia para os cofres

públicos que a muito se comportam como se privados fossem. Privados foram os moradores da Curva do único luxo que tinham. O direito de dormir.

O lema era Limite, a família tinha que impor limite.

Mas em suas casinhas de paredes de papelão e cobertura de eternit não conseguiam conter os loucos. Aí de quem os amarrasse. Era punido por privação do direito de ir e vir e acusado de manter o doente em cárcere privado. Muita gente se matou. Outros sumiram, mudaram de nome e de endereço e deixaram os seus loucos vagando pela Curva.

Os deputados que tinham aprovado tal lei ganharam aplausos e muito dinheiro.

Os que tinham votado em tais deputados ganharam muitos problemas a mais já que por não conseguirem ir trabalhar para ficarem fazendo companhia para os loucos perderam seus empregos. Mas isso era só o começo.

Todos incentivam a criação, mas ai quando a criatura não funciona direito e nem dá lucro todos incentivam a família a assumir o crime de ter fabricado um sujeito desajustado. E os loucos não tão nem ai, querem comer, querem dormir, querem quebrar pessoas e coisas e querem cuspir. Como os antigos trabalhadores nas Colônias ficaram sem ter o que fazer, passaram a fazer encontros para definição de termos visando a redução do preconceito e da hostilidade contra os loucos. Palavras como loucos, insanos, dependentes químicos, esquizofrênicos, psicóticos, maníacos foram banidas dos dicionários e substituídas por outros de menor impacto tais como pacientes em tratamento em hospital Dia, pacientes ambulatoriais, pacientes com diagnóstico provisório de irritabilidade incontrolável, pacientes em fase de reinserção social e familiar. Só que de paciente os pacientes não tinham nada.

- Olha aqui o que eu faço com a fichinha de responsabilização que vocês querem que eu assinasse disse a irmã de um louco enquanto fazia picadinho e comia a tal ficha. Sem temor nenhum de ser internada como louca já que as Colônias foram extintas.

A extinção dos hospitais colônia precipitou uma onda de todos os tipos de sandices, todas prontamente ignoradas pelo pronto-socorro da Curva.

Com tanta mulher parindo, com tanta faca entrando, com tanto sangue saindo os pronto-socorro estão prontos pra deixar de socorrer casos menos urgentes.

Até porque loucura não é doença terminal. Termina com o sossego e com a vontade de viver de quem vive na mesma casa com os loucos mas quem se importa? O importante é

que não haja espaços de segregação de doentes como eles. Mas depois da loucura de alguém na família a família inteira vive segregada ninguém quer visitar uma casa de louco Ninguém quer dar emprego pra mãe de louco. Ninguém quer convidar família de louco pra uma festa de aniversário. Ou seja para um louco não ser isolado sozinho isola-se a família inteira. Pobre louco ou louco de pobre? E a gente se descobre descoberto e sem planos de saúde, só temos certeza de doenças.

A essa altura devem estar me condenando por chamar todos os que não conseguem se comportar, trabalhar e viver de acordo com o sistema de loucos. Mas se a loucura é tão normal. Se a loucura não faz mal, se não precisa nem de hospital. Se loucura não é doença é problema social. A palavra "louco" não deveria chocar ninguém. Ofender ninguém. Prejudicar ninguém.

Louco é apenas um indivíduo que está fora de si e dentro do universo que o rejeita por que ele incomoda e muito. Só isso nada mais o resto é falta de dopamina, cocaína e outras substâncias que terminam em *ina*.

Onde se luta pela sobrevivência sobra cansaço e falta paciência. Onde se luta para não ficar abaixo da linha da pobreza falta de tudo exceto tristeza.

Nesse sentido é muito bom que estejam construindo viadutos que desabam em São Paulo. O que vai ter de louco dormindo por lá. Se as famílias não podem, os órgãos públicos não querem e os próprios indivíduos não estão em condições de querer ou não a própria vida qual será a saída? Viaduto desabando neles.

O problema é quando os viadutos desabam em lugar errado gerando um enorme desperdício. Inventaram até um ditado popular sobre matar vários loucos com uma viadutada só. Quem sofre mais?

Os loucos

As mães

Os pais

Os irmãos

Os vizinhos

A maioria da população não se importou com o fato de os hospícios terem sido fechados com os loucos pra fora.

Não demorou muito para que os prédios onde funcionavam os hospitais fossem transformados em depósito de arquivo morto de governo vivo. A função continuou a mesma. Exceto pelo fato de que arquivo morto não caga, não come e não morre.

Aumenta como tudo o mais na natureza. Um hospital que virou arquivo morto se acalmou muito. Nunca mais se ouviram gritos, nem houve tentativa de fuga por lá. Só tinha funcionário fantasma, mas eram todos camaradas.

Processos engavetados, projetos de seres humanos não concretizados, precedentes gerados as pressas e que a loucura não seja um entrave para o acesso aos cofres. Eu só queria que os libertadores dos loucos fossem presos junto com uma meia dúzia deles.

Mas nem isso acontece. Sim eu podia ser uma louca e aí não ia querer que deixassem de me proteger. De falar pacientemente comigo, me acalmar bem com pílulas e gotinhas mente sã corpo são. Mas fui condenada a testemunhar e a assinar ficha de alta. Mesmo quando me rebelei e falei não quero louco nenhum na minha vida, de nada adiantou o homem do jaleco branco bem encardido e outros também trajando o mesmo tipo de uniforme vieram de ambulância e o líder me disse: só queremos a sua assinatura, o que você vai fazer com ele não nos interessa, nós não somos asilo, a família tem que se responsabilizar, muito me admira que uma pessoa como você não tenha compaixão. E eu disse: moço você não sabe do que você está falando, compaixão eu tenho, eu não tenho é motivação para continuar lutando com ele, por ele e até mesmo contra ele (já que ele me espanca todas as vezes que sente impulsos agressivos e isso ocorre com frequência). Se nem Deus tem piedade aquele homem de jaleco encardido é que não ia ter. Ele foi embora com certeza do dever cumprido. Eu fiquei com um louco em minhas mãos com a certeza de que tudo está errado.

É louco mas não se mata

É louco mas não enfia o cigarro aceso no próprio cu.

É louco mas sabe dizer que remédio gera efeito colateral e se recusa a tomar.

É louco mas sabe pedir dinheiro e gastar.

É louco mas sabe acertar soco nos lugares que machuca mais.

É louco mas sabe viver confortavelmente na casa dos pais.

É louco mas não fica louco pra trabalhar.

Parece pouco? Experimente sobreviver nesse mundo cheio de atribuições e ainda ter que aturar um louco. Parece pouco mas numa casa onde falta comida custa caro ter que

sustentar um louco. E o pior é quando ele se vira contra você, te agride, não para de cuspir improperios na sua cara e ainda quebra a sua casa, quebrando ainda mais a sua vida já bastante destruída.

Parece ofensa falar de louco pelas costas mas eles não me dariam atenção e já que ninguém assume que é louco não estou fazendo mal, pois estou me referindo a uma categoria hipotética. Presente nos DSMs da vida. E os que quiserem sair em defesa. Surpresa. Você acabou de ganhar um louco num sorteio. Isso mesmo leve o pra casa e depois me diga como foi a experiência. Não o discurso, não os conceitos, não a religião, não as teorias de desospitalização da loucura. Não às revistas politicamente corretas. Ação, convivência, dormir e acordar junto, comer junto, pagar às contas sozinho, limpar a bagunça sozinho, sentir medo e desesperança sozinho. Espere viver com um estranho no ninho pra depois pronunciar seu santo manifesto em vão. Em família é ainda pior é uma desarmonia, um acusando o outro, é muita sensação culpa, muito constrangimento, muito medo, muito lamento. Lamentamos mas não podemos fazer nada disse a psicóloga cheia de certeza de que estava fazendo a coisa certa ao não fazer nada.

Então era para dizer aquilo que ela estava lá sendo remunerada. Abaixo a romantização da loucura. E quem nada pode fazer não deve receber salário.

Os loucos eram tão indesejados que os hospitais para loucos ficavam loucos de raiva quando davam alta pra eles e a família não ia buscá-los imediatamente. Estava de alta e bem que podiam ter dado baixa nele e enviado pro arquivo morto. Eu disse. Cansei de ecoar sozinha no universo enquanto tantos evacuavam nas calçadas e não ligavam pra nada. Mais uma vida em vão e sem volta.

Enquanto isso a população é assaltada e a polícia se concentra sentada nas cadeiras estofadas protegendo aquele belo espaço com ar condicionado a eles reservado. Enquanto ocorrências de assassinato não forem registradas, eles não podem fazer nada. Como os corvos eles existem somente para remover cadáveres. Flagrante é o conforto a que são submetidos enquanto podiam estar caçando bandidos. Caçam mesmo é um jeito de economizar energia para o jogo de futebol no final do dia e pra outras aventuras a bordo de viaturas que podem rodar a vontade sem economia de combustível, nem perigo de ir parar na cadeia, nem multa por excesso de velocidade. Exceção existe mas só conheço os excessivamente perigosos.

O sistema todo coloca gente pra trabalhar de graça ou quase para economizar com salário. E os estagiários vão trabalhar de quê quando se formarem? Sei é que tem uma fábrica de estagiários novos e eles são testados no mercado semestralmente. Aprovados ou não, eles têm seis meses de sobrevivência simbolicamente remunerada e depois são substituídos por novos. Isso para evitar que eles ganhem muita experiência e comecem a lidar com os pacientes com falta de paciência como fazem os raros médicos que se vê. Mas isso não importa o importante é que o SUS tem um posto de saúde onde são atendidas todas as especialidades. Mas para ver um especialista é preciso ir no posto demonstrar necessidade e por o nome na lista. Depois de várias estações do ano se passarem à pessoa é encaminhada. Às vezes é carregada, já que a necessidade tem que ser evidente para justificar atendimento na clínica de especialidades do SUS. Chega o dia de ir à Cidade Bela. Muita emoção não é todo dia que se vê um especialista. Não é todo dia que o seu nome sai da lista e vira agendamento. Mas chegar lá é um tormento. No agendamento já dizia tudo: hora prevista. Mas tem gente que confunde com hora marcada. E fica lá irritada e causando irritação. Pode se preparar para duas horas na fila no meio de um monte de gente doente.

A maior das especialidades que eu vi é a especialidade em atendimentos de cinco minutos. O médico tem o dever de atender em cinco minutos e o paciente de ser atendido nesse mesmo período. Quem é o próximo. Tem uns que demoram mais principalmente o médico que chega atrasado algumas horas. Mas outros não acreditam que depois de tanta espera vão ter que se contentar com tão pouco tempo e por isso passam mal.

Caem, babam, perdem a noção isso acaba atrasando todo o sistema e causando indignação. Tá vendo ele passou seis minutos e meio com o doutor. Na minha vez eu me vingo. E bingo mais um desmaio, por queda de pressão. Mais um problema de diagnóstico precocemente complicado. Tem que mostrar bem a doença, ampliar bem o espectro para que o médico possa ver. Mostre-se dez vezes mais doente do que você está assim são maiores as chances dele acertar na mosca diagnóstica. Cada vez que a porta se abria o médico se encolhia. Tem gente que já entrava babando. Tem uns que saem chorando. Tem uns que já entram se arrastando. Tem uns que saem praguejando. E tem os que sofrem de dúvida neurológica crônica e não entram e nem saem. Obstruem a passagem. Tem os que entram e não querem mais sair por que acham que ficar perto do doutor saudável irá proporcionar uma cura por osmose. Osmoze é uma marca de roupa muito cobiçada na Curva. Tanto que às vezes é

preciso descobrir um corpo pra cobrir outro. Me passe essa Osmoze ai ou eu te dou um tiro! O Jaleco do doutor super encardido, também podia ser utilizado em comercial de sabão em pó. Quem sabe seja por isso que ele estava deixando sujar bastante. Pra fazer um comercial de sabão em pó para complementar o salário. Mas a camiseta por baixo do jaleco também estava suja e manchada sabe se lá quantas peças de roupa de médico bem sujas é preciso para um bom comercial de sabão em pó. Moça tenho dois nódulos no meu seio e preciso de uma consulta com um cirurgião plástico. Tá deformada a região dos seios? Ainda não. Então você não pode ser atendida ele só atende problema de deformação. Tem que ser bem visível. Mais ou menos deformada não serve, nem tem vez.

Senhora tô com esse problema de acne de terceiro grau será que rola meu nome ai na lista pra uma consulta com um especialista? Não porque acne é doença que não leva ao óbito e pode até sarar por si só, com o tempo quando você ficar mais velho isso passa. Daí começam outras doenças e ai sim você vai precisar de muitos especialistas. Então dá pra você por meu nome ai nessa lista pra quando eu chegar lá? Aguarde. Duzentas pessoas horas e horas a fio fazendo terapia de grupo na fila. Um contava pro outro as suas desgraças. Um cuspi na cara do outros com a falação. Maus hálitos e maus hábitos. Aquele povo todo desabafando naquele lugar abafado. Toda aquela gente com problema de doença. Nenhum panfleto, nenhuma revista, nenhum livro sobre saúde circulando. Os assuntos das conversas são os mesmos. Mesmo que tenham vindo de Curvas diferentes. As crianças vêm com as mães e pegam doenças de todos os tipos pra tratar depois. Trata-se de um sistema preventivo que garante que nos hospitais e postos nunca falem pacientes. Falta paciência, mas pacientes estão garantidos até as próximas gerações. A criançada sentada no mesmo chão em que acabou de babar o homem em convulsão. Outra cata papel de bala no mesmo canto da sala em que cuspi a mulher com pneumonia. A viagem para o posto de especialidades foi um pesadelo e o médico deu duas receitas de fenobarbital: medicamento anticonvulsivante, hipnótico e sedativo que atendem pelos singelos nomes de luminal, edhanol, gardenal entre outros. Duas receitas dois meses de paz. Quem dá mais? Quem toma mais chora menos.

Só que ele escreveu errado no receituário errado e o medicamento não pode ser comprado. É mesmo deprimente. De drogado e louco todo mundo tem um pouco.

Redundam as crateras uma na borda da outra e todas cheias de abismos e lixo. Abismada com o custo de vida a velha de olhar nublado não consegue ver os preços dos pacotes no mercado.

- Você vizinha é aposentada por invalidez ou por viuvez?

A outra responde: por invalidez, viúva eu fiquei depois e a aposentadoria foi pra mulher que ele arrumou, aquela que tinha separado nós dois. Pois ele casou com ela vizinha. Dou graças a deus por ter essa aposentadoria senão não sei como é que eu vivia. Mas eu só me aposentei por causa dessa paralisia nas pernas.

A vida é uma parada diz a velha da Curva, encolhida de frio, esfregando e assoprando as mãos calejadas. Mais isso não é nada que Deus sabe mais, conclui a velha da Curva em seu brando filosofar. Quem mandou vender o casaco achando que o inverno já tinha acabado.

Se nada de ruim aconteceu de ontem pra hoje o assunto das velhas já estará encerrado. Passam a contemplar o horizonte interrompido por barracos, bananeiras, fios elétricos e varais.

"moço sou aleijado não posso fazer serviço pesado"

- aleijado ou não, ninguém pode vender produto sem registro de procedência e data de fabricação. E o povo revoltado:

- olha aquele encrachado detonando o pobre do aleijado.

Mas com a barriga de quem come o queijo sem procedência ninguém fica preocupado. Procedência é de fato um conceito vago.

Vejo tudo muito claro

Vejo tudo muito caro

Vejo com muita nitidez:

gente em cadeira de rodas

Gente de muletas

Gente com pernas e braços quebrados

Gente torta, obesa, desgastada

Gente muito fraca

Loucos

Bêbados

Gente sem casa e sem visão.



Não sei com exatidão mas é grande o número de desgraçado por metro quadrado.

Será que o senso sabe desse contra-senso.

Se eu quisesse ter um filho eu pensaria: quantos animais teriam que ser carneados pra que ele fosse alimentado. Mesmo em condições precárias as pessoas podem viver até os setenta anos a não ser em caso de epidemia.

Que pena sinto dos animais.

O melhor é não me reproduzir

Pra ajudar a ecologia.

Os animais seriam muito felizes sem a existência humana, já os humanos não banqueteariam tanto se não fosse a custa da vida dos animais.

Aqui temos um SAC/cv - serviço de atendimento aos consumidores consumidos pela vida.

Pela falta de comida

Pela falta de dinheiro

Pela vida privada exposta

Pela privada entupida

A mulher passou 14 anos pensando em ir viver com um ex-namorado, mas não foi com medo que ele a achasse muito gorda, muito feia, muito velha, muito sofrida.

Acabou por não ir por causa da depressão seguida de um AVC - ataque vocacional para o celibato.

A outra tinha medo de perder por isso continuou com o marido violento

Medo de perder a casa velha e a mobília corroída. Por medo de perder ficou e acabou perdendo a vida.

A velha da Curva no tempo parada trouxe broa com mel e me contou que se sente amargurada. Por causa do filho que era guarda do colégio e foi assassinado a pauladas. Os ladrões nem levaram nada. Mas ela é apenas mais uma mãe desesperada.

A cabeça rolou barranco abaixo. Notícia ruim, cobrindo notícia de morte e estava coberta por um jornal.

O rapaz não teve sorte, o capacete embaixo do ônibus incomodava quem via a cena. Se ele amava, se ele gostava ou não da vida que vivia, não sei, só sei que ele não sabia que aquele seria seu último dia.

E acabou bem cedo.

Sete horas da manhã ele já tinha morrido.

Sexta-feira as sete da manhã ele morreu

e tudo o que ele sabia se perdeu.

Entre os passageiros do ônibus que causou o acidente ninguém se mexeu mas acho que por dentro todo mundo se contorceu. Um ônibus coletivo, um acidente coletivo. Puxar cano: traficar arma

dizem que o trabalho afasta o vício

a preocupação

e a necessidade

mas para mim o trabalho afasta o descanso

e a tranquilidade.

Aqui não é feio ser desgraçado.

Aqui não é feio ser desempregado

Aqui não é feio engravidar pela terceira vez sem ter marido

Aqui não é feio sofrer ou ter sofrido

Aqui tudo isso é normal.

Pai nosso que estais no céu, nos dai hoje a tragédia nossa de cada dia

para preenchermos a nossa vida vazia.

A moça que fazia ponto na esquina e era irmã do rapazinho morto na chacina. Então ela ficou muito bêbada e esperou que um carro viesse em grande velocidade e se atirou na pista. Assustou o motorista que tentou frear mas não deu e também morreu. Uma tragédia exemplar.

Faz o povo da Curva acreditar que o fato de não ter morrido é razão suficiente para apostar na vida e por algum tempo ninguém se suicida.

E essas palmeiras ai na frente dão alguma coisa que se aproveite ou só dão beleza?

Na curva tem cada corpo estranho. É assim o corpo é o argumento da pessoa e todo mundo tem que usar o que tem, corpo não dá pra roubar dos outros, só partes. O trafico de órgãos está nos jornais. E todo mundo com medo de ficar sem coração. Troca-se roupa de morto por roupa pra vivo. Enquanto eu estava trocando um enxoval completo de uma morta, inclusive meias e fraldas geriátricas que ela não teve tempo de usar, minha amiga chegou chorando disse que a mãe dela sofreu um A.V.C, eu meio transtornada disse: pelo menos já

temos fraldas geriátricas pra ela. Adoro superfícies lisas meus olhos passeiam sem focar em nada como se eu fosse brisa. E vinha uma tempestade e eu não sabia se rezava pra ventania varrer a Curva e não deixar nada ou se rezava pra Deus suspender o dilúvio. O mundo faz tempo que ta pra acabar em fogo mas não acaba. O show de hoje é do louco que sabe deus por que fúria começou queimando suas caixas de papelão, suas garrafas de plástico, o saco e o colchão, não satisfeito tirou as roupas e atirou na fogueira.

Os passantes a princípio tentaram cobrir as vergonhas do louco que não estava nem ai com aquela coisinha dependurada nem com a bunda já bem amassada.

Tinha uma forma disforme não se sabe se era magro de louco ou de fome. Uma tentou enrolá-lo com a toalha de mesa do restaurante ao lado, outro atirou uma manta, mais coisas para alimentar o fogo do louco de repente a fumaça tinha se espalhado e a tentativa de boa ação do povo se converteu em vontade de censurar. Começaram a se sentir muito normais e muito melhores do que o louco.

Antes era tempo de descobrir o fogo, cultivar o fogo, adorar o fogo desde então os humanos tem tido como missão manter o fogo aceso e ao mesmo tempo se desvencilhar do fogo das armas de fogo, do fogo que queima tudo destrói casas e coisas.

Cuspir fogo

Buscar fogo

É fogo

Virar cinzas

Ser consumido pelo fogo

Temer o fogo do inferno

Manter a chama

O caldeirão, as labaredas, os lenhadores,

Tanta coisa mantida e inventada a partir do fogo

Contando com o poder do fogo. Poder de fogo!

Queimar dinheiro

Virar fumaça

O fogo e seus derivados: os queimados e as queimaduras

E as cinzas do tempo

Brincar com fogo

Foguetes/ fogos de artifício.

Artifícios, andar na brasa.

Falemos da manutenção do fogo, ou melhor da vida virando cinzas mas esperneando para manter o fogo aceso. Na correria, no vai e vem, malabarismo dentro do ônibus, dentro dos carros, dentro do trem. O trem passa em todas aquelas estações a maioria se chama jardim ou outra coisa parecida com o lugar onde crescem flores. Jardim mesmo só no nome. Os jardineiros saem cedo em vagões lotados de padeiros, torneiros, encanadores, cozinheiras, cozinheiros, vendedores, zeladores e tanta gente que já não é considerada ser humano e sim recursos humanos ou apenas mãos humanas, mãos de obra, mãos a obra, nos canteiros de obra.

Se deixam levar pelo trem até a destinação pois que ao destino mesmo já chegaram ao nascerem em uma das cidades Jardins, dormitórios, presídios, velórios, cemitérios, hipermercados, escolas, escolas. Todo esse contingente de gente que trabalha duro. Vive dura e dura uma eternidade difícil de manter alimentada, limpa e remediada. Flores nascidas em jardins clandestinos, flores de ninguém. Às nove da manhã o trem vai vazio destino centro. Quem ia sair já saiu.

Ficam as velhas, os velhos, os vadios, as crianças a nova safra, futuros usuários do trem a serem usados para manter o sistema de transporte e limpeza da cidade funcionando bem.

Os mais ou menos inteiros já viajaram e estão a horas em busca de dinheiro e comida em Jardins mais condizentes com o que pode ser chamado de vida.

Vão lá e passam o dia vendendo mão de obra que não vale muito por que tem de sobra. Mais tarde lá está de volta à estação a manada.

É tarde estão impacientes

Estão fedorentos

Estão cansados

Muitas mulheres carregam na barriga, futuros trabalhadores e por isso tem preferência pra viajar sentadas. Os filhos responderão pelo nome coletivo de Povo e serão carregados de estação em estação

Pra estudar

Pra trabalhar

Pra batalhar e quem sabe se derem sorte poderem comprar uma vida semidescartável à prestação.

Não há ó gente o não.

Lugar mais cheio que o vagão

Que de vagão só tem o nome no aumentativo

Nome todo mundo tem só que no trem ninguém tem nome

É tudo excesso de gente, é tudo população.

Que passa a vida passando de estação em estação.

E esse vai e vem só se acaba se deus e nosso condutor  
disser que acabou, amém.

De séculos em séculos o trem velho é substituído por um novo trem

Bom pro povo?

Não sei, sei que vem com menos bancos e aumento da passagem de trem.

"esse vagão tem capacidade para 20 pessoas sentadas e 540 em pé e uns dez deitados já que ninguém exceto o trem é de ferro."

Tem a canção no trem e em outros lugares também:

o patrão tá um doce

isso e só o que se fala

por apenas um real

três pacotes de bala

desculpe tá aqui pedindo

se eu incomodo você no trem

eu não tenho casa

eu não tenho família

eu não tenho ninguém

compre sossegado

mais barato não tem

compre doce e salgado

compre no shopping trem

ceis ai no trem

uma ajudinha pelo amor de deus

você ajuda meus filhos  
 e deus cuida bem dos seus.

E tem o cansaço no trem e em outros lugares também.

Aos berros a gravação repete: saiam das portas, saiam das portas, se você não for descer na próxima estação não fique nas portas. Ninguém se move, ou porque não dá ou por medo de perder o lugar de apoio dos pés no chão. Respirar não dá. Mover não dá. Não é por maldade nem por preguiça é por medo de estar muito longe das portas e não conseguir desembarcar na estação destinada.

Se tivessem escolha ficariam por perto do jardim onde trabalham.

Não tem nenhum realismo social é tudo surrealismo normal.

Todo dia, cotidiano, mês a mês, ano.

Todo dia

Tem problema todo dia

Na vizinha, na família

Todo dia todo dia

Tem desemprego

Tem economia

Todo dia

Todo dia

Tem carência

Tem doença

Tem violência

Todo dia

Todo dia

Falta coragem

Falta moradia

Todo dia

Todo dia

Tem cobrança

Tem lotação

Tem casamento

Tem separação

Tem nascimento

Todo dia

Todo dia

Tem culto

Tem novela

Tem remédio

Todo dia

Tem trem

Todo dia tem favela nova

Nova invasão

Nos velhos subúrbios

Tá na moda fazer favela perto de áreas nobres

Para que haja trocas entre ricos e pobres. (troca-se tiros mas já é um começo)

Todo dia

Todo dia

Tem briga

Tem morte

Tem fila, tem ônibus

Tem surgimento de um novo jardim

Pensavam que a periferia tinha chagado ao fim mas não

Ainda tinha muito chão.

É um tal de pobre empurrando mais pobres ainda pra mais um novo jardim, para uma estação além. A linha do trem é tão longa e a linha da vida tão tênue. A linha da vida faz pontos e paradas em tantas zonas, plataformas, estações e terminais que já nem dá pra contar mais.

Termina mesmo o espaço tudo é coberto de multidão vagando sem fim.

O começo ninguém vê nem quem está lá de madrugada. Os olhos cegos de sono. Muitos andam por lá dormindo, outros lúcidos demais pra suportar a visão de toda aquela multidão de gente sem importância. Nem sossego.

Agora tem até incentivo para as pessoas esvaziarem suas casas antes das 5:00 da manhã. A linha de transporte metropolitano concede 25 centavos de descontos no valor da passagem. E não é que funciona! Por ser mais barato, pessoas vagam feito baratas tontas e se acumulam na plataforma as cinco da manhã com o objetivo de economizar 25 centavos a mais por dia. Foi aí que surgiu a expressão: tempo é dinheiro. Venda duas horas do seu sono favorito e ganhe 25 centavos. Seja inteligente dormir faz muito mal à carteira e muito bem a quem não passa sono, nem fome, nem mal em congestionamentos de linhas, filas e catracas do terminal. Cinco da manhã terminal gelado, homens e pombos encorujados. Mais tarde um ataque de sinceridade o sistema de autofalantes do trem começa a cuspir, escarrar e dizer coisas que fazem muito sentido: carreguem suas mochilas nas mãos junto ao corpo, uma mochila nas costas atrapalha. Você está usando um espaço no qual caberiam duas pessoas. Pessoal do comércio ambulante parem de praticar esses atos nada legais com os passageiros, as porcarias baratas que vocês vendem são cheias de calorias vazias e provocam caries. Vocês passageiros parem de dar esmolas e de comprar coisas pra ajudar os vendedores. Não contribua com o comércio ilegal seja legal consigo mesmo aqueles 25 centavos que você economiza de manhã é para você guardar para investir na educação dos seus 11 filhos não gaste comprando paçoquinha, chiclete ou bala de goma. Tais guloseimas fácies de transportar bem debaixo dos narizes dos fiscais da companhia de trens metropolitanos fazem muito mal à sua saúde que já não anda nada boa. Os seguranças do trem de coturnos bem lustrados e olhos bem abertos vigiam as moças maquiadas carregando frasqueiras, imaginam o destino delas e a cor das peças íntimas que estão usando, encontram nesses corpos ainda não deteriorados pelo tempo um pouco de estímulo para continuar nesse serviço de assistir pobres nada interessantes entrando e saindo dos trens com as mesmas caras de sempre.

É tudo verdade eu vi. Vi disfarçada de cega, usando uns óculos escuros que depois deixei cair no vão entre o trem e a plataforma, no empurra, empurra, que nada mais é do que um embate entre os que precisam sair e os que precisam entrar e simultaneamente entre os que querem entrar e estão com medo de não conseguir e os que estão dentro e têm medo de não conseguir sair.

Só vendo pra acreditar já caiu até criança no vão. A mãe gritava e esperneava em vão. Quem manda transportar criança fora da caixa.



O povo acha natural:

Parto cesariana

Parto fórceps

Parto normal

Celebram a entrada das crianças no mundo. Ação não muito fácil de realizar já que precisam passar por um vão bem menor do que o que existe entre o trem e a plataforma. Passagem muito celebrada, tal proeza condena o passageiro a uma vida de constrangimentos na terra.

O espaço entre o trem e a plataforma pode significar morte. Ou o fim da expectativa de ficar vagando de vagão lotado em vagão lotado pelas linhas de trem espalhadas pela terra.

A outra opção é o ônibus só que enche ainda mais rápido e sacode ainda mais.

É tudo tortura como se viver fosse uma guerra.

Salva se quem guerrear mais.

Salva-se quem não tem que ir todo dia lutar por um espaço no vagão.

E teve mais um grito: ladrão, ladrão!

Não adiantou. Uma segunda tentativa: fogo, fogo!

Dessa vez todo mundo ficou em alerta. Desde a descoberta do fogo que todos têm estado empenhados em manter o fogo aceso mas ao se depararem com fogo se cagam de medo.

Ao grito de fogo todos correm. Uns tentando salvar. Outros tentando se manter à salvo.

Menos os bombeiros que eles já estão acostumados com alarme de incêndios. Continuam exercitando o corpo para quando precisarem entrar em ação. No campeonato anual da liga.

Nem ligam e nem atendem ao telefone. Incendiário qualquer um pode ser, já bombeiro só quem for selecionado.

Ladrão

Ladrão

Lugar de ladrão é na cadeia mas eles preferem ficar por ai surrupiando coisas que não se esforçaram para obter com o esforço do próprio trabalho. Preferem casa, carros, móveis e dinheiro alheio. Eles não se fazem de bonzinho, exceto uns mais inteligentes que ficam no planalto e em outros palácios se fazendo de gente do povo. Mas não são do povo não. Porque povo é aquilo que se vê todo dia nos tumultos das estações. Ladrão com cara de bonzinho só participa da guerra pela divisão dos lucros. Mas esse tipo de batalha é feita de

maneira civilizada. Debaixo de ameaças veladas. Portas muito bem fechadas, charutos caros e bons vinhos.

Depois eles vêm a público com as caras lavadas chamando o povo de caros amigos. Só pra comprar votos baratinhos.

Tem os ladrões por tabela. Tabela de honorários, tabelas das cores primariamente impressas em notas de dinheiro. Tem os ladrões de cores secundárias que dependem da cor da bandeira do partido. As misturas que vão sendo obtidas a partir das fusões vão gerando subcategorias também muito bem remuneradas.

Todo esse pessoal curte histórias infantis. Especialmente aquelas cujos heróis são anões e porquinhos espertos construtores de castelos equipados com várias saunas e outros luxos da modernidade muito apreciados nas cortes de hoje em dia. Polêmica é aquela história do rato que roeu a roupa do rei da rua. Ninguém quer ser o rei que teve as roupas roídas mas todo mundo quer ser rei. Por outro lado ninguém quer ser rato, mas quem resiste ao impulso de roer a roupa do rei da rua nem que seja só uma beiradinha.

Ninguém quer ser rato, todos querem ter a esperteza do rato bem sucedido que conseguiu a façanha de roer a roupa do rei da rua. A esse sentimento dá se o nome de ambivalência. Ambivalência deve ser evitada para não criar impacto negativo no imaginário pouco seletivo da multidão e com isso causar indecisão no processo eletivo. Ou seria transtorno no inconsciente coletivo?

Votamos em quem?

No rei

Ou no rato

Espertos ambos são. Cada um à sua maneira.

Só um estrategista muito diabólico para conseguir desfazer o mal entendido. Ele precisa garantir ao povo que ratos e reis não existem e que já vivemos numa sociedade democrática de cidadãos livres. Ninguém mais é súdito, todos são sujeitos. Só não nos diz sujeitos a quê. Sujeitos à coisa boa é que não.

Segundo o estrategista diabólico a sociedade atual é pós-dedetizada pela vigilância ultra-sanitária formada por um batalhão de funcionários aptos a defender a igualdade de higiene para ricos e também para pessoas em situação de pré-enriquecimento. Para as teorias recentes não existe pobreza. Existe falta de criatividade e falta de capacidade para o

desempenho de atividades mais espiritualizadas. Para resolver essa questão já estão sendo gerados gurus de ultima geração todos ensinando o segredo. Demagogia uma velha arte conquistando novos adeptos.

Eu queria ser como o Eduardo Galeano

Mas ele é ele, eu sou eu e tenho que viver com o pouco potencial que me coube na loteria genética do mundo. O que temos em comum é que nascemos abaixo da linha do equador.

No trem, no ônibus e na vala comum sempre cabe mais um, viva a sociedade reprodutiva!

Cuidado com o espaço entre o trem e a plataforma, sendo este o único espaço existente na estação ele deve ser preservado.

E aquele calor

E aquele odor

E aquele horror

E aquele medo de desmaio. Meu Deus caio ou não caio?

Me ajude! Ninguém. Dá aquele medo de soltar a mão. Dá aquele medo de cair no chão.

Mas esse não é o perigo, o perigo é ser pisoteado.

Medo em vão já que no chão do vagão não há espaço pra se cair deitado.

Tem dias que na estação o trem não para. Passa por já estar muito lotado.

Passa bem rápido com medo que o povo mais aflito se agarre nas janelas e viaje dependurado. Dependurado é contra a lei. Esmagado não.

Cuidado com o espaço entre o trem e a plataforma. No vão entre o trem e a plataforma é a residência de muitos ratos. Eles precisam ser poupados.

Eu tenho a Bianca uma gatinha preta e gosto muito dela porque ela não pensa em nada.

Nunca anda de ônibus, nem precisa trocar de roupa, tomar banho ou escovar os dentes é mesmo de baixa manutenção. Está sempre limpa e cheirosa. Não cheira droga e dorme sossegada. Vive, come e dorme. Nunca precisou fingir orgasmos, nunca precisou se despir vagorosamente à meia luz na frente de um babão. Nunca nem mesmo em apuros pronunciou o nome de Jesus. Mesmo que a tempestade varra a Curva eu não quero que a Bianca morra. Ela é a última coisa macia e boa que existe no mundo. Eu sei que aqui nunca faríamos uma arca de Noé. Num lugar cheio de casas de papelão quem é que teria dinheiro pra investir num luxuoso transatlântico pra encher de bichos mancos e pulgentos. Cada bicho ia ter muito mais que um casal de pulgas e isso seria motivo de muita discórdia,

sem falar na disputa que haveria pelo lugar do casal fogoso destinado a repovoar a terra. Ia ser tanta competição que em vez de acabar em água a terra ia acabar em guerra.

E dou lhe uma

E dou lhe duas

E dou lhe três

Quem dá mais?

Quem dá mais cobrando menos é a mais fodida. Regras básicas da vida.

A filharada catarrenta e descalça vai toda vestida de pobre na festa a fantasia da Curva.

Uns se vestem de aleijados.

Uns se vestem de casal de namorado.

Uma se veste de emprenhada de novo.

Outra se veste de empregada de madame.

Um se veste de político tupiniquim amigo do povo, no bolso carrega gel desinfetante. Sai apertando centenas de mãos sebatas. Sebatas de andar de ônibus e de segurar o nariz pra não deixar o ranho cair.

Demagogia e prevenção não podem faltar.

E o discurso pré-carnavalesco: Povo não deixe a peteca cair.

Vamos revolucionar.

Vamos reagir.

Vamos dançar

Vamos sorrir

Vamos curtir esse carnaval como se fosse o último, e tem grande chance de ser pra muitos de nós mas isso ele não disse. Ainda mais que agora a terra seguindo o exemplo da população passou a dançar a dança do créu e a dança da bundinha entre outras. Segura peão. Que do chão ninguém passa. Mas também não sai.

Na rua o povo dançante provoca a formação de nuvens.

Nuvem de poeira.

Na igreja o pastor expulsa o satanás. Sai coisa ruim. Coisa ruim é você. O satanás aliviado por finalmente ter sido expulso daquele corpo desnutrido corre pra multidão, mascarado dança três dias e três noites sem parar. Entra e sai de um monte de corpos suados e ninguém acha que há algo de errado em ser possuído. Mas tem muita gente que prefere ir à

praia durante o carnaval. Sempre chove lá também, mas pelo menos a pessoa pode voltar dizendo que viajou. Só fica pro Carnaval de rua quem não tem dinheiro pra comprar uma passagem de ônibus rumo ao litoral. Alguns ficam pra ganhar camisinha gratuita.

É importante carregar pelo menos duas na carteira, sempre dá um status.

Tocava a música chove chuva do Jorge Ben Jor no comício que agora passou a se chamar showmício e que os desbocados chamam de cãomício. Já vou logo avisando que os dogs não têm nada a ver com isso. Ironicamente tocava chove chuva e choveu mesmo. A velha da Curva sem guarda-chuva correu e acabou caindo e se machucando toda. Mesmo quebrada fazia bolinho de chuva pra encher a barriga dos netos, que comem, comem e não dormem porque querem brincar e gastar a energia pra dali à uma hora ficar esfomeada de novo e comer mais bolinho de chuva enquanto a chuva não passa pra voltarem pros barracos com os pais. Isso quem tem pai, quem não tem fica no barraco da avó. Daí a chuva passou e continuou a festa na Curva. Muitas promoções de verão na Curva. Biquínis usados, peças avulsas, saídas de praia. Loja de roupa de surfista dá lucro na Curva mesmo sem nunca ter visto o mar. Maresia. Surfa-se outras ondas em outras pistas. Pode ser na pista da direita se à da esquerda estiver interditada. Sempre tem quem interdita alguma coisa pra mostrar pra população que a vida não é fácil e que as passagens tanto pro céu quanto pro inferno são estreitas. Largas mesmo só às bermudas de surfista. Estreitas são as ruas por onde os ônibus passam e as mentalidades curvenses. Acontece que a Bruna Surfistinha é o ídolo da juventude aqui na Curva. Se ao invés de Bruna Surfistinha idolatrassemos alguém com o nome de Bruna Brejinho. Teríamos a moda Brejista. Todo mundo quer imitar as celebridades. Acham que com isso terão mais vantagens nos games da vida. A garotada ignora a realidade e a brecholândia. Quer moda surf não quer roupas da moda de dez anos atrás. A realidade não serve pra nada, o que vale é o sonho que empresta ao mundo um colorido mais psicodélico. Renuncio a toda a fantasia, faz tempo que estou em guerra, e quem está em guerra tem que se manter a salvo das miragens, das ilusões, dos truques, das tentações. Minha guerra e contra a pobreza, contra o mau gosto, contra os pedintes, contra a costureira incompetente, contra a inundação, contra a poeira que vem depois da inundação. Contra os fornecedores que cobram antes de fornecerem. Contra os compradores que não compram. Contra os ladrões que insistem em levar de

graça. Contra as crianças que só aparecem pra fazer bagunça. Contra os bêbados que vêm conversar fedendo cachaça e outras coisas fedorentas.

E o bêbado tentando se equilibrar

Gritava para Deus:

Deus pare de me empurrar!!!

Só mesmo um bêbado só

para acreditar

que as pernas bambas

indo a qualquer lugar

eram guiadas por Deus

até o próximo bar.

As pessoas acham que dizendo que algo é ou está um caos resolve o problema.

Sempre nomeiam os acontecimentos e a própria Curva de caos.

Ônibus lotado - caos

Violência - caos

Delinquência - caos

Fome - caos

Inundação - caos

Falta de água - caos

Desorganização geral - caos

Endividamento - caos

Despejo - caos

Invasão - caos

O caos não faz nada. Fica assim mesmo caótico.

Até que um dia o caos vira causo. Um conta pro outro, quando menos se espera alguém conta pro um que foi quem tinha começado a contar a história.

O caos circula de boca em boca. Propaganda nos horários mais nobres da vida dos pobres.

O caos se propaga e é emoção gratuita garantida. Essa é a vida comadre, que vida! Tem gente que tem tanto medo de não fazer nada da vida que por via do medo das perguntas sobre o futuro faz mais um filho e com isso se ocupa por mais alguns anos e garante uma mesadinha. Presente do governo paternalista tentando se isentar da culpa por gastar tanto

em festas, viagens e direitos líquidos e certos de toda a sua comitiva. Os membros do governo não viajam em pé, só em poltronas reclináveis e outros mimos reservados aos escolhidos, digo eleitos democraticamente para uma vida de luxo e conforto.

No ônibus assim como no trem tem lugares reservados para os velhos, para as grávidas para os deficientes e para as crianças. Mas é tanta gente nessas condições que tem velho cedendo lugar pra mais velho ainda. Grávida dando o banco pra outra grávida mais grave. Aleijado cedendo o lugar para um ainda mais comprometido.

Sobram em pé:

Os cansados

Os estudantes

Os trabalhadores

Os desempregados

Os carregados vindo dos supermercados

E tantos outros que a muito perderam o direito de andar sentado.

Mas o povo não se toca. De parir não param. É uma sequência do processo iniciado com a cúpula. A cúpula do governo é paga para pensar pelo povo.

Mas a cúpula só pensa em si mesma e em alguns descendentes e protegidos.

Culpa do povo por ter lhes dado uma procuração só para poder se isentar da difícil tarefa de pensar.

A culpa é do governo, a culpa é do desgoverno da nação.

A despesa já começa no pré-natal.

Chegada prematura

Sede e fome

Partida prematura

Aumento e queda de pressão.

Problemas de pele, de espaço, de cabeça, de peito e de falta de jeito com crianças que estão incomodando mas as mães vão aturando em troca das bolsinhas que o governo dá. As chamadas bolsas paliativas. É preciso comer mais pra ficar forte. É preciso criar mais animais. Causar mais mortes para alimentar mais vidas. E os adolescentes achando-se desenvolvidos tecnologicamente, assaltam ouvindo música com ipods roubados.

Com o fone de ouvido ficou ainda mais fácil, não precisam ficar ouvindo desculpa desses vitimados. Cale a boca otário. Abafam com a música dos manos o alarido dos idiotas sendo assaltado. Meu, o cara ainda ficava argumentando. E a mulher então fez aquele drama:

Moço por favor não leve a minha bolsa

Não tem nada de valor.

Eles os ladrões ouvindo seus djeis e mecis no mptrês, não tão nem ai com vocês.

O assaltado é o que se fode

Grita o mais alto que pode

Mas ninguém ouve.

Todo mundo usando fones de ouvido e ninguém ouve nada que não seja do interesse das gravadoras.

É a evolução para a audição seletiva.

Ouvir é pra quem quer

Ouvir é pra quem ipod.

Roubado ou não.

Segura ladrão

Pega ladrão

Não adianta gritar meu irmão. Te peguei.

E o outro implorando: pelo amor de Deus, tudo o que eu tenho aqui comprei com o suor do meu trabalho.

E o ladrão: é de material comprado com suor que eu gosto. Deixo você vivo ai você trabalha e compra tudo de novo. Também tô trabalhando meu. Tá achando que roubar pobre dá lucro. Só sobrevivência mesmo meu irmão.

E roubam computadores

E roubam maquina digital

E roubam mp3

E roubam o que os outros compram fiado e vão continuar pagando e continuar comprando.

Assim a economia é aquecida e as vendas são garantidas.

Os compradores são sempre os mesmos, compram os aparelhinhos de última geração dão um upgrade pra cambada de ladrão.

Roubar equipamentos é a ação mais eficiente de autoinclusão digital.



Até quem não tem nada, tem alguma coisa pra ser roubada.

Eu. Quem sou? A mesma que eu era. Quimera. Todos mudam com o tempo.

Menina recolha-se a sua insignificância.

E você já percebeu sua arrogância?

Sempre bati boca e também bati os dentes de frio.

Quando os de leite tinham caído e os do juízo ainda não tinham nascido

Não me intimidei.

Era o ego se afirmando e rebatendo críticas e acusações.

Era o ego se manifestando e combatendo intrusos.

Era o ego protestando contra a injustiça e jurando vingança.

Era o ego se diferenciando: eu não sou como vocês.

Era o ego se sobressaindo e insistindo que sabia mais que os outros.

Era o ego dizendo não sou assim, nem assada, sou complexa, rebelde, criativa, inquieta, dotada de grande capacidade de ver a vida como ela é. Era o ego fazendo distorções da realidade e se enganando. Não era nada não, logo me deram uns safanões e me destroçaram.

Passei a ser:

Menina sozinha assustada

Menina com medo de ser diferente

Menina de perna fina e orelhas de abano

Menina com dor de garganta e dor de dente

Menina com sonho de ter piscina

Menina descontente

Menina magra, feia e carente.

Tudo isso persiste ainda hoje.

Habito a Curva e essa não é a primeira vez.

Não sou igual somente em um detalhe, enquanto os outros vivem e se proliferam.

Eu sou pela extinção da morte.

Derrubo minha árvore genealógica.

Queimo sinais atávicos.

Arranco minhas raízes.

a vida contínua! É o que dizem

Continua até onde?

Até a morte.

Não posso impedir a morte, mas posso não gerar vida.

O que não nasce não morre.

Interrompo uma cadeia secular.

Não fornecerei novos prisioneiros.

Ai um dia tudo acaba.

Acaba sim

Quando menos se espera

Fim.